

# REVISTA DA SEMANA

Nº 0

26-2-49

CR\$ 3,00 EM TODO O BRASIL







EUY HEY

Oferta do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1949 que está à venda em todo o Brasil

Um livro ilustrado, repleto dos mais variados assuntos; um guia e um companheiro durante o ano novo; um manancial de contos maravilhosos; uma fonte perene de assuntos úteis e práticos; ciência, arte, literatura, calendários, novidades, história, informações etc.

Um companheiro de férias, de viagem, das horas de lazer.

Um volume com mais de 300 páginas, ilustradas, custando apenas Cr\$ 15,00

Pedidos pelo Reembolso ou mediante vale postal à CIA. EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — RIO.



# O PRESTÍGIO DO AUTOMÓVEL NA VIDA DE UM CACHORRO

DA primavera. Sol gloriosamente belo exibindo nos céus o invencível carro de Apolo, ocultando o brilho das estrelas que se escondiam temerosas do Rei das Alturas.

Cá em baixo, em modesta rua de subúrbio, crianças brincavam humildes e alegremente a jogar "peladas", em grande algazarra, quando uma delas fazia "goal".

Mulheres com seus vestidos berrantes, pés descalços, cabeças protegidas com pedaços de pano encardido, estendiam roupas nas cercas e varais, praguejando contra aquela gritaria da criançada. Às vezes bola de meia suja ia direta às roupas, prejudicando a técnica sempre contestada pelas patroas, de que as peças estavam bem lavadas e passadas. Classes desunidas.

Súbito enorme alarido.  
— Um cachorro danado!  
— Vem p'ra casa, Zarinha! Menino, corre que o cachorro doido vem descendo a rua!

Lá em cima, na esquina enfeitada de capim, um cãozinho rajado de preto e branco apontou agoniado, a correr de uma calçada à outra, parecendo estar perseguido e desejando ardentemente encontrar um refúgio seguro.

— Mata! Está com o mal!  
Atrás dele um grupo de meninos armados de pau e pedras ia atirando projéteis no miserável cão atacado da moléstia dos cachorros.

De quando em quando uma pedrada lhe acertava no lombo e ele gania dolorosamente, rabo entre as pernas, mofino, acovardado, incapaz de fazer frente à criançada.

De todas as portas surgiam espectadores. Mulheres corriam à rua para trazer ao lar, **manu militari**, os filhos mais audazes. Gente que vinha até ao gradil do jardimzinho com um pedaço de pão à boca e um cacete na mão. Era a mobilização geral.

Acuado, cercado de inimigos, acusado de loucura canina, o infeliz amigo do homem pulou uma cerca e se escondeu a um recanto de mato devoluto. Talvez com as cobras e sapos estivesse mais seguro. Cercaram-no cuidadosamente. Descobriram-no e lá vai pedrada. O cão gemia como se fôra gente. No ganido de aflição parecia dizer que tivessem piedade dele. Escapou novamente, como uma flecha, e se foi ocultar num quintal. Outra vez o sítio, a fuzilaria de rebo-los e pedaços de pau em cima dele. Os gritos do coitado já inspiravam piedade. A cada golpe um lamento. O menino que acertava gritava para todos a glória dessa pontaria. Matar, matar o cão danado, eis o objetivo. Pediam uma arma de fogo. Quando um cidadão veio com seu revólver, sucedeu esta coisa inesperada: de sua casa sai correndo um parente e lhe mostra, em voz baixa, uma notícia de jornal matutino. Alguém procurava um cãozinho com uma coleira de couro, branco, com manchas pretas no lombo e no focinho. Era manso e estava extraviado. Gratificação a quem o devolvesse são e salvo.

O carrasco recuou. Guardou o revólver e se aproximou do animalzinho amedrontado e cheio de marcas de pedradas. Fez-lhe um sinal estalando o dedo polegar com o médio. O cachorrinho correspondeu com um abanar da cauda. Súbito, daquela mesma esquina onde começou seu martírio, surgiu um carro particular. Dois meninos agarrados e em pé ao para-lama vinham escoltando os seus ocupantes. Tudo acontecia para a salvação do cachorrinho extraviado.

— Ele está aqui, o pobrezinho! Tão bonitinho! — Avançou uma senhora, que cuidadosamente largara no mato o porrete de dar em cachorro sem dono.

Uma senhora de elegância e aspecto aristocráticos saltou com um moço que parecia ser seu filho. Travaram o carro e se aproximaram do recanto onde se refugiara o cãozinho.

— Coitadinho! — gemeu ela. — Como está sujo! — Adiantou-se e o pegou com meiguice, encostando-o ao rosto, afetuosamente.

— Que gracinha! — disseram vários meninos e adultos que assistiam à cena inesperada. — Como é bonitinho!

Todos se acercaram, com grandes elogios à beleza do animal. Como era mansinho!

— Quem o descobriu? Quero gratificar.

De comêço houve vacilação. Todos o haviam visto; mas, por um reflexo de culpa, ninguém queria aumentar ainda mais a miséria moral diante daquele desfêcho inesperado. Se um dentre eles dissesse que era o achador, todos o desmascariam apontando-o como o algoz do formoso animal. A senhora, não querendo sair sem demonstrar sua generosidade, tirou uma nota de vinte cruzeiros e, chamando uma garotinha de quatro anos, toda lambuzada de pirão, suja e com os pés nus, disse:

— Tome, é só para você. Sua inocência é a única que merece gratificação.  
O carro partiu com o perseguido entre os carinhos quase maternos de sua dona, enquanto naquela manhã de sol muito lindo num céu escandalosamente azul ficavam a discutir o episódio, com caras de bobos, todos aqueles que queriam matar um cachorrinho, até que surge seu nome no jornal e, em seguida, um carro de luxo...

Quem saiu ganhando foi a pequerruchinha toda lambuzada de pirão, agarrada com unhas e dentes com aquela nota que lhe deu um cachorro, sem ser preciso jogar no bicho... Esta vida!

## REVISTA DA SEMANA

### Sumário

#### SEÇÕES PERMANENTES

|                                                                   |    |
|-------------------------------------------------------------------|----|
| O prestígio do automóvel na vida de um cachorro (Ruy Saulo) ..... | 3  |
| A personagem da semana .....                                      | 8  |
| A semana em revista .....                                         | 8  |
| O mundo marcha .....                                              | 9  |
| A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) ....                         | 47 |

#### REPORTAGENS

|                                                        |       |
|--------------------------------------------------------|-------|
| Contra a condenação do cardeal da Hungria              | 4/ 6  |
| Vida e glória do "spaghetti" (Giovani Sabbatini) ..... | 28/31 |

#### LITERATURA

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| Vida literária .....           | 7  |
| Livros novos (João Luso) ..... | 10 |

#### CARICATURA

|                 |    |
|-----------------|----|
| Bom humor ..... | 11 |
|-----------------|----|

#### NOVELA

|                                           |       |
|-------------------------------------------|-------|
| A jovem dos olhos cinzentos (Day Russell) | 12/13 |
|-------------------------------------------|-------|

#### BIOGRAFIA

|                          |    |
|--------------------------|----|
| A vida de Humboldt ..... | 14 |
|--------------------------|----|

#### RADIO

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| Cancioneiro (A. Migueis) ..... | 18 |
|--------------------------------|----|

#### SUPLEMENTO DA MULHER

|                                      |       |
|--------------------------------------|-------|
| Nos bastidores femininos .....       | 19    |
| Gente nova .....                     | 20    |
| Carnaval .....                       | 21    |
| Gente miúda .....                    | 23    |
| Mães e filhos (Anamaria Célia) ..... | 23    |
| Detalhes e novidades .....           | 24/25 |
| Week-end na cozinha .....            | 25    |
| Interiores .....                     | 34    |
| Recepção .....                       | 35    |
| Depois das cinco .....               | 36    |
| "Maillots" de "tricot" .....         | 38    |
| Lingerie .....                       | 38    |
| Seleções .....                       | 39    |
| Os bolsos dominam .....              | 40    |
| Muito elegantes .....                | 41    |

#### CONTOS

|                                         |    |
|-----------------------------------------|----|
| Remédio infalível (Álvaro Rosada) ..... | 22 |
| Pescaria (Alberto Leal) .....           | 42 |

#### ARTES PLÁSTICAS

|                                                             |       |
|-------------------------------------------------------------|-------|
| Vocação de guerreiro, alma de artista (Angelus Ravel) ..... | 26/28 |
|-------------------------------------------------------------|-------|

#### CINEMA

|                                  |       |
|----------------------------------|-------|
| Cine-revista (Frank Stein) ..... | 32/33 |
|----------------------------------|-------|

#### AVIAÇÃO

|                                         |    |
|-----------------------------------------|----|
| Pelas estradas do céu (André Max) ..... | 44 |
| Teatro (José Fomm) .....                | 48 |
| Música (Roberto Lyra Filho) .....       | 49 |

#### TURISMO

|                                           |    |
|-------------------------------------------|----|
| Bilhetes do meio do mundo (A. G. Coimbra) | 51 |
|-------------------------------------------|----|

#### FOLHETIM

|             |       |
|-------------|-------|
| Drago ..... | 53/54 |
|-------------|-------|

#### ILUSTRADORES

|              |  |
|--------------|--|
| Renato Souza |  |
| A. Fontoura  |  |

### NOSSA CAPA

Na nossa capa deste número apresentamos Martha Stewart, encantadora "estrelinha" da Universal-International, uma das figuras de "Você está no brinquedo". Miss Stewart exhibe nesta foto uma interessante sugestão às nossas leitoras para este Carnaval.





# CONTRA A CON- DENAÇÃO DO CARDEAL DA HUNGRIA

Reportagem de W. GUARNIERI  
Fotos KEYSTONE e A. VIEIRA

Quando em 1.º de fevereiro deste ano, Mathias Rakosi, líder comunista da Hungria, anunciou ao mundo o mecanismo da reforma da "República da Hungria" que, naquela data, comemorava o seu terceiro aniversário, para transformar-se numa "República Popular", igual a tantas outras repúblicas populares que regem os destinos de todos os países vizinhos da Rússia — o mundo ocidental manteve-se na expectativa de algum acontecimento grave, como consequência dessa transformação — pois assim fazia supor a experiência de outros governos populares já instalados na Polónia, Bulgária e nos países letões.

Aquela proclamação teve lugar três dias antes do anunciado julgamento do Cardeal Primaz da Hungria — Joseph Mindszenty — acusado por um tribunal popular daquele país como envolvido em um caso de espionagem, além de inúmeras outras acusações — e de um outro grupo de cidadãos ilustres entre os quais figurava o Príncipe Paul Eszterhazy, um dos mais ricos proprietários de terra de todo o país.

Desde o dia da instalação do Juri, até à decisão final e consequente leitura da sentença, o mundo cristão viveu horas de apreensões e de toda parte surgiram protestos contra o procedimento daquele tribunal popular — que contava o inegável beneplácido do próprio governo húngaro — no julgamento de uma das figuras mais destacadas da Igreja Católica da Hungria.

Esses protestos, partidos a princípio dos círculos católicos em todo o mundo, e depois de muitos governos dos países dos cinco continentes, inclusive uma enérgica nota de censura do governo norte-americano e outras duas não menos vigorosas por parte da França e da Inglaterra, além de numerosas moções de reprovação de, praticamente, quase todo o mundo ocidental — essas manifestações de desagrado ganharam maior expressão e vigor por ocasião da publicação da sentença que condenou o Cardeal Mindszenty à pena de reclusão perpétua.

Como não podia deixar de acontecer, onde a notícia daquela decisão se fez sentir em toda sua significação e extensão de um ato hostil à Igreja, onde calou mais fundo e suscitou maior indignação na própria sede universal da Igreja Católica Apostólica Romana — o Vaticano.

O Santo Padre Pio XII — chefe espiritual de milhões de católicos em todos os quadrantes da terra — convocou extraordinariamente o Sacro Colégio dos Cardeais num consistório secreto — havendo na véspera lançado a excomunhão da Igreja de Cristo sobre os responsáveis pelo julgamento do Cardeal Primaz da Hungria.

Num discurso especialmente dirigido aos membros do Santo Colégio o Papa, entre outras considerações, assim se manifestou em nome da Igreja Católica: — "...Tão logo soubemos que o nosso amado filho Joseph Mindszenty, Cardeal da Santa Igreja Romana, e Arcebispo da Hungria, havia sido encarcerado, num aberto repto à reverência que se deve à religião, enviamos uma mensagem de amor à hierarquia húngara, na qual pública e lenemente protestamos, como o nosso dever exige, contra a injúria feita à Igreja. Nêstes momentos, quando as coisas chegaram a tal ponto que esse mui digno prelado foi submetido à suprema humilhação e condenado como um criminoso à prisão perpétua, não podemos deixar de repetir esse solene protesto na vossa presença. Fazemos isto, principalmente, em nome dos sagrados direitos da religião que este valente prelado expôs e defendeu de maneira intensa e valerosa". E mais adiante, diz ainda Sua Santidade: — "...Embora com o coração penalizado lamentamos tão triste acontecimento e o submetemos, em seu sentido, à opinião pública e ao tribunal da História para o seu julgamento final".

★

Cumprindo a decisão do Santo Padre, os católicos do mundo inteiro — parcela considerável da opinião pública de várias nações civilizadas do mundo contemporâneo, se movimentaram para testemunhar sua sentida desaprovção ao ato injurioso, que ofendera tão rudemente a sua Igreja.

Em Londres, no Royal Albert Hall, os mais altos dignitários da Igreja Católica na Inglaterra, reuniram-se num protesto solene. Em Nova York, o Cardeal Francis Spellman, num dramático apelo ao povo americano para que protestasse contra a condenação de Mindszenty, terminou sua exortação dizendo que "a sentença de prisão perpétua imposta a Mindszenty é

(CONTINUA na pag. 55)



Um rádio-foto do Cardeal Mindszenty apanhado na prisão

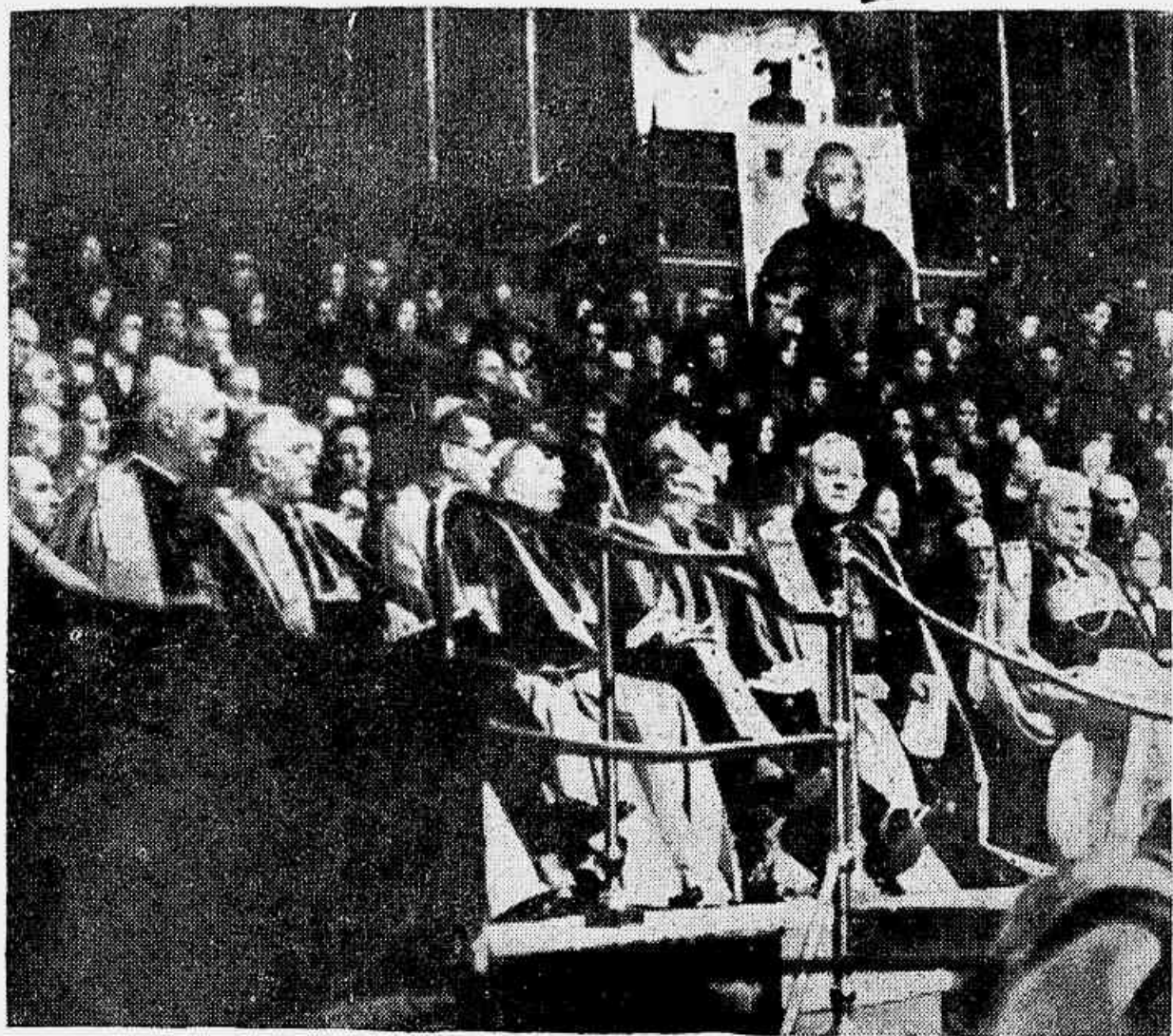


No tribunal de Budapeste, o cardeal Mindszenty, minutos antes de ser condenado à prisão perpétua, faz suas últimas declarações



Um empregado do Tribunal exhibe o tubo de ferro que contém os documentos que a acusação apresentou como comprobatórios durante o julgamento





Em Londres, os dignitários da Igreja Católica reúnem-se no Royal Albert Hall, para um protesto solene contra a condenação do tribunal húngaro



No tribunal, de pé, os condenados da corte popular ouvem a sentença: Dr. Justin Baranyai, 15 anos de prisão; Mindszenty, prisão perpétua; Dr. Laszlo Toth, chefe da Imprensa da Igreja Católica da Hungria, 10 anos; Príncipe Paul Eszterhazy, o mais rico proprietário de terras na Hungria, 15 anos e confiscação de bens; Padre Bela Inpany, prisão perpétua, e Miklos Nagy, secretário da Ação Católica, 3 anos



Em Budapest, os correspondentes estrangeiros examinam um dos documentos que serviu para o promotor do Tribunal do Povo formular a acusação contra o Cardeal Primaz



Está sendo lido o "verdictum". O Cardeal, em pé, entre seus carcereiros, e o Dr. Baranyai, ouvem a sentença



Mindszenty, durante um intervalo do julgamento, sendo entrevistado por um jornalista





Membros da colônia húngara, conduzindo a bandeira magiar, tomaram parte na procissão de protesto



A procissão se estendia desde a porta da Candelária até as imediações da Praça Onze de Junho, enchendo literalmente a Avenida Presidente Vargas



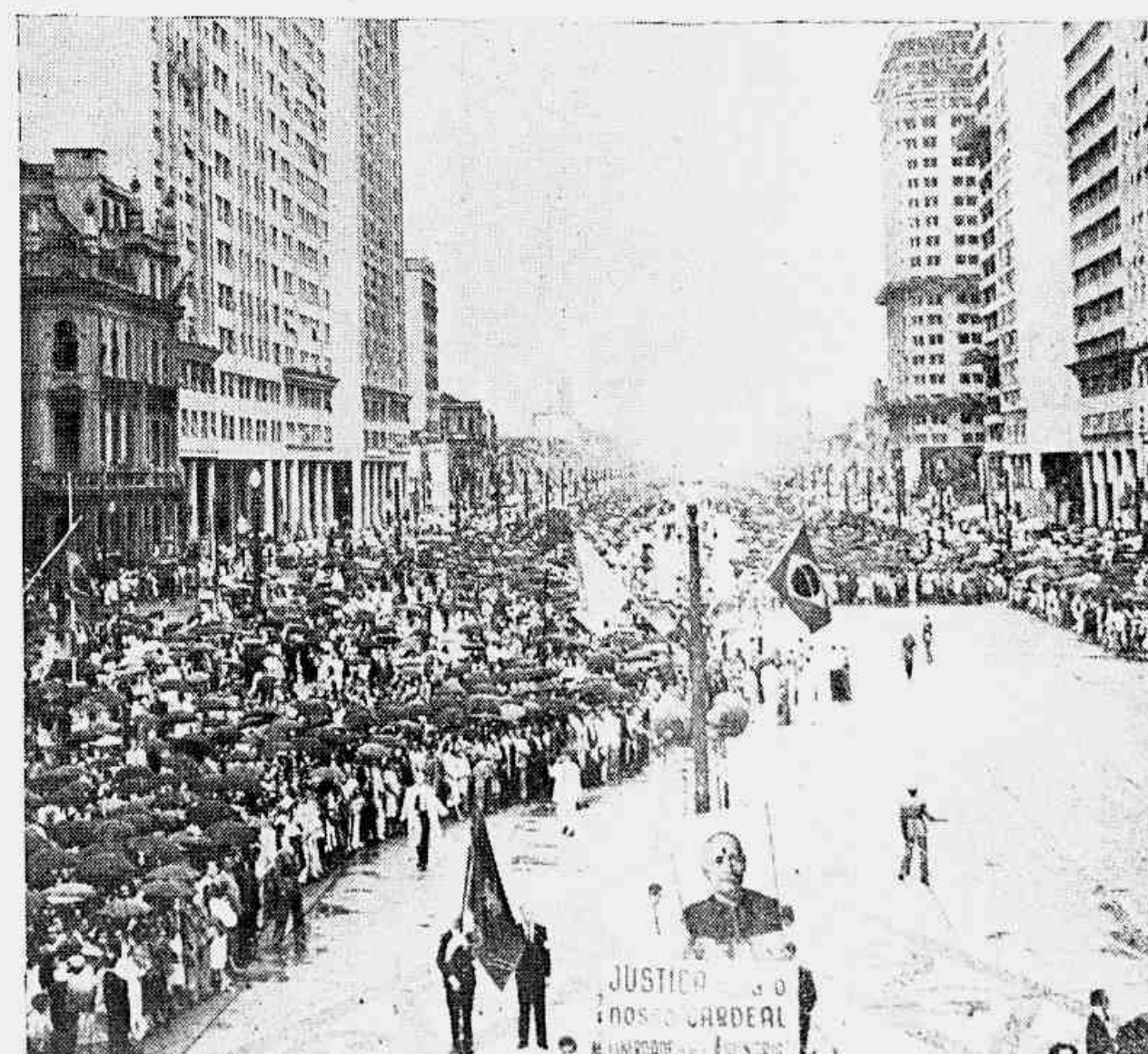
Filhas de Maria, durante todo o percurso, espalhavam pétalas de rosas pelo chão da avenida



Outro aspecto de uma das irmandades que tomaram parte na procissão



Uma das numerosas famílias da colônia húngara do Rio, que tomou parte na procissão. São refugiados recém-chegados de seu país, onde tiveram ocasião de testemunhar a agitação de seu povo em face ao julgamento do Cardeal Mindszenty



Aspecto da Av. Presidente Vargas, tomado quando a multidão começava a se concentrar em frente à Igreja da Candelária, para ouvir a palavra dos dignatários da Igreja



# VIDA LITERÁRIA

## SOMERSET MAUGHAM, O MESTRE DA PENA, EM VÉSPERAS DE RETIRAR-SE DA ATIVIDADE LITERÁRIA, OFERECE CONSELHOS TÉCNICOS A POSSÍVEIS SUCESSORES

**F**AZ poucos dias, um jornalista norte-americano de nome Harry Gilroy, antigo fã de Maugham, alimentava no seu espírito a louvável esperança de, um dia, poder substituir o eminente escritor na seara das letras, quando o velho beletista se aposentasse.

Certa manhã, com tão bela aspiração, largou-se o repórter até aos aposentos do romancista no Plaza Hotel e procurou entrevistá-lo.

Como não podia deixar de suceder, Maugham o recebeu com aquela velha fidalguia de sua linhagem britânica e ofereceu uma poltrona macia ao visitante.

No excelente, sóbrio e inspirador apartamento do beletista, o repórter verificou que, na verdade, estava no "habitat" de um homem de espírito e cultura, de educação e urbanidade. Mas ficou admirado por ter encontrado também, sobre uma mesa, garrafas de whiskey e vermute, que nem foram usadas pelo escritor, nem tão pouco este ofereceu um cálice ao jornalista.

A palestra girou imediatamente sobre os planos futuros do emérito literato, e este foi explicando que, já estando na reta de seus setenta e cinco, estava resolvido a retirar-se do profissionalismo literário, passando a ser um escritor amador, sem competir com qualquer um outro.

Fez essa declaração denotando na inflexão da voz e no traço luminoso do olhar de homem sincero, a mais firme decisão de deixar um posto aberto àqueles que possuíssem capacidade intelectual e ânimo para escrever histórias para o povo, esses milhões de leitores de língua inglesa que fazem a felicidade dos bons autores ou desmancham os sonhos dos mediocres.

Aproveitando o momento, o jornalista lhe perguntou o que ele julgava indispensável para que alguém viesse a tornar-se, como Maugham, um dos maiores escritores do mundo.

Acomodando-se confortavelmente numa cadeira macia e estendendo os braços ao longo da mesma, o grande autor tão aproveitado no cinema norte-americano, lançou um olhar para o alto, como se quisesse concentrar seus pensamentos, e começou a falar. Antes de ouvi-lo, o repórter reparava no seu porte de verdadeiro Rei das Letras. Não duvidava de que seu irmão, Lord Chancellor da Inglaterra e Visconde Maugham, sentisse inveja daquele grande homem, aristocrata no tratar, fidalgo de sangue e Príncipe da Literatura; sua cabeleira bem tratada e lisa, de tons castanhos entremeados de cãs, dava-lhe uma excelente moldura para um retrato sem póse superficial ou estudada, inspirando a um bom artista, talvez, uma obra-prima das artes plásticas. Vestido com simplicidade, sua camisa azul, gravata negra, sapatos "mocasin", tanto podia ser um trabalhador como um escritor.

Iniciamos aqui, resumindo, as respostas do autor de "Of Human Bondage":

— Todos estes milhões de pessoas podem tornar-se bons autores — diz ele. — O trabalho é um entretenimento e as recompensas podem ser grandes. Muitas vezes o erro está em que procuram ser autores românticos e, sem dúvida, isso constitui empresa difícil e árduo trabalho mental. É preciso criar, e criar é difícil. Quando estive na Índia, conheci um homem que ia para seu posto de meditação. Disse-me ele que, após três horas de concentração mental, ficava de tal modo exausto que era obrigado a manter-se deitado, em absoluto descanso. Ora, quem escreve, como sabe, não somente exerce grande exercício de meditação, como também de transferência física com a atuação em palavras no papel.

O olhar de Maugham se estendeu através da janela aberta, por onde o sol fazia entrar seus raios deslumbrantes, e ele prosseguiu com ligeiro sorriso:

— Agora vamos às perguntas que me quer fazer sobre a melhor maneira de uma pessoa tornar-se escritor, em determinado tempo.

1ª — De que precisa o escritor para começar?

— Em primeiro lugar, experiência.

— Por exemplo — aventurou o jornalista — beijando uma "girl", ou perdendo algum dinheiro no "poker"...

— Exatamente. Se bem que para se saber o gosto da carne de porco não seja preciso comer-se o porco inteiro, é, sim, indispensável que pelo menos provemos uma costeletinha ou uma fatia. Não sei se o amigo sabe que eu, antes dos meus vinte anos, li grande número de livros de Maupassant. Dou-me por muito feliz em ter sido um fã incansável de tão grande guia literário. Como deve saber, nasci em Paris, e tempos depois, após frequência

nas escolas da Inglaterra, voltei à capital francesa e lia constantemente as obras desse escritor porque seus livros estavam sempre expostos nas prateleiras, e eu me aproveitava disso para devorá-los gratuitamente, sob pretêxo de tornar-me, depois, um freguês. Além desse primeiro atributo, é preciso que um candidato a escritor possua, para começar, um pouco de talento.

2ª — Como poderá o escritor fazer sua obra?

— Não deve esperar por inspiração, é certo. Se nos fiarmos somente na disposição, teremos que escrever muito pouco. É preciso adquirir-se o hábito de escrever todos os dias. Muitos têm dificuldades em fazê-lo diariamente, e eu mesmo estou incluído nesse número. Tenho dois métodos de sair de tais embaraços. Quando estou no banho penso numa ou noutra coisa a escrever. Às vezes nada consigo, e, então, só tenho que executar o segundo método: escrever seja como for, e das maiores bobagens e ninharias vejo surgir uma real produção literária.

— Subconsciente?

— Sim. E tenho experiência própria, como as têm também muitos outros autores, os quais, como eu, dizem diante de certos escritos: "Como diabo escrevi isto?". Garanto que as melhores páginas são escritas graças ao subconsciente.

3ª — Quais as melhores condições para produzir?

— Tenho um quarto no mais alto ponto de minha casa. Gosto da quietude. É um grande cômodo olhando para o Mediterrâneo e para as montanhas. É curioso que sinto, quando escrevo, pés e mãos frios, pois, segundo me explicou o médico, todo o sangue me sobe à cabeça. Cada escritor tem, porém, suas condições. Compton Mackenzie, por exemplo, sempre acreditou que seus melhores escritos eram conseguidos ao ouvir a esposa ao piano, e a pobrezinha tinha que tocar até ficar exausta! Não sei se tal ainda sucede, ou não.

4ª — Quantas horas devem ser empregadas durante o dia?

— Três são o bastante. Darwin, segundo li algures, nunca escreveu mais do que três horas por dia. Mas isso depende da pessoa e de suas ocupações.

5ª — Como deve trabalhar o escritor quando fora de seu gabinete?

— Primeiro, encontrar tipos. Embora muitos autores como Hugh Walpole digam que é possível criar caracteres fora do mundo objetivo, não creio nisso.

6ª — Que estilo recomenda para um escritor?

— Escrever simples e claro tem sido meu sistema. Sempre que vou fugindo desse caminho, retomo o primeiro. Um autor precisa fixar sempre em seu espírito que está procurando adquirir leitores que creiam em suas histórias. Há várias linhas de execução. Estilos à Dickens, histórias como a de "Madame Bovary", histórias de detectives...

7ª — Há algum tema com o qual deva começar o escritor?

— O escritor deve iniciar com o tema de que seja perfeito conhecedor. Quando era eu estudante de medicina e a serviço num hospital de bairro pobre de Londres, escrevi "Liza of Lambeth", publicado quando tinha eu 23 anos. Para muitos dos escritores jovens, a maior seara de seu material tem sido a recordação de sua meninice. Ainda prematuramente fui à Espanha e ali, como escritor, produzi três ou quatro novelas, não muito boas. Estou certo hoje de que estraguei temas que poderiam ser aproveitados, excelentemente, depois.

8ª — Que lê o escritor americano sobre literatura americana?

— Alguma coisa de cada coisa. No passado há três grandes novelas americanas: "Moby Dick", "Huckleberry" e "The Scarlet Letter". Há outros autores e obras, mas que representam produções situadas em certos períodos. E, porém, grande livro aquele "The Embassadors", de Henry James.

9ª — Quanto ao estilo, que diria a um jovem escritor sobre simbolismo?

— Não compreendo simbolismo em ficção. Trata-se de uma "moda" do dia que terá desaparecido mais tarde ou mais cedo.

10ª — Que me diz sobre motivos sociais em novelas?

— As novelas de propaganda são, muitas vezes, animadas do desejo de reformas e pelo bem da humanidade. Embora simpatize com esses motivos, não creio que tais temas conduzam a boas novelas. O que sucedeu com "Hard Times" e "David Copperfield", de Dickens, é uma prova de que estou com a razão.

11ª — Como deve começar um jovem escritor: a máquina ou a pena como nos velhos tempos?

— Não é fácil a resposta. Eu escrevo, cada linha a mão. Jamais achei uma máquina capaz de penetrar no subconsciente; mas com uma caneta-fonte isso é fluente.

A essa altura tilinta o telefone. O escritor se ergue e atravessa o quarto. Seu porte de simples dignidade e com a graça de movimento surpreendente num homem de sua idade, denunciava ali o inglês nascido na França, educado em Heidelberg e que atendeu os doentes pobres num subúrbio de Londres; conviveu insatisfeito na rica Riviera e dirigiu ambulâncias na França; foi agente secreto na Suíça e Rússia na primeira Grande Guerra, jovial convalescente de tuberculose pulmonar e, mais que tudo, o autor de grande número de romances e novelas de renome mundial.

Quando ergueu o fone, percebeu o repórter a doce modulação de voz feminina ao outro lado. O escritor sorriu e respondeu:

— Olá, querida! Estou perfeitamente bem, graças à encantadora hora que passei esta manhã. Sim, às duas horas, querida. Jogaremos "bridge".

Esse delicado modo de conversar do escritor estava perfeitamente adequado a um verdadeiro e cavalheiresco Maugham.

Depois dessa entrevista, Harry Gilroy, segundo ele próprio o confessa, desistiu de candidatar-se ao difícil lugar de substituto de Somerset Maugham...



Somerset Maugham, que pretende retirar-se breve das atividades literárias





O Professor Chaim Weizmann, um sábio para quem nada é mistério nos domínios da Química, um pensador e filósofo, considerado por todo o mundo como um dos maiores autores da vitória de Israel na política mundial, acaba de assumir a Presidência do novo Estado Judaico na histórica e sofrida Jerusalém.

Com setenta e quatro anos de idade quase todos dedicados à luta ininterrupta pela emancipação de seu povo e a reconquista de seu país, esse homem extraordinário ingressa nesse novo capítulo da história contemporânea como o primeiro Presidente efetivo de Israel.

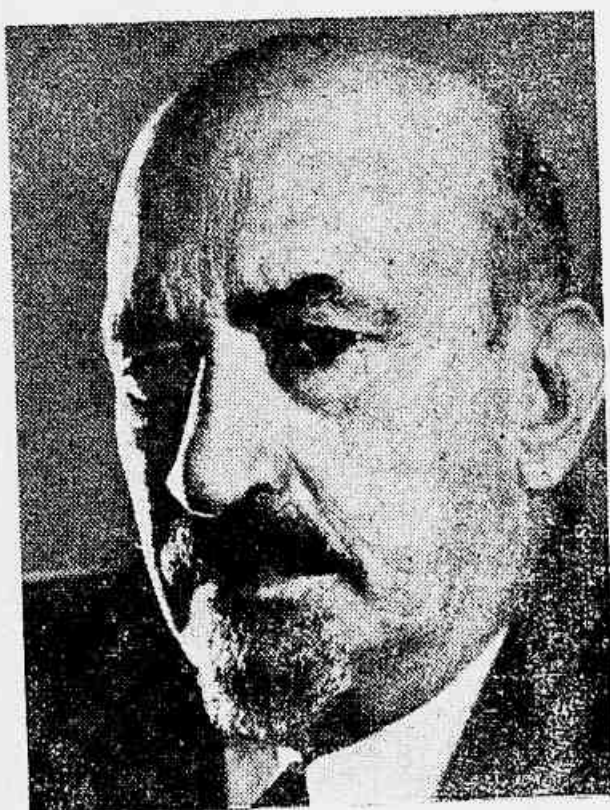
Sua vida foi a mais pertenez e constante batalha para reaver o que todos os sionistas desejavam há milênios: a Pátria Perdida no entrelhecho das convulsões internacionais nutridas pelos interesses em conflito das grandes potências.

A figura de Weizmann, porém, tanto nos Congressos Sionistas levados a efeito em várias partes do mundo para a manutenção da fé numa vitória próxima, como nos laboratórios, na palavra e na literatura, era a grande esperança de seus patrióticos e simpáticos.

Em duas guerras de extermínio ele atuou e fez atuar seus irmãos em crenças e membros de sua família. Em ambas as conflagrações lutou ao lado dos aliados.

Professor e Presidente de uma Universidade, preocupou-se com a crise de borracha para a indústria bélica dos Estados Unidos e, foi tão valiosa sua colaboração que arrancou do então Vice-Presidente Wallace estas palavras: "Jamais poderemos o mundo conhecer o que significou a contribuição de Weizmann para a conjuntura e queda de produção da borracha sintética".

Homem de grande personalidade, caráter firme, impermeável a bajulações,



O prof. Chaim Weizmann, renomado químico e infatigável batalhador pela emancipação de Israel, eleito e empossado a 17 de fevereiro como seu primeiro presidente efetivo

sempre erecto diante das maiores contrariedades, sem deixar-se abater pelos golpes da adversidade em sua longa e tumultuosa carreira, o Prof. Weizmann transmitia aos seus amigos e à sua esposa esses exemplos de fortaleza de ânimo, como sucedeu quando o casal recebeu a infausta notícia de que seu filho Michael, oficial da RAF, era dado como perdido em batalha aérea na Alemanha.

Grande parte de sua vida política está contida no seu livro "Trial and Terror", espécie de auto-biografia em que ele narra muitos dos principais episódios de sua existência, e nos revela os embates da vida de verdadeiro herói.

Nada mais justo, pois, essa eleição do povo israelita escolhendo um dos maiores vultos da História Judaica e lhe entregando os destinos da jovem nação ressurta.

A cerimônia da posse se revestiu de mais tocante solenidade. Escoltas militares com "jeeps", carros blindados e motocicletas, todos com seus capacetes de aço, formavam a guarda de honra de Rehovoth a Jerusalém. Entre exclamações de alegria e gritos de entusiasmos de milhares de pessoas em todo o percurso pela Cidade Santa em demanda da Assembléia, o presidente Weizmann e sua senhora foram aclamados delirantemente até mesmo por elementos árabes nos seus alvos "keffiyah".

Depois de ter cortado com uma tesoura de prata a fita azul e branca, que simbolicamente o impedia de entrar na Cidade, o prefeito lhe entregou uma chave de ouro, sendo coberto de flores pelos alunos das escolas de Jerusalém. Já no salão de honra das Assembléias, o professor Chaim Weizmann, com a mão direita erguida, fez o juramento: "Eu, Chaim Ben Ozor Weizmann, como presidente do Estado, juro obediência ao Estado de Israel e às suas leis".

# a SEMANA EM REVISTA

## POVOS COLONIAIS

Não estamos muito bem a par dos trabalhos realizados nas Assembléias Gerais da O.N.U., especialmente no que diz respeito à atuação dos delegados brasileiros. Houve uma semana em que vieram ao Brasil algumas notícias, essas mesmas bastante vagas e mutiladas. Parece que as agências que suprem o serviço de imprensa pelo mundo não gostam de mandar nada sobre o Brasil e seus representantes, preferindo focalizar outras personagens de mais em evidência no cenário mundial. Estamos convencidos de que os episódios ou fatos que surgem na sociedade não devem ser selecionados pelo critério da maior ou menor importância dos seus autores e elementos causais. O que se quer é o mérito da coisa em si mesma, o seu valor intrínseco. Numa dessas notícias se dizia que o nosso representante sr. Alvaro Maia, orador seguinte, esgotou a hora destinada ao expediente pronunciando longo discurso relatando sua atividade na III Conferência da Assembléia Geral da O.N.U., como integrante da delegação do Brasil, juntamente com o sr. Artur Bernardes Filho. O relatório do sr. Alvaro Maia compreende 160 páginas dactilografadas, inclusive diversos documentos. Estuda ele, entre outros assuntos, o regime colonial, sob a nova interpretação da Carta das Nações Unidas, que é preparar os povos coloniais para a autonomia. Eis o que fez o sr. Alvaro Maia ali. Mas... quem é esse sr. Alvaro Maia? O ex-governador do Amazonas? Em que consistirá esse trabalho que defende a emancipação das Guianas vizinhas à nossa Amazônia misteriosa? Qual é a opinião da representação brasileira à O.N.U. a respeito da autonomia das colônias africanas? Que diabo! Esses delegados são representantes do Brasil e, assim, devia o povo ficar sabendo de todas estas coisas.



## LICENCIOSIDADE NOS CINEMAS

Está assumindo caráter de franca pornografia o hábito cada vez maior que espectadores assumem nas platéias de nossos cinemas, fazendo palhaçadas, conversando alto, irradiando críticas indecorosas, em desrespeito aos demais espectadores. Dantes, esse mau costume era notado nos cinemas de quarta classe aí pelos subúrbios; hoje, é qualquer cinema dos luxuosos de primeira linha que serve de palco a exibições de grã-finos sem o menor preceito de educação social. Já não se trata do reprovável costume de fumar incessante em recintos fechados com gente sentada pelos tapetes em excessos de lotação. O ar se torna irrespirável e o ambiente parece um campo de queimada para fazer plantações no sertão. Embalde há uns letreiros luminosos advertindo que "de ordem da polícia" não se deve fumar. Embalde, antigamente as gerências dos cinemas nem falavam ao microfone: "Os senhores cavalheiros que estão fumando queiram apagar seus cigarros ou retirar-se". Tudo inútil. Alto-falante nunca deu educação a ninguém, e a prova é que, agora, esses avisos teriam que ser dirigidos aos "senhores e às senhoras", pois tanto homens como mulheres fumam desabaladamente durante as projeções cinematográficas. Esse abuso não tem mais jeito e o que devem fazer os que não suportam o mau cheiro de cigarros intoxicantes, é levar máscaras contra gases... O pior é, atualmente, a licenciosidade que sai, sem o menor respeito público, das pilhérias grosseiras de alguns moços engraçados. Muitas vezes, cenas dramáticas que nada têm de jocosas, são recebidas com gargalhadas e ditos apimentados de espectadores que não deviam permanecer no recinto dos cinemas, e sim ingressar em escolas reformatórias do caráter e dos hábitos, pois, ao que pensamos, o Rio ainda não chegou a tão indecoroso estado de dissolução.



## CARTA DO VAGABUNDO

O homem é um animal mal essencialmente associativo. Isso é mais velho do que o Pão de Açúcar. Como prova vejamos o que acaba de acontecer com os vagabundos da Inglaterra. Fred Husband é o líder da classe naquele país, dirigindo nada menos de quinze mil companheiros. Havendo os poderes públicos procurado dar-lhes emprego, todos eles se revoltaram com essa ousadia do governo britânico e repeliram a afronta que ia de encontro à dignidade da classe. Negaram-se a trabalhar e declararam ainda por cima que preferiam viver ao acaso, sem direitos, mas também sem nenhum dever. Mas é aí que entra o líder Husband. Dono de alguma instrução, este comandante de vagabundos imaginou a organização de uma Constituição, a que deu o significativo nome de "Carta do Vagabundo", e remeteu a obra a várias comissões parlamentares. Como era de esperar, o projeto, porém, não alcançou nenhum êxito. Então Husband pensou em coisa ainda mais sensacional: escreveria dois livros. Uma novela descrevendo a vida de seus companheiros, e um outro com a descrição das granjas e seus celeiros, excelentes abrigos para quantos não têm casa onde viver. Como não se pode lançar livros sem editor, Fred Husband está à procura de um Messias que lhe dê a glória de tornar-se um novo João Sem Terra, ou seja, o primeiro chefe de gente sem trabalho a fornecer ao mundo uma Constituição original ou alguns livros saídos da trama de sua própria vida de andarilho sem rumo e sem destino. Se conseguir, não tenhamos a menor dúvida, acabará como "astro" do cinema em Hollywood, mesmo para trabalhar de graça, onde já há muita gente, a cantar: "Pra que chorar? Pra que? Pra que?"...



## AUTOMÓVEIS OFICIAIS

Muita gente se admirou ao ler em nossos jornais um telegrama proveniente de Buenos Aires no qual se dizia que o governo da Argentina expedira decreto proibindo que as repartições do governo adquiram automóveis para seu uso. Ficava permitida apenas a compra de caminhões e ambulâncias. Segundo o ato do Executivo, estavam os funcionários públicos, daquela data em diante, obrigados a pagar os prêmios de seguro dos automóveis oficiais e a manter sua conservação até a respectiva entrega. Para nós, da América Latina, isso é uma coisa absolutamente incrível. Entretanto, nos países civilizados da Europa o alto funcionário público, como os ministros de Estado, etc., não se aproveitam de seus cargos para esbanjar gasolina e estragar por desgaste cotidiano os autos que a nação lhes fornece exclusivamente para o serviço rotineiro. Lembremo-nos de que, certa vez, ao ser escolhido Poincaré para alto cargo do governo da França, ao ser entrevistado por um repórter, disse-lhe o velho político que não gostava de deixar sua profissão de advogado para ocupar tais cargos, uma vez que se via obrigado a despendar muito com taxis... E explicou: como simples cidadão, qualquer transporte lhe servia e ele não estava obrigado a andar às carreiras para chegar sempre à hora das reuniões de Ministérios e demais convocações político-sociais. E nem sempre lançava mão do carro oficial, pois não era costume abusar-se assim dos recursos do povo para fins mais ou menos individuais. Vejam só. Um Poincaré e outros grandes homens com esses escrúpulos. Entre nós... Mas para que pensar que da raça de nossos funcionários públicos com direito a carros oficiais saia algum Raymond Poincaré?...

ANO XLVIII

## REVISTA DA SEMANA

N.º 9 — 26-2-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

|                               |             |                  |            |
|-------------------------------|-------------|------------------|------------|
| Porte simples, — Um ano ..... | Cr\$ 140,00 | Seis meses ..... | Cr\$ 70,00 |
| Registrada — Um ano .....     | Cr\$ 170,00 | Seis meses ..... | Cr\$ 85,00 |

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

|                           |             |                  |             |
|---------------------------|-------------|------------------|-------------|
| Registrada — Um ano ..... | Cr\$ 270,00 | Seis meses ..... | Cr\$ 140,00 |
|---------------------------|-------------|------------------|-------------|

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro

Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602  
Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-press" - Florida, 299 - Tel.: 32. Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

★ ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS





Excomungados os responsáveis pelo julgamento de Mindszenty. Os ingleses querem dez milhões de esterlinos pela Leopoldina Railway. Decidiram os nacionalistas chineses abandonar Tsintão, que se encontra cercada pelas forças comunistas. Churchill pretende visitar os Estados Unidos em março vindouro. O "Izvestia", de Moscou, comentando a recusa dos Estados Unidos às propostas de paz de Stalin, diz que os yankees "voltaram a mostrar sua intenção de desencadear nova guerra". Chegou ao Rio, de passagem, o "Argentina", conduzindo os turistas americanos para o Carnaval, os quais pretendem antes visitar o Prata. Cortina de radar em torno dos Estados Unidos, é o que planejam os governos do Canadá e de Tio Sam. Aumentados os preços das passagens de bondes no Rio de Janeiro. Condenada, pela Justiça, a indenizar os prejuízos causados com o furto de uma valise do quarto de um hóspede, a proprietária de um hotel do Rio. Aprovado pela comissão competente na Câmara dos Deputados o projeto de regulamentação dos dissídios coletivos de trabalho. Afirma o prefeito que serão mantidas as viagens das barcas da Cantareira para a ilha do Governador. Continuam a subir as águas do rio São Francisco, inundando várias cidades do norte de Minas. Discurso especial do Papa Pio XII aos membros do Sacro Colégio em Roma, sobre a condenação do cardeal Mindszenty. Realizam-se as eleições para escolha do novo presidente de Portugal, concorrendo sozinho o general Carmona. Duas missões de paz dos nacionalistas chineses procuram entendimentos com os dirigentes comunistas. Observadores financeiros britânicos acreditam que o Tesouro inglês é contrário à política de liquidação dos títulos brasileiros seguida pelo nosso governo. Mais 5.580.000.000 de dólares para o Plano Marshall, é o que anuncia Truman. Instalados, no Rio, os trabalhos da II Sessão do Comitê do Censo das Américas para 1950. Apoio da Câmara dos Deputados às manifestações de desagravo à Igreja Católica. Não serão aumentados os preços dos ingressos dos cinemas cariocas. Reproduz-se o episódio ocorrido há tempos em Nova York, durante a irradiação da novela de H. G. Wells "A guerra dos mundos", numa emissora de Quito, tendo o povo equatoriano, enfurecido, incendiado o prédio onde funciona a Rádio Quito. "Votou o povo português contra a ameaça do Leste", anuncia o ministro do Exterior do governo luso. Detida na Rússia a jornalista Anna Luise Strong, sob acusação de espionagem. Pediu demissão o sr. Sun-Fo, novo "premier" chinês. A Noruega não se encontra muito disposta a aderir ao Pacto do Atlântico Norte. Os comunistas de Budapeste alegam que o governo húngaro comunicou ao Vaticano, antes do julgamento, o propósito de que se encontravam de deixar que Mindszenty saísse da Hungria, a fim de facilitar uma aproximação entre a Igreja e o Estado, tendo a Santa Sé rejeitado essa proposta. Saldo favorável ao nosso país no intercâmbio comercial com os Estados Unidos. "Ineficaz e inútil o regime da licença prévia", assim se manifestou um membro da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados. Chega a Nova York o coronel João Alberto, em viagem de caráter particular. Retira-se a Rússia da Organização Mundial de Saúde. Trinta e três nações expressam ao Papa suas condolências a respeito dos acontecimentos da Hungria. Não pretendem os Estados Unidos influir nas diretrizes do Censo das Américas. Aumentam os russos as forças de ocupação na Alemanha. Realiza-se no Rio uma procissão em desagravo à Igreja Católica injuriada pela condenação de Mindszenty, com a participação de altas autoridades civis, militares e eclesiásticas. Retira-se a Argentina da Conferência Internacional do Trigo. Caem na França os preços dos produtos agro-pecuários, pela primeira vez, em dez anos; a produção e os estoques superam a procura. Fracasso definitivo do bloqueio soviético de Berlim, é o que dizem as autoridades norte-americanas de ocupação da Alemanha. Grande concentração cívico-religiosa em Roma, de protesto contra o julgamento de Mindszenty. Denúncia de um membro da C.C.P. sobre a recusa dos moinhos estrangeiros em obedecer a uma determinação daquele órgão para a mistura do produto nacional na farinha de trigo importada. Destruída pelo fogo uma fábrica de papel na Tijuca. Aumento para os contratados, diaristas e tarefeiros do Estado do Rio. O presidente Perón tenta, desesperadamente, apurar a abalada estrutura econômica argentina. Novo prédio para a Embaixada do Brasil em Londres. Inaugura-se, em São Paulo, a I Mesa Redonda da Conservação do Solo. Confirma o vice-presidente da C.C.P. a acusação de sabotagem ao trigo nacional. Judicialmente impedido de realizar bailes carnavalescos em sua sede o Clube dos Fenianos, tendo sido dado ganho de causa a um hotel vizinho que se diz prejudicado pelo barulho. Os jornais de São Paulo anunciam que publicarão diariamente a relação dos deputados faltosos às Assembléias Parlamentares, para mostrar aos legisladores suas responsabilidades como representantes do povo. Domínio absoluto da Hungria pelo comunismo. Nenhum compromisso prévio de assistência militar no Pacto do Atlântico Norte. Trygve Lie diz que a O.N.U. não é circo e, por isso, não pode estar viajando para toda parte. Pretende a França exportar trigo. Preso em Budapeste um "correio do Vaticano", quando procurava entrar em contacto com os bispos locais para entrega de uma mensagem do Papa. Memorial dos portuários ao ministro do Trabalho sugerindo a fixação da aposentadoria integral aos 35 anos de serviço.



## Paris criou as Essências dos produtos PAINEIRAS

EXTRATO OU LOÇÃO Cr.\$50,00 PELO REEMBOLSO POSTAL  
ENVIAM-SE CATÁLOGOS AOS VAREJISTAS  
RUA S. FRANCISCO XAVIER, 862 - RIO

## CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

- 1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a REVISTA DA SEMANA.
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



# LIVROS NOVOS

## JOÃO LUSO

### FLORES DO EXÍLIO

Sonetos de  
MARIA ELVIRA

Pongetti  
Rio de Janeiro  
1948

nos versos da sra. Maria Elvira e igualmente não-las fazem sentir e prezar.

A sra. Maria Elvira afeiçãoou-se prediletamente ao soneto, que de tantos poetas tem crescido ou até criado a glória. Toda a gente conhece aquele que tornou célebre Arvers e se tornou o motivo único da sua celebridade. Assim a pequenina peça poética se engrandeceu e notabilizou a si mesma. Já Boileau, mestre e conselheiro de poetas, num final de lição rimada, havia dito:

Un sonnet sans défaut vaut seul un long poème.

No presente livro mesmo se citam, vindos de várias épocas e idiomas, alguns sonetos em louvor do soneto. E a eles se podiam juntar os primorosos quatorze versos de Filinto de Almeida:

Meu amigo soneto, eu te agradeço...

Serão, perante Boileau, irrepreensíveis os sonetos da sra. Maria Elvira? Não ousamos afirmá-lo. Nem sempre a artista mantém a simetria das rimas que o puro tipo exige — e que, em verdade, excelentes poetas têm deixado de observar; o jogo das tônicas também, nas suas composições, varia, como se fôra coisa dependente do seu critério ou gosto, do seu arbítrio pessoal... Em todas estas páginas, porém, se encontra beleza plástica e fino sentimento. Vejamos, ao acaso, a que se intitula "Realidade ou sonho?":

No sombrio caminho do destino,  
Divisei a ventura que sorria.  
Despontava a manhã. No azul divino  
O sol cantava um hino de alegria.

Qual na pobreza o mísero menino  
Do brinquedo do rico desconfia,  
Com todo o seu encanto peregrino  
A ventura a seguir não me atrevia.

Acostumada às trevas da desgraça,  
Cegou-me a luz que da ventura esvoaça,  
Que em sonhos vi luzir e se apagou.

Apagou-se? Eu não sei, na realidade,  
Se isto foi a expressão de uma verdade  
Ou sonho que a minha alma então sonhou.

### L'AMÉRIQUE DECOUVRE L'AMOUR

Estudos de psicologia  
galante ou passionnal de  
LÉOPOLD STERN

Editions Pierre Ardent  
Paris  
1948

nidamente ele diverge e se renova. De um para outro indivíduo pode variar, se não tornando-se o oposto do que era, assumindo feições, aspectos, pormenores, cambiantes distintas e até mais ou menos surpreendentes.

O sr. Stern tem examinado, comentado, discutido o amor numa série de livros consideráveis. "Psychologie de l'amour contemporain", "Quelques aspects de l'amour moderne", "La Course à l'amour", "Boutades et paradoxes sur l'amour", outros volumes ainda, de títulos igualmente sugestivos. Terá ele, desta vez, encerrado o programa de analista e árbitro dos casos do coração, que o são verdadeiramente ou assim se denominam por eufemismo? Não nos parece provável. Sempre lhe ocorrerão, sobre a matéria, idéias e impressões que tomará por inéditas. Quem assim se habituou a acompanhar de perto, e poderíamos dizer do lado de dentro, a vida amorosa dos outros, não vai de repente, nem pouco a pouco, afastar-se desse campo sedutor, essa empolgante esfera de observação e julga-

mento. Positivamente o sr. Stern ama o amor alheio. Não pode passar sem ele. É uma paixão.

O presente volume, *L'Amérique découvre l'amour*, vem a constituir uma excursão pelo cenário amoroso, ou que outro adjetivo se lhe aplique, da grande nação cujos destinos o sr. Truman continua a presidir. O autor andou por ali como em função de um turismo psicológico. E um pouco também psicanalítico. Variou o mais possível os seus companheiros de passeios e visitas: um moralista de trem de ferro, espírito prático e franco, que, ouvindo a sua concepção de ser o amor, na Europa, o luxo dos pobres, dos que não podem, por exemplo, ter automóvel próprio, começa por lhe responder: "Na América, toda a gente pode comprar um automóvel"; um ancião do melhor tipo, da melhor tempera, que lhe explica por que os seus compatriotas são, por via de regra, menos poéticos e mais naturais ou humanos que os do escritor; um rapazola que, ao volante do seu auto, fala da sua "girl-friend" e do "boyfriendismo" em geral; outros tipos esportivos ou líricos, violentos ou humildes, heróicos ou tímidos, criminosos ou cândidos... à sua maneira — até uma curiosa e singular senhora que amou uma só vez na vida, e a um homem a quem nunca viu, acêrca do qual apenas sabia, e vagamente, encontrar-se com outra mulher...

Artista desse gênero particular, técnico e virtuoso dessa música, o sr. Léopold Stern nos faz sentir nas suas obras uma naturalidade, uma espécie de "facilidade" que as torna cativantes. Por isso, apesar da tese única, as lições de princípio a fim e outras leremos se vierem ou, melhor dizendo, quando vierem, porque de certo hão de vir.

### DAMAS DO NAIPE DO AMOR

Romance de  
OLAVO DANTAS

Pongetti  
Rio de Janeiro  
1948

protagonista e não ao autor do presente romance. Chama-se aquele Luis Flávio. Vem-lhe, como noção de um elemento indispensável ao seu programa de renovação mental e moral, o desejo de não partir sozinho. E para isso, como obedecendo a uma pre-orientação, uma pre-compreensão do melhor método de tratamento, resolve — porque se destina à grande nação norte-americana — pôr anúncios, procurando uma secretária para viajar com um homem de letras e acentuando a "absoluta honestidade da proposta".

Se ele já estivesse nos Estados Unidos, e pelo que contam filmes e romances, seria de se imaginar a imensa romaria feminina à casa do escritor... Aqui mesmo, no Rio de Janeiro, que, nos últimos tempos, bastante se tem americanizado, o chamariz logrou magnífico efeito... quantitativo. Este, porém, não bastava. A maioria das concorrentes apresentavam condições físicas que imediatamente lhes valiam a resposta de estar já ocupado o emprego; outras, se alguma atenção reclamavam pela figura, desmereciam por outras qualidades ou pela falta delas... Apareceu finalmente uma "linda jovem de feições delicadas e corpo harmonioso, tendo nos olhos de longos cílios arqueados uma doçura voluptuosa que era um poema de "coquetterie".

De tal graça a criatura se revestia e animava que inspirou a um amigo de Luis Flávio, e seu colaborador na experiência, esta observação entre ponderada e invejosa: "Parece que temos aí alguém que tomou emprestado o corpo da Vênus de Milo, para nos perturbar as idéias"... Talvez, neste ponto, seja necessário observar que a concorrente estava vestida. Não fôra para ali como para um concurso de "misses". Era inteligentíssima, primorosamente educada; e, tendo-se entregado "aos mais extravagantes caprichos" de um cérebro imaginoso e ardente, nada jamais praticara "de desonroso ou mesquinho". Assim Lisiana e Luis Flávio se entenderam na perfeição — e partiram.

Outra conjectura de toda a gente: que, brasileiros ambos, criados no clima e nos costumes tropicais, ao segundo ou terceiro dia de viagem — iam por mar — já se adorariam um ao outro. Com efeito, assim começou a suceder; e as coisas foram bastante longe: a meio de um mergulho na piscina de bordo, os lábios do homem de letras avançaram tropicalmente para os da secretária; e os desta se esquivaram, não revoltados nem timoratos, mas por acharem que assim chegariam antes do devido tem-

po àquela etapa sentimental. Fizeram mal, de certo, em não aproveitar a ocasião, embora temporária. O navio levava outras criaturas atraentes, e uma delas, Berenice, para Luis Flávio, irresistível. Lisiana sofreu, sofreu a valer, mas, felizmente para ela — e também para nós que já lhe votávamos grande e solidária simpatia — não por muito tempo. Os amores do escritor carioca e da jovem novayorkina — filha de milionário, naturalmente — seguiram trâmites variados que, em razão de surtos de orgulho, impulsos de represália, falsas aparências, mal entendidos, quiproquós, andaram pelo drama e a comédia, quase pela tragédia e o "vaudeville". E o romance, em vez de findar num casamento, como ainda toda a gente esperava, acaba em nada menos de três e todos o mais auspiciosos possível.

Pedimos perdão ao autor de haver condensado ou suprimido alguns episódios da sua história; por vontade nossa a reproduzimos integralmente. A sua imaginação tem audácias que, se roçam pela inverossimilhança, nem por isso parecem menos espontâneas ou felizes; o seu estilo, recamado de citações e imagens eruditas, pela desenvoltura se torna cativante. Acompanhem todos com atenção a viagem ou as diversas viagens sentimentais que, através destas páginas, conduzem ao porto sagrado do Himeneu — e ninguém certamente se arrependerá.

### A EPOPEIA DOS APENINOS

Diário de guerra, de JOSÉ  
DE OLIVEIRA RAMOS

1949

acontecimentos. Quis deixar que estes se salientassem, se tornassem grandes e esplendorosos na singeleza de uma narrativa atenta, solícita e sobretudo fiel. Assim o vulto, o alcance, a poesia do empreendimento levado a cabo, com efeito se definem — melhor do que por entre contínuos enfeites e requintes de estilo — na simplicidade da exposição em que o autor principalmente cuidou de ser sincero. E da sua aplicação aos assuntos no sentido de mais apropriadamente os apresentar e desenvolver resultou uma obra que pode ser considerada a história da FEB escrita por ela mesma.

O livro começa antes do embarque das tropas que daqui foram defender, em terras da Itália, a causa das Nações Aliadas. Dá importantes trechos ou resumos dos documentos oficiais e diplomáticos que precederam a entrada do Brasil no grande conflito. Mostra como se procedeu à organização geral da FEB e, depois, como se efetuaram os serviços que lhe haviam de assegurar, tanto quanto possível, as condições de saúde e de conforto durante a campanha. No capítulo III parte o comboio naval da expedição; e daí por diante o volume que, em amplo formato, vai a duzentas e sessenta páginas, de algum modo observa a forma de diário. A maneira de contar, repetimos, se conserva serena e com o escrúpulo da exatidão. Não faltam, porém, aqui e além, as passagens patéticas de batalha, de aventura heróica: aquelas em que se fala, por exemplo, dos rigores do inverno, sofridos mas vencidos por quem do inverno nunca propriamente fizera idéia; outras, que trazem emoções de beleza e arte, de visitas a Florença, Roma, outras cidades sagradas...

O último capítulo inspira-se no panorama político e social do mundo, após a Segunda Grande Guerra, quando a luta continua na Grécia, na Palestina, na China e a "guerra fria" entre a Democracia e o Comunismo traz em sobressalto e em pesadelo o mundo inteiro. Finalmente uma invocação ao Brasil, diante da possível, inevitável guerra de amanhã:

"Reconheçamos nossos amigos e a eles nos unamos... Mas sejamos, antes de tudo, um amigo forte, com voz ativa, pois a própria bondade precisa de energia e força para se impor. Guardemos com veneração e carinho a lembrança dos feitos guerreiros de nossos expedicionários na campanha da Itália, que foram a legítima continuação da intrepidez dos soldados de Caxias — mais um elo na brilhante cadeia de triunfos de nossa História Militar. Que a Epopeia dos Apeninos seja um símbolo e um exemplo. E nas futuras guerras em que a fatalidade nos envolver, o mesmo espírito de bravura dos heróis de Monte Castello, Soprasasso, Castelnuovo e Montese conduza nossos exércitos à Vitória!"





O CHEFÃO

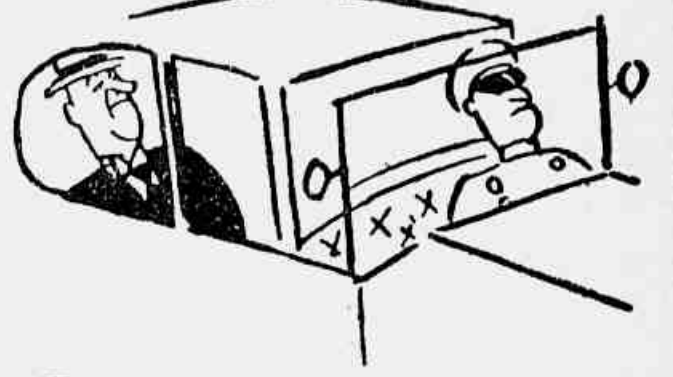
1



2



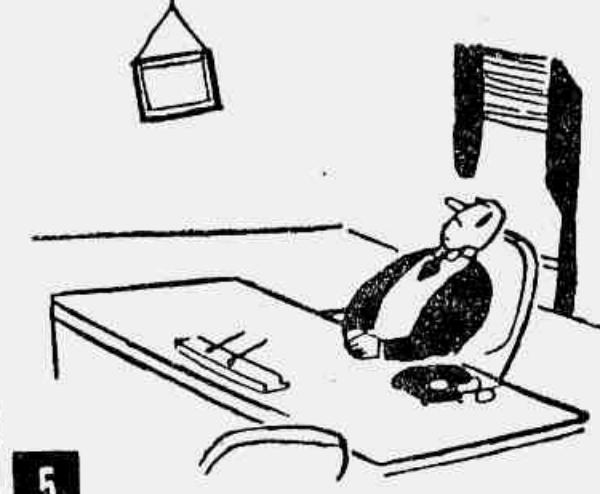
3



2



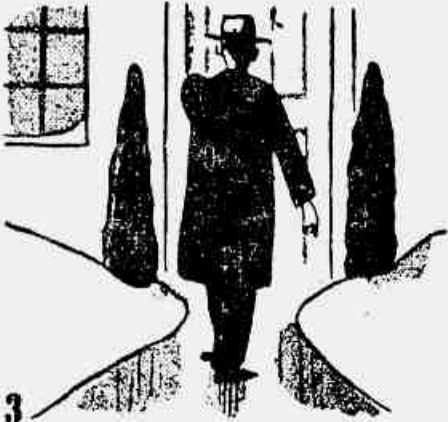
4



5



6



3



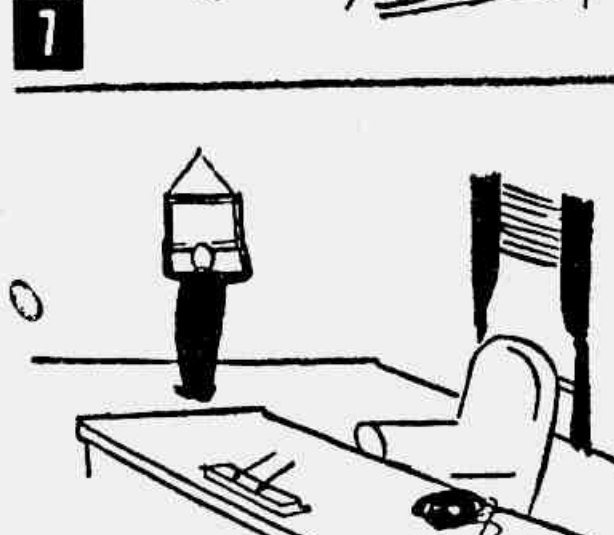
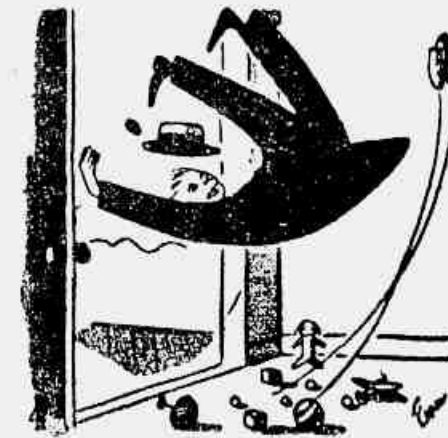
7



8



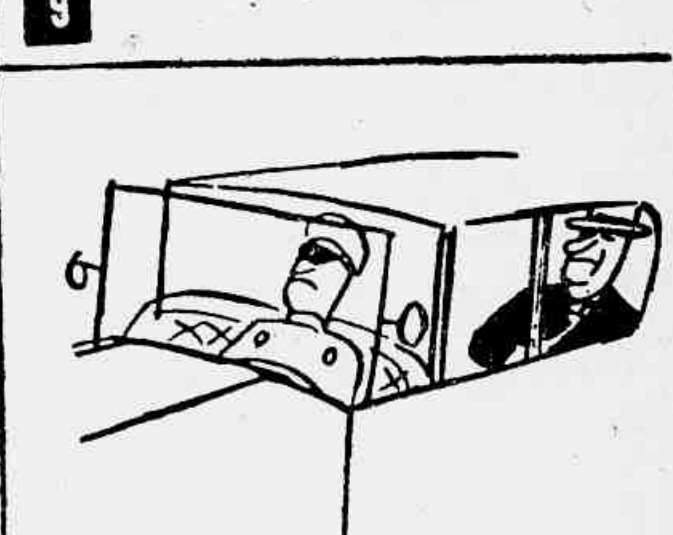
9



10



11



12

BOM  
HMM  
UO



13



14



15

SALÃO DE  
BARBEIRO



Todo cheiroso, heim!...



Eu sabia que tinha trazido os cigarros





Novela de **DAY RUSSELL**



Tradução de **RENATO DE ALENCAR**

O marinheiro estava recostado no parapeito da "Swan Bridge", em Central Park, e olhava, muito interessado, para uma senhorita que, lá em baixo, à margem do lago, parecia estar muito preocupada com algum problema.

O marujo estava mais interessado naquela garota do que nos motivos de sua aflição aparente, e o fato lhe fez recordar conselhos de pessoas mais experientes que lhe disseram não devia ele mostrar-se em Nova York muito interessado nas pessoas que fosse encontrando, pois isso denotava matutice. O mais curioso é que esse soldado do mar ia à grande cidade pela primeira vez, e não queria cometer nenhuma rata.

Já despendera duas noites na Broadway e isso lhe dera experiências em extensão e profundidade, não obstante seus dois anos na Marinha; mas, como uma gibóia que não se mostra farta de sua prêsca, ele queria aventurar-se sozinho enfrentando todos os casos de rua e os próprios episódios domésticos para saboreá-los a seu gosto.

Ei-lo no centro da grande cidade, ele, o rapazinho que viera de uma fazenda para servir na Marinha de Tio Sam e se achava agora tranquilamente na metrópole babilônica a aspirar os ares embalsamados do grande parque, entre fôlhas verdes e belas árvores.

Não deixando de reparar na mocinha que denotava, pelos gestos, grande impaciência, teve ele uma surpresa. Tratava-se de uma "girl" diferente das que conhecera duas noites antes, não somente pelo trajar como pelos modos.

Na verdade aquela jovem estava em apuros. Não teve mais dúvidas. Devia ir em seu socorro, mesmo que a ela parecesse ridículo aquele seu interesse por uma desconhecida.

Colocou o gorro de marinheiro à

cabeça um pouco para trás, endireitou-se e foi ao seu encontro. Ao chegar perto da moça ficou certo de que ela estava mais aflita do que parecera de longe.

— Alguma dificuldade, miss?

Ela, antes de responder, envolveu-o com o mais vivo olhar, e, vendo que estava diante de um marujo, se encheu de confiança, dizendo:

— Estou em grande aflição. Perdi o meu "Junior"!

— Como?! Perdeu o "Junior"?...

— Naquele momento o rapaz, que com efeito estava surpreendido, procurou recuperar a serenidade e aparentar indiferença como se já fosse velho novayorkino acostumado a tais incidentes.

— Sim — respondeu-lhe a moça, enquanto não tirava os olhos do lago.

— Oh, isso é muito sério! — disse ele a solidarizar-se com ela na procura do ente querido.

— Terrivelmente sério! — confirmou a jovem, tornando-se aflita. — Eu preciso achá-lo!

Dolorosa superstição avassalara o espírito da moça. Todos os dias vinha ela passear ali, pois residia no hotel defronte. Nada ainda lhe sucedera. Naquele dia, porém, enquanto ela se distraía, o "Junior" desaparecera misteriosamente.

O marujo, balançando com a cabeça, falou:

— Se isto aqui fosse como em "Alice no País das Maravilhas", nada mais tínhamos a fazer do que entrar por uma dessas janelas refletidas no espelho das águas e provenientes do hotel aí defronte, e trazer de lá a criança transviada que nos receberia a sorrir... — disse ele julgando que ela estivesse a fantasiar.

A moça o olhou com certa suspeita em seus olhos.

— Você fala justamente como o John.

— John? Que John?

— Ele é também da marinha e tem quase as mesmas divisas que você. E' muito pilhérico.

O rapaz estava completamente confuso. Que história era essa de ter perdido ali dentro da água do Parque um "Junior"? E quem seria esse John que se parecia com ele? De súbito ele se sentiu perturbado. Possuía uma garota que devia estar morta de saudades, e esta agora vinha com a lembrança de um John que também era do mar, e a contar histórias misteriosas à beira do lago.

Isto era mesmo Nova York, cheia de surpresas e novidades.

— Que idade tem o garotinho? — perguntou ele, enquanto com os olhos ia perscrutando as águas do lago a fim de descobrir o corpo do menino desaparecido ali.

— Não tenho a mais leve idéia — respondeu ela na maior calma, e completou: — Somente ontem o adquiri...

O marinheiro esteve a cair de costas, mas se conteve. Seria alguma louca?

— Uma coisinha assim tão pequena a correr por esse parque como se já fosse grande...

— O diabo é que ele é tão pequeninho!

— Naturalmente. De que tamanho?

— Não é maior do que uma moeda de cinquenta centavos.

O marinheiro cerrou os olhos como quem procura cair em si e compreender as coisas. Era mais uma prova do que é a cidade. Ninguém deve surpreender-se com suas curiosidades e imprevistos.

— Não esteve você ontem à noite na Broadway? — perguntou à jovem.

— Sim, estive; aliás estivemos juntos até que chegasse a hora de John embarcar no trem.

O jovem olhou-a com intensidade e notou que os seus olhos estavam úmi-

dos. Só aí percebeu do que se tratava. Não havia nenhum menino a salvar de afogamento ou de extravio na cidade. Ela havia perdido a sua mascote, uma minúscula tartaruguinha que várias "girls" haviam distribuído num festival militar e de que ela fizera parte ao lado do seu John.

— Pois eu vou restituir-lhe — disse a sorrir.

Ela sorriu também, aliviada e feliz, e eles se uniram como se já se conhecessem desde muitos anos.

— Como sabe que "Junior" era a minha tartaruguinha?

— Porque estive ontem no espetáculo do Centro de Diversões e vi aquela senherita a oferecer pequeninas tartarugas em caixas destinadas a levar correspondência aos lares de quanto quisessem escrever para suas casas. E eu não pude dar minhas notícias à minha querida...

Ambos desataram a rir.

— Você tem namorada?

— Claro que tenho. E' assim do seu tipo... Uma "girl" de qualidade.

A moça o olhava com certa afeição, e o marujo cada vez mais se parecia com o seu John. Mas a cada palavra que ele pronunciava ela ia percebendo que ele não era de Nova York.

— Por que não volta para vê-la?

O moço ruborizou-se. Estava descoberto. Não era dali. Não foi possível simular uma cidadania que não podia aparentar com prosódia e hábitos de provinciano. Então foi esclarecendo:

— Bom, você compreende... Estou de serviço; além do mais, só dentro de sete dias estaremos livres, e quanto à passagem é muito cara...

— Oh! Isso é muito triste.

Suas confidências não interromperam a busca do animalzinho perdido, e ambos continuavam com a vista pregada no espelho da água tranquila do Central Park.

— Parece-me difícil encontrá-lo.

— Não desanime.

Para aquele rapaz o espetáculo dos reflexos do céu azul e das nuvens na água serena do lago fornecia ao seu espírito uma deliciosa impressão de amenidade naquela manhã cheia de surpresas.

Os dois estavam pensativos. Ele a recordar-se de sua pequena lá tão distante, e ela a pensar no seu John em viagem. Se aquela jovem do "Junior" perdido na água quisesse um "flirt", ele seria capaz de enveredar por outro amor. E quem sabe se ela não estaria também pensando no mesmo em relação a ele?

Ambos meditavam intimamente, temendo declarar-se; mas, na verdade, procuraram novas sensações e se detinham temendo fracassos.

Ela rompeu o silêncio:

— John tem idéias loucas. Disse-me que só casaria comigo depois que dispusesse de meios suficientes para tal.

— Não são tão loucas assim...

— Ao despedir-se me declarou também, com certeza a pilheriar comigo, que se eu cuidasse bem do "Junior" na sua ausência, isso significaria que ele voltaria em paz.

O marujo notou que a jovem for-



para um riso que não podia ser natural.

— Nós o acharemos, tenha confiança.

— Precisamos encontrá-lo. Ontem à noite isso parecia uma brincadeira dele, mas agora eu já estou preocupada, pois, perdendo o "Junior", parece que qualquer coisa de mau sucedeu ao meu John... Para que tudo corresse bem, trouxe "Junior" ainda cedo para tomar ar fresco e sol. Assim estava tratando dele muito bem e garantindo a felicidade e volta de John.

— Não se preocupe. Nós o acharemos. Que superstição!

Uns momentos depois um guarda-civil veio em direção a eles, no seu passinho lento, displicente, procedendo dos lados do Zoológico.

Ao ver os dois jovens debruçados a olhar atentamente para a água, como que a procurar descobrir alguma coisa lá no fundo, aproximou-se e falou:

— Alguma novidade?

Os dois se levantaram, mas foi o marujo quem respondeu:

— Ela perdeu o "Junior".

— O Junior?... Mas... aqui no lago?

O guarda estava alarmado. Um afogamento. Uma criança afogada e aqueles palermas a procurar com os olhos como se houvessem perdido um objeto sem maior importância. Era preciso providenciar imediatamente.

O naval, porém, veio em socorro do guarda e o tranquilizou:

— O "Junior" não é gente, nem filho, nem irmão dela. E' um filhote de tartaruga, um filhotinho de estimação...

— Ah! Bem. Um daqueles de ontem lá na Broadway?

— Justamente — continuou o marujo. — Justamente, apenas com uma diferença: é que este que ela perdeu é uma espécie de talismã, é todo especial. Foi uma oferta, um presente de seu querido, um colega meu da Marinha e que viajou ontem pela madrugada confiando-lhe a mascote. Se "Junior" fosse conservado em paz e salvamento, ele voltaria muito em breve aos seus braços. Se não... isto é... se acontecesse alguma coisa contrária... Bem, ela é supersticiosa e eu não quero alimentar-lhe a filosofia.

— Vocês precisam saber procurar tartaruga dentro d'água. Reparem nas pedras. Vamos ver direitinho onde o "Junior" se escondeu.

Dá per diante já eram três a procurar o anfíbio.

— Não vamos aumentar o número de pesquisadores — disse brincando o marinheiro.

— Com um dia lindo como esse é agradável procurar qualquer coisa à beira da piscina. Mexamos com esta varinha aqui pela borda onde há pedras. Tartaruga gosta é desses esconderijos.

Estavam a redobrar de pesquisa quando uma senhora, conduzindo um desses cãesinhos inutilmente passeadores, se aproximou:

— Bom dia. Que é que há, senhor guarda?

— Bom dia, madame; é o dia que está lindo, muito lindo. Mas esta se-

nhora acaba de perder seu "Junior" aqui no lago.

— Oh! Deus do céu! — exclamou a senhora quase caindo com um colapso. Como foi isso?...

— Estamos procurando sob estas pedrinhas, futucando com vará, para ver se ele aparece.

— Mas o senhor está brincando com uma coisa tão séria?...

— Não. Queremos é devolver o "Junior" da moça. E' uma tartaruguinha de estimação, um talismã que fará voltar são e salvo o seu amado que é colega aí do marujo. Como sabe, ela está esperando menino e, em tais condições, as mulheres têm dessas idéias e extravagâncias. O marido lhe recomendou o maior cuidado no "Junior", e ela agora o perdeu desastrosamente...

— Oh! Que coisa triste... — suspirou a velhota puxando o cãozinho.

E passaram a ser quatro as pessoas que estavam ocupadas em procurar a miudinha tartaruga da felicidade. Como havia outras pessoas pelo parque e algumas com cachorros, foram-se chegando a perguntar que é que havia. Um senhor de idade e de pequena estatura se acercou com seu belo Boston Bull e cumprimentou a senhora do cãozinho:

— Alô, Martha, que se passa aqui?

A velhota fez um gesto confidencial e apontou para a jovem:

— Essa pobre menina acaba de passar por terrível golpe de adversidade. Seu marido, que serve na Marinha, está perdido, e ela, coitada, está esperando ter um "baby" a qualquer momento.

— Que quer você dizer com tamanho disparate?...

— E' a sua tartaruga.

Aquêle senhor respeitável não achou graça nenhuma na pilhéria, o que pareceu também não agradar o seu belo cão, que começou a ladrar, olhando

fixamente para certo ponto da margem do lago.

O guarda, que era velho conhecedor das coisas daquele parque, logo que o cão começou a ladrar, se dirigiu ao dono e disse:

— Segure-o bem. Não deixe que mude de posição.

Devia ser ali mesmo. O cão parecia querer meter o focinho n'água. O guarda remexeu numa loca à sua frente e em seu rosto se estampou o maior sinal de contentamento e de vitória:

— Ei-lo aqui, senhorita! Aqui tem o seu "Junior"!

O marujo tomou-o entre as mãos com imenso interesse e o entregou à jovem.

Seus olhares se cruzaram numa espécie de entendimento mudo e profundamente íntimo, e ele pareceu ver no seu olhar a umidade de uma lágrima, naqueles olhos cinzentos.

O policial e o senhor aristocrático se afastaram discretamente enquanto a senhora idosa com seu cãozinho dava o passeio por terminado.

O casal de jovens ficou só. O rapaz começou a achar-se profundamente idiota em Nova York, em particular, e perante o mundo, em geral. O rebrilhar da Broadway lhe parecera uma coisa assombrosa e ele havia gostado de suas festas, mas nada lhe havia agradado tanto como aquêle encontro numa manhã luminosa, naquele parque delicioso e calmo. Aquela mocinha da tartaruga... que tanto lhe fizera recordar sua noiva.

Nesse instante ela lhe estendeu a mão:

— Muito agradecida. Sem você não sei o que seria de mim.

— Nada tem que agradecer, senhorita. Nada fiz que mereça agradecimentos.

— Não diga tal. O amigo fez muito. Como sabe, John viajou a noite

passada e... bem... Eu estava me sentindo muito mal e angustiada com o acontecido; mas, felizmente, já não está tão mal como há poucos minutos.

Os olhos da jovem se fixaram nos seus, que também pareciam úmidos. Ele estava pensando naquele momento na sua noiva, tão distante e sem que lhe fosse possível revê-la. Essa mocinha também estava a sofrer com a ausência de seu querido, e isto lhe fazia lembrar sua própria namorada.

Como se houvesse lido em seus olhos todos aquêles pensamentos, por fim, lhe falou:

— Meu caro, penso que posso ajudá-lo nos seus desejos de ver a sua pequena. Você não pode imaginar o que isto significa.

Ele se ruborizou como se estivesse sendo pegado num delito.

A jovem abriu a bolsa e tirou de dentro um cartão.

— Este é meu nome e aqui está o meu endereço.

Tornou a meter a mão na bolsa e de lá retirou uma coisa que procurou disfarçar, entregando em seguida ao marujo.

— Peço-lhe por favor que não leve a mal isto. Aceite e volte para casa. Vá ver sua garota. Vá voando se puder. Se o desejar, mais tarde, pode pagar-me, quando voltar por aqui, com o que economizar de seus vencimentos de marinheiro. Mas, por favor, aceite. E' muito importante. O dinheiro não significa nada para mim. Para mim é mais importante que com esta pequena quantia eu possa proporcionar à sua "girl" uma horas ou dias de contentamento e felicidade.

Naquêle instante o jovem não tinha mais nenhuma dúvida de que tudo pode acontecer na imensa Nova York. Reconheceu ainda que, conforme via nos olhos cinzentos daquela jovem, uma coisa que se recebe de coração é mais importante do que aquela que se oferece.





**E**RA FILHO do major von Humboldt, camarista de Frederico o Grande. Passou a infância na herdade ancestral de Tegel, onde cevou os olhos do milagre das plantas do jardim e o espírito no milagre dos livros da biblioteca paterna. Deleitavam-no especialmente os livros de aventuras — estranhas cenas em lugares estranhos. Desde a meninice, declarava que dedicaria a vida às viagens — ao estudo do Globo e de todas as maravilhas que encerrava. Certo dia um grande homem veio a Tegel e jantou com seu pai. Observou aquele menino precoce e interrogou-o sobre os assuntos que o interessavam. No momento de partir, pôs a mão na cabeça de Alexander.

— Meu filho — disse — creio que você tem decidida vocação para a ciência. — E, voltando-se para o pai de Alexander: — Herr von Humboldt, eu o aconselharia encarecidamente a guiar este menino para o terreno da história natural.

— Obrigado. Farei como diz, Herr von Goethe.

## II

"Todas as coisas estão constantemente empenhadas em escrever a história da natureza". Estas palavras tinham-se gravado indelevelmente no espírito de Alexander. Por toda a parte vislumbrava sinais da composição desse livro universal da natureza. "A pedra que rola deixa o seu sulco na montanha; o rio, os seus canais no solo, o animal, o seu esqueleto nas camadas da terra; o feto e a folha, o seu modesto epitáfio no carvão. A gota que cai estampa a sua marca no barro ou na pedra; nenhum passo na neve ou sobre o chão deixa de gravar em caracteres mais ou menos duradouros o mapa da sua marcha". Sim, e cada ato do homem "se inscreve na memória dos seus semelhantes". Mas para poder ler a significação do todo, é preciso fazer extensas viagens e adquirir profunda experiência. É preciso percorrer o livro do mundo desde a primeira até a última página, estudar cada espécie viva, observar cada ser animado, examinar cada espécime disponível na variegada urdidura de Deus. Ao tempo de Humboldt, a ciência da história natural ainda estava na infância. Não acompanhara o imenso progresso dos outros ramos da ciência. E Humboldt, agora estudante na Universidade de Göttingen, sentia com pesar que "enquanto o número de instrumentos de precisão aumenta diariamente, ignoramos ainda a altura de muitas montanhas e planaltos". Tinha havido numerosas expedições científicas, sem dúvida, mas os chefes dessas expedições preocupavam-se principalmente de observar o aspecto exterior dos países que visitavam. "Para conhecer um país é preciso fazer uma exploração completa do seu interior" — um gênero de aventura científica praticamente desconhecido dos europeus no início do século XIX.

Tocava a Humboldt dar o primeiro passo nessa direção. Nascido e criado num país sem marinha nem possessões coloniais, concebera todavia uma "violenta paixão pelas viagens nos mares distantes". Tendo terminado o estudo dos pequenos livros da biblioteca de seu pai, estava agora pronto para abrir o grande livro do mundo.

## III

Humboldt velejava para o México e Cuba na corveta *Pizarro*. Era o rei da Espanha que lhe tinha dado a grande oportunidade de sua vida — visitar as colônias espanholas na América. O navio abria caminho pela melancólica noite tropical. No tombadilho, o jovem cientista se achava mergulhado em seus pensamentos. A lua rompia tristemente por entre as nuvens, espalhando gotas de luz ambarina sobre as ondas. Humboldt viera de longe com os seus instrumentos. Deixara seu erudito irmão Guilherme num mundo que gemia sob as botas ferradas dos exércitos de Napoleão. À sua frente, logo além do horizonte, erguiam-se as montanhas das Antilhas — o miradouro do Novo Mundo. As águas murmuravam a seus pés. O grito de uma ave marinha trespassou o ar como uma seta. Lentamente os sinos do navio tangeram. Morte ao Velho Mundo. Bem-vindo seja o Novo!

Mas a morte ia também a bordo. Uma febre maligna irrompera entre os passageiros do *Pizarro*. Um deles estava destinado a não alcançar o Novo Mundo. Os sinos dobravam agora para o seu réquiem. Os marinheiros ajoelharam-se e oraram enquanto se descia o cadáver ao mar.



ALEXANDER VON HUMBOLDT

# A VIDA DE HUMBOLDT

1769-1859

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

Foi com alívio, tanto dos passageiros como dos marinheiros, que o *Pizarro* chegou à costa sul-americana. Humboldt desembarcou com Aimé Bonpland, outro naturalista que viera em sua companhia. Planejavam escrever em colaboração "uma narrativa mais científica do que pessoal" da viagem. "Em meio à esmagadora majestade da Natureza e aos estupendos objetos que nos apresenta a cada passo, o viajante (estudioso) tem pouca disposição para consignar em seu diário assuntos que só dizem respeito a ele próprio".

Juntos, os dois cientistas abriram caminho pelas infindas florestas, acendendo as fogueiras para a noite ao som do *guacharo* (ave noturna da América do Sul). Entravam nas cavernas em que essas aves faziam os ninhos, e que os nativos julgavam habitadas pelas almas dos mortos. Examinaram a curiosa planta do *sangue de dragão*, de casca branca manchada pelo seu suco purpúreo. Demoraram-se algum tempo em Cumana, onde tinham de estar constantemente em guarda para impedir que os *Zambos* — metade negros e metade índios — se esgueirassem por trás deles e lhes esmasgassem a cabeça com as suas machas de tronco de palmeira.

Depois voltaram os passos para Caracas, encontrando um paraíso de cafeeiros e canaviais. Em seguida exploraram as solidões da Amazônia e observaram a *árvore-vaca*, "que manava géliser de leite". Atravessaram charcos incandescentes de *enguias-elétricas* — perigosos animais que nadavam sob o ventre dos cavalos e tê-los-lam medido no fundo com descargas elétricas no coração se os nativos não lhes dessem combate com arpoes. Excursionaram ao longo de rios de margens arenosas coalhadas de crocodilos imóveis a aquecer-se de guela aberta ao sol em grupos de oito ou

nove. Todos os anos, um certo número de nativos desaparecia entre aqueles maxilares abertos.

Os dois exploradores alugaram uma barca de construção indígena e desceram lentamente o Orenoco. Em frente da cabine sentavam-se os remadores indígenas, dois a dois, acompanhando com as toadas nativas o compasso dos remos. O porão do barco ia carregado de animais e plantas de toda espécie. Quando os cientistas desembarcavam para passar a noite, faziam uma fogueira em redor do acampamento com o fim de afugentar os tigres.

Durante as viagens, Humboldt interessou-se particularmente pelas tribos indígenas. Por toda parte observava uma notável semelhança de costumes e tradições entre as diversas raças primitivas. "Como certas famílias de plantas, que apesar das diferenças de clima e lugar conservam o cunho de um tipo comum, as lendas sobre o estado primitivo do globo apresentam em todos os povos uma similitude que não se pode desdenhar". Onde quer que fosse, encontrava sob uma ou outra forma "o mesmo fundo de mitos e fábulas" relativas à criação do mundo, ao dilúvio e à regeneração da humanidade.

"Há uma unidade íntima — uma verdadeira ciência da universalidade — na equação da vida. A vida é uma só". A Humboldt, essa verdade parecia encontrar a sua expressão mais incisiva no clima dos trópicos — especialmente ao pino do dia, quando uma grande calma reveste a natureza. "Os animais da floresta se retiram para as suas moitas; as aves se aninham nas folhagens ou nas fendas das rochas". Também o homem repousa. Mas em meio à aparente quietude da hora, percebe-se um som abafado, "um sussurro contínuo de insetos". Que extensão e

multiplicidade de matéria viva! Miríades de insetos "arrastam-se pelo chão e voam em torno das plantas encalçadas. Sons confusos partem de cada arbusto, dos troncos apodrecidos das árvores, das grêtas das rochas, de todos os cantos e frinças da terra sonolenta". Assim a natureza mostra ao homem de que maneira a vida, sob mil formas diferentes, respira como um só corpo.

Essa idéia da unidade da vida começara a fascinar Humboldt. De suas observações das múltiplas formas da vida, tirara os elementos de uma filosofia mundial. Nas espessas brenhas da floresta virgem, aprendera a considerar o homem como um ser de importância relativamente pequena. "Neste país de vegetação abundante, cujo crescimento nenhuma agência humana estimula ou coíbe nesta América onde os crocodilos e serpentes aquáticas dominam os rios, onde o jaguar, o pecari, o tapir e o macaco percorrem afoitamente a floresta que habitam, como se fosse propriedade sua desde tempos imemoriais" — nessa amplitude de existência animal, a raça humana se vê reduzida a uma insignificância melancólica.

Era esse, pois, o objetivo das viagens de Humboldt — estudar a significação do homem no mistério da natureza. Com esse objetivo a orientá-lo, continuou as suas explorações, passando do Amazonas ao rio Negro. Entrou em regiões onde era obrigado a abrir caminho combatendo contra enxames de insetos pestíferos. Os nativos encaravam filosoficamente essa eterna praga da natureza e alimentavam-se de formigas brancas e pasta de térmitas assados. Em uma das povoações, Humboldt encontrou um monge cristão com as pernas de tal maneira cobertas de picadas de insetos que era impossível determinar a cor primitiva da pele. Esse homem de Deus narrou histórias nauseantes sobre os povos vizinhos, cuja dieta onívora abarcava, não só os insetos, mas até a carne humana. Pouco antes da chegada de Humboldt, o chefe da tribo engordara sua mulher e assara-a para um banquete público. Um dos tripulantes indígenas da canoa de Humboldt — homem pacífico e de aspecto atraente — observou em tom despreocupado que era canibal. Declarou por meio de sinais que, de todas as partes do corpo humana, preferia as palmas das mãos como manjar mais delicado. Os seus serviços foram logo dispensados.

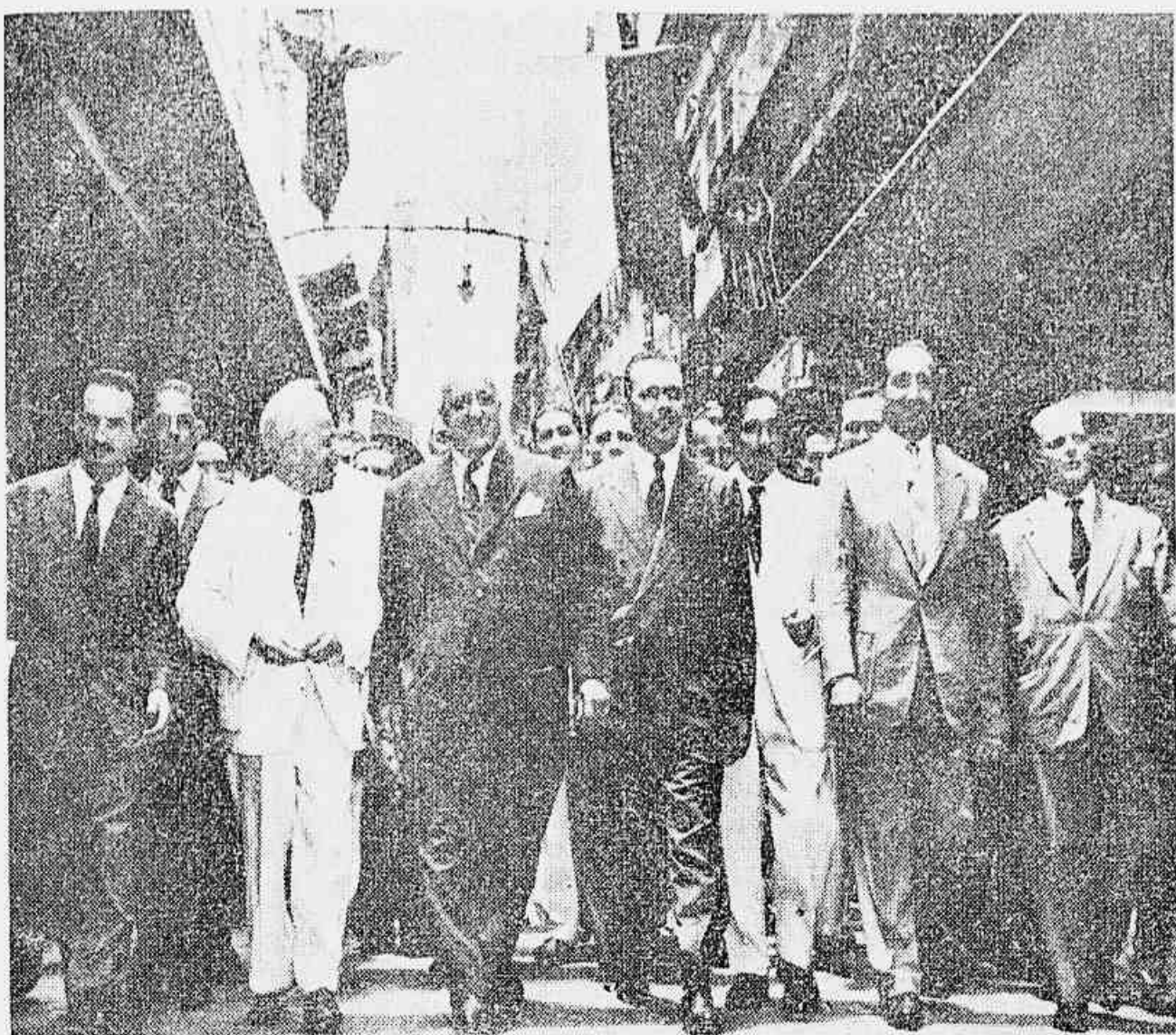
A barca dos exploradores seguiu pelo rio Negro abaixo com o seu estranho carregamento. Muitos animais curiosos tinham sido reunidos e incorporados à "tripulação". Sempre que o céu anunciava temporal iminente, esses "marinheiros" se tomavam de estranha comoção. A arara soltava guinchos assustadores. Os macaquinhos corriam a refugiar-se sob as abas dos casacos dos homens. O tucano batia contra as grades da gaiola, no esforço de recuperar a liberdade e apanhar os peixes que saltavam à superfície da água ante a aproximação da tempestade.

Humboldt e sua equipagem deixaram o rio Negro, tornando a entrar no canal do Orenoco. Chegaram à ladeira de uma montanha onde uma rocha enorme, cavada pelas águas de mil séculos, formava um vasto sepulcro — um cemitério de pedra que continha quase seiscentos esqueletos de uma tribo extinta. "Cada esqueleto repousa numa espécie de cesto... O tamanho de cada cesto é proporcional à idade do morto... Há alguns de crianças nascidas prematuramente... Humboldt coligiu diversas caveiras, os ossos de uma criança de seis anos, e dois esqueletos de adultos. Conhecendo a atitude supersticiosa dos nativos para com as relíquias dos defuntos, Humboldt ocultou os esqueletos sob os fardos da sua mula. Mas esse expediente não conseguiu iludir os selvagens, cujo olfato primitivo, delicado como o dos cães, lhes revelou a presença dos esqueletos, despertando-lhes o ressentimento contra essa maneira de tratar os seus "velhos parentes".

Uma das mais interessantes experiências de Humboldt na terra dos "velhos parentes" foi uma excursão por cavernas subterrâneas, sobre as quais rugia o caudaloso Orenoco. E uma das suas experiências mais horripilantes foi uma visita ao Otomaes, tribo entre as mais selvagens existentes nessa região habitada pelos "Filhos do Diabo". Esses homens embriagavam-se com um pó violento. Aspiravam-

(Continua na pág. 51)





## FATO INÉDITO NA VIDA CARIOCA

UMA INICIATIVA DE VOGA PUBLICIDADE ★ AS HOMENAGENS PRESTADAS AO GAL. MENDES DE MORAIS

A instituição da "Semana da Rua Gonçalves Dias" foi um fato inédito na vida da cidade, em que a rua da elegância viveu os seus maiores dias. Idealizada e promovida por Voga Publicidade, a "Semana da Rua Gonçalves Dias" contou imediatamente com o apoio e compreensão dos mais esclarecidos e destacados comerciantes daquela rua. Para assinalar a efeméride foi afixada no princípio da rua uma placa comemorativa do acontecimento.

### HOMENAGEM AO SR. PREFEITO

Retribuindo a gentileza do prefeito do Distrito Federal que aceitou o convite para proceder a inauguração da Placa comemorativa, Voga Publicidade e o comércio da Rua Gonçalves Dias, representados pelas suas mais expressivas figuras promoveram entusiástica recepção ao sr. General Ângelo Mendes de Moraes. Com a rua toda ornamentada por bandeiras e galhardetes, e uma banda de música, o sr. Prefeito foi recebido com calorosos aplausos pela Comissão Promotora, representantes das Casas Legislativas, comerciantes, amigos e admiradores. Chegando ao local, S. Excia. foi saudado pelo sr. Walter Rocha, Diretor de Voga Publicidade que, discursando, interpretou os sentimentos dos comerciantes da Rua Gonçalves Dias e se congratulou com a presença do Governador da Cidade naquela comemoração. Terminando a saudação o orador fez entrega ao General-Prefeito de uma Mensagem de Reconhecimento, expressiva homenagem dos comerciantes ao General Ângelo Mendes de Moraes. A seguir, S. Excia. descerou a placa de bronze e fez a inauguração simbólica da "Semana", atravessando a rua de ponta a ponta, sob delirantes aclamações do comércio e do povo que enchia literalmente aquela rua.

### CUTROS ORADORES

Usou da palavra o dr. Herbert Moses que enalteceu a função da Imprensa e da Propaganda. A seguir, falou o dr. Manoel Vasconcelos, Diretor da Revista Publicidade e Negócios, que exaltou a personalidade do Prefeito do Distrito Federal como o homem público que prestigia as boas iniciativas. Agradecendo as homenagens falou o General Ângelo Mendes de Moraes, congratulando-se com o comércio da Rua Gonçalves Dias e com os técnicos de propaganda que inspiraram a sua "1.ª Semana".

★

Nesta página, estampamos os principais aspectos da solenidade, na seguinte ordem: Em cima, à esquerda — Entre outras pessoas, vê-se o Prefeito General Ângelo Mendes de Moraes lido pelo sr. Herbert Moses, Presidente da A.B.I., e Walter Rocha, Diretor de Voga Publicidade, promotora da iniciativa; à direita, um flagrante do ato de inauguração da placa comemorativa, no momento em que o sr. Walter Rocha saudava o General Ângelo Mendes de Moraes. Em baixo — Um aspecto da Rua Gonçalves Dias, engalanada, e da passagem do Prefeito Mendes de Moraes sob uma intensa chuva de pétalas de rosas.





# CONFLITO DE PAIXÕES

"Qualquer um pode escapar às leis dos homens, mas ninguém pode escapar às leis de Deus."

A casa se achava sobre uma colina, em frente às águas da baía, num povoado de Nova Inglaterra. Suas colunas dóricas eram altas e brancas, seu pórtico era como uma máscara grega sobre um rosto puritano. À noite, parecia uma tumba, como seria mais tarde, mas durante o dia era apenas a mansão dos Mannon, símbolo da riqueza e do prestígio de uma família que por largos anos exercia a sua influência sobre a cidade. Corriam vários rumores a respeito da casa, mas ninguém sabia de nada ao certo. Somente Seth, o velho jardineiro, tinha fundadas razões para suspeitar que a casa era assombrada, desde que o velho Mannon a construiu, para substituir a que ele mandara derribar, num ímpeto de orgulho ultrajado. O que ali havia era o fantasma de um antigo escândalo, em que se envolveram três homens e uma donzela, Marie Brantome. Todos três a queriam; Abe Mannon, austero e justo; Erza, seu filho, então um jovem e impressionável, e David, irmão de Erza, que conquistou Marie, casando-se com ela para legitimar o filho que lhes nascera, e que tinha sido expulso de casa por Abe, deixando atrás de si um rio de ódios.

Mas derribar uma casa não acalma uma consciência culpada, especialmente se se trata de uma dessas consciências de Nova Inglaterra, que pede sempre justiça, mesmo para si própria. Derribar uma casa não aplaca os fantasmas do ódio, dos ciúmes, das decepções. A nova casa, construída por Abe, não podia evitar a permanência dos fantasmas do passado. O amor, a paz e a decência jamais poderiam se alojar ali. Somente o orgulho, a paixão, os ciúmes e os enganos, disfarçados de amor, poderiam brotar naquele lugar, e eram como plantas venenosas que só crescem para produzir a morte.

Entretanto, em 1865 o velho escândalo já estava quase esquecido. Pelo menos assim parecia ser, se não fosse pela presença de um arrogante estrangeiro, o capitão Adam Brandt, que visitou então a mansão Mannon. Tinha vindo, aparentemente, para fazer a corte à frágil e adorável Lavinia, filha de Erza. Enquanto Erza e seu filho Orin se achavam longe, combatendo sob as ordens do general Grant, a esposa de Erza, Christine, que era ainda uma bela mulher, tomava conta da casa. E não havia laços de amizade entre mãe e filha. Lavinia tinha sempre vivido numa atmosfera de sentimentos malsãos. Poderia ter sido tão encantadora quanto sua mãe, se tivesse querido esquecer da herança dos Mannon e da fanática devoção que tinha pelo pai, o qual até então tinha sempre afugentado todos os homens que por ela se mostravam interessados.

Houve uma noite, sim, em que ela se esqueceu dessas coisas — quando o capitão Brandt a tomou em seus braços, à luz da lua sobre a praia... Foi a primeira vez que Vinnie provou o amor. Peter Niles, o jovem que esperava casar-se com ela, nunca a havia feito sentir da mesma maneira. Lavinia vivia na glória... até o dia em que percebeu que o capitão Brandt não vinha àquela casa por causa dela, mas por causa dos amores clandestinos que tinha com sua própria mãe. Tinha provas palpáveis, desde o dia em que seguiu Christine até Nova York e a viu, com seus próprios olhos, nos braços de Brandt.

Desde aquele dia, Lavinia deixou de ser a jovem sonhadora, para se tornar numa mulher áspere, intrigante, que não se detinha ante coisa alguma, para levar a

cabo a vingança que ela chamava de justiça e que aninhava rancorosamente no seu peito.

De pé, no escritório de seu pai, Vinnie olhava com olhos febris o retrato de Erza, perguntando a si mesma o que faria com o segredo que possuía. Sentia-se agora uma legítima Mannon, dura e fria, como o próprio Erza. Não ficara em seu coração o menor carinho ou qualquer resquício de afeto por sua mãe. Lavinia tinha sempre suscitado que Christine já não tinha nenhum amor por Erza quando ela, Lavinia, havia nascido, e que depois somente tinha afeto por Orin, o filho mais moço. Agora, Lavinia tinha ódio pela mãe, vendo nela não a criatura que lhe havia dado a vida, mas a mulher que traía o marido, pai da sua adoração.

Ouvindo um rumor, Vinnie voltou-se. Era Christine, que estava à porta, com os braços carregados de flores, tão encantadora e tão cheia de vida como se fosse a mais santa mulher deste mundo...

— Já sabe? A guerra acabou — disse Vinnie olhando fixamente a sua mãe. — Quer dizer que papai estará de volta em breve.

— Não ouvi nenhum tiro disparado pelo forte — replicou Christine, toda atenta, aparentemente, em suas flores, pondo-as num vaso.

— Pois há de ouvir. Preciso falar com você, minha mãe — disse Lavinia com um tom de voz tão rude que Christine a olhou com um secreto temor. E, disfarçando suas suspeitas com um sorriso de descaso:

— Sempre você diz tudo com um ar de mistério, Vinnie! Que quer?

Vinnie lembrou-se do que lhe havia dito antes o leal Seth, dando-lhe sua primeira arma de vingança: "Sim, o capitão Brandt não é outro senão o filho de David Mannon e Marie Brantome, senhorita Lavinia... Ele se parece com Orin e também com a senhorita... E' seu primo! E o nome? Brandt não lhe parece uma abreviação de Brantome?"

Vinnie tinha também tirado a prova das suspeitas de Seth. Na véspera, no jardim, quando o capitão Brandt tinha tornado a fazer a corte a Vinnie, ela o havia chamado de mentiroso, e de "filho de uma criada"...

— E que importa isso? — replicou-lhe Brandt com arrogância, por sua vez. — Orgulho-me disso. O que me envergonha é ter nas veias o sangue dos Mannon! A única coisa decente que meu pai fez foi enforcar-se. Quando regressar, uma vez, de uma viagem, encontrei minha mãe morrendo de fome, em Nova York. Soube que ela havia escrito a Erza, pedindo-lhe ajuda, e ele não se dignou sequer a responder! Deixou-a morrer! E eu jurei que me vingaria!

Vinnie, que o escutava com ódio frio e mortal, respondeu-lhe:

— E você se vingou da maneira mais vil e covarde... utilizando-se de minha mãe!

## II

E agora, frente a frente com sua progenitora, Vinnie sentia o mesmo ódio frio com que havia deixado Brandt no jardim... E ia começar entre as duas mulheres, abertamente, a luta que seria a perdição de todos, outra tragédia da maldada mansão dos Mannon...

— Que quero? Simplesmente dizer que a vi com ele, em Nova York! Vi-a entrar no quarto dele!

Christine procurou, desesperadamente, uma explicação... Mas Vinnie continuou inflexível:

— Você é uma mulher vil, sem escrúpulos, perversa!

## ELENCO

Lavinia Mannon, filha de Erza  
Orin Mannon, irmão de Lavinia  
General Erza Mannon  
Christine Mannon, esposa de Erza  
Capitão Adam Brandt, amante de Christine  
Capitão Peter Niles, noivo de Lavinia  
Seth Beckwith, o jardineiro  
Hazel Niles, noiva de Orin

ROSALIND RUSSELL  
MICHAEL REDGRAVE  
RAYMOND MASSEY  
KATINA PAXINOU  
LEO GENN  
KIRK DOUGLAS  
HENRY HULL  
NANCY COLEMAN

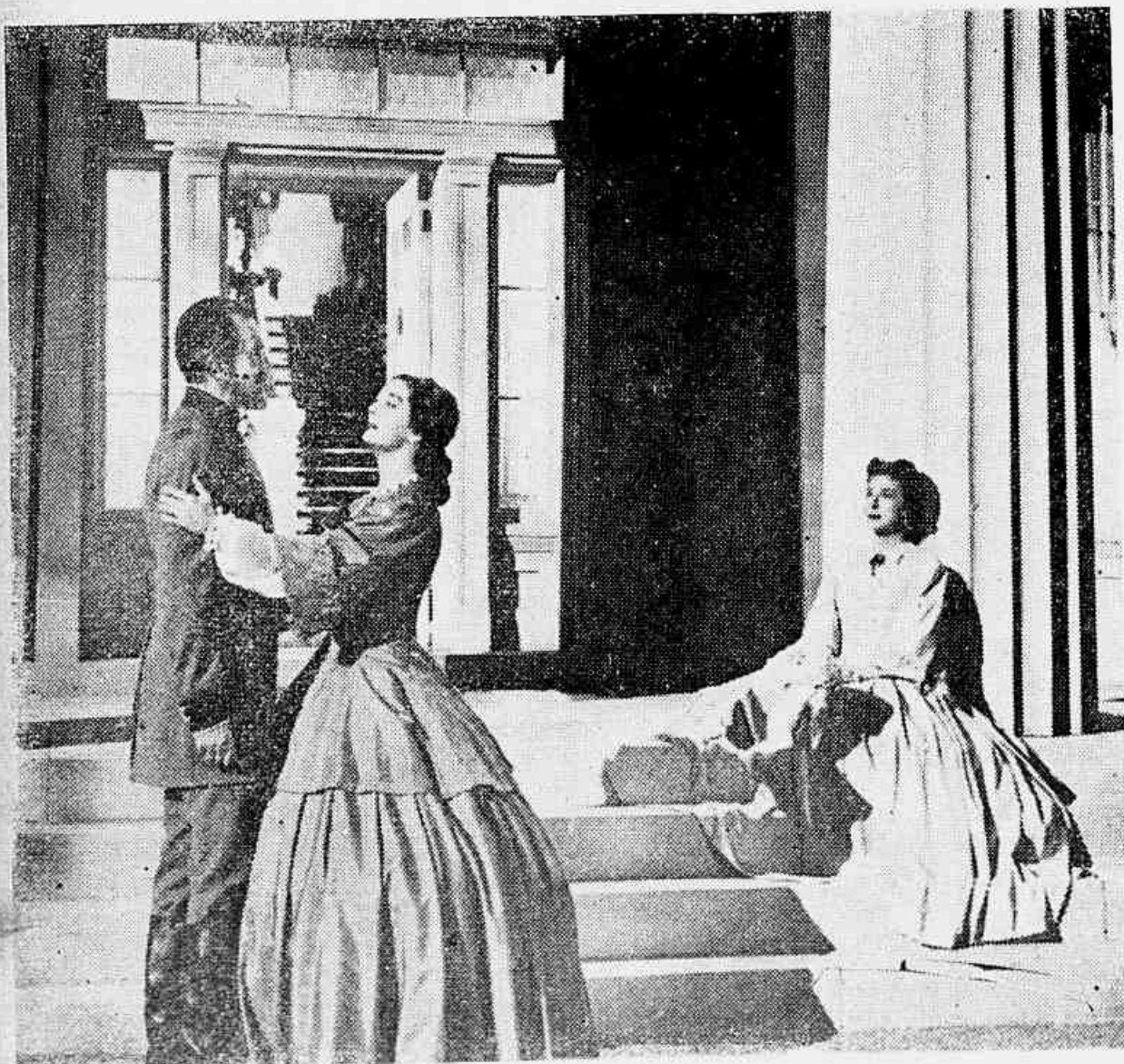
Produção, direção e versão cinematográfica de DUDLEY NICHOLS ★ Película produzida juntamente com o Theatre Guild ★ Extraída da obra laureada de EUGENE O'NEILL "Mourning Becomes Electra" ★ Realização da RKO Radio



Em algumas cenas de "Conflito de Paixões, intenso drama baseado na laureada peça de Eugene O'Neill (Mourning becomes electra). Nesta cenas temos alguns "close-



ups" de Rosalind Russell, Michael Redgrave, Katina Paxinou e Henry Hull, que fazem parte do enredo deste filme produzido pela R. K. O. Radio Pictures





Lavinia Mannon (Rosalind Russell) e Adam Brandt (Leo Glenn) duas das principais figuras de "Conflito de Paixões"

A mãe ficou sucumbida ante a investida.  
— Sabia que você me odiava, Vinnie, mas não tanto...

Passado o momento da acusação, em que se sentira humilhada, Christine recobrou o brio, ressurgindo nela a mulher:

— Pois bem, gosto de Adam Brandt! — E, agarrando a filha pelo braço: — Você entenderia isso muito bem se fosse casada com um homem a quem detestasse. Falo a você de mulher para mulher. Você me chamou de vil... E' o que eu tenho chamado a mim mesma, nestes últimos vinte anos... cada vez que me sentia nos braços de seu pai! — E Christine apontou dramaticamente para o retrato de Erza, sobre o mantel da lareira.

Vinnie afastou-se bruscamente de sua mãe, olhando-a com uma expressão de asco e repulsa.

— Então, eu nasci contra o seu desejo... Mas você gosta de Orin.

— Fui forçada a me resignar... Quando eu estava para ter Orin, seu pai estava ausente, na campanha do México. E quando Orin nasceu tive a impressão de que ele era só meu, só meu! Nunca teria gostado de Adam Brandt se Orin tivesse ficado ao meu lado... Mas ele deixou que você e seu pai o convencessem que devia ir para a guerra. Sem ele, o que me ficou foi somente o ódio — vingança insatisfeita e... amor insatisfeito!

Ódio! Vingança! Amor! Sentimentos que vivem de si mesmos... Como o amor alimenta o amor, o ódio alimenta o ódio... Então Lavinia contou à sua mãe quem era realmente Adam Brandt, dizendo-lhe que ele também tinha somente sentimentos de vingança, não era amor que sentia por ela, Christine...

Ante o ar de triunfo de sua filha, Christine respondeu com amargura:

— Não vai esperar que seu pai atravessasse esta porta para lhe dizer tudo, não é?

— Não, não direi — replicou Vinnie. — A não ser que você me obrigue. Não o farei, entretanto, somente por consideração a papai. Mas você terá que deixar Brandt para sempre.

Christine riu-se.

— Que farsante você é, Vinnie! Você quer Brandt, e é por isso que quer que eu o abandone. Não se esqueça, porém, de que, se disser tudo a seu pai, eu terei que ir com Adam, e ele sempre há de ser meu...

Interrompeu-se, para ver o efeito de suas palavras.

— Desde pequena que você tem procurado roubar-me o lugar que me pertence junto a seu pai — prosseguiu Christine. — Suponhamos que eu me recuse a fazer o que você exige? Suponhamos que eu vá embora com Adam? Afinal, é o homem a quem eu quero.

— Não ficaria com ele por muito tempo! — gritou Lavinia. — Papai faria com que ninguém lhe desse trabalho, e ele não teria barco para comandar! E papai não se divorciaria de você... Você se tornaria uma âncora, pesada, presa ao pescoço de Brandt, e ele terminaria por odiá-la! Além disso, não se esqueça de que você é cinco anos mais velha do que ele! Ele estaria ainda jovem quando você fosse uma mulher já velha, sem atrativos para um homem!

As duas mulheres ficaram a olhar-se, aquilantando o ódio que tinham uma pela outra, e pensando o que podiam fazer. Christine afastou-se, com um gesto de submissão que não combinava com a astúcia do seu rosto.

— Você tem razão. Está satisfeita?

Lavinia estava desconfiada.

— Quer dizer que abres mão de Brandt? Parece-me demasiado conformada com a situação! Se está pensando em me enganar, cuidado! E' melhor que não me engane! Estarei sempre alerta! E já escrevi a papai e a Orin, para despertar suas suspeitas...

— Acha que me tem sob o teu domínio? E que ficarei assim para toda a vida? — rugiu Christine. — Cuidado deve ter você, Vinnie, se... — E interrompeu-se, terminando debilmente: — Não posso fazer nada, realmente.

Lavinia estava inquieta. Que tencionava fazer sua mãe? Abandonaria Brandt, ou

(Continua na pag. 49)

Hazel Niles (Nancy Coleman), Orin Mannon (Michael Redgrave) e Seth Beckwith (Henry Hull) numa cena de "Conflito de Paixões"







## MÚSICAS PARA O CARNAVAL DE 49

### ESPAÑHOLA DIFERENTE

Marcha de Nássara e Peterpan. — Gravação de Ruy Rey. (Continental)

Encontrei uma espanhola diferente  
Diferente das demais  
Ela é bca  
E não é nada exigente  
Se eu sou franco  
Ou não sou franco tanto faz.

Ela é  
Filha de Sevilha  
Uma maravilha  
Nem no céu tem coisa assim  
E Manólo  
Que era um tólo  
Bobou  
E a espanhola foi por mim.

### PEPITA

Marcha de Arlindo Marques Jr. e Roberto Roberti. — Gravação de Nelson Gonçalves. (Victor)

Eu vim aqui  
Buscar Pepita  
Na Espanha ninguém mais sorri  
E sem ela  
Não há mais touradas  
Lá em Madrid.

Quem matou o Manólete  
Não foi o touro não  
Pum pa ra ra tum pum  
Pá rá rá tim pum  
Foi a saudade da Pepita  
Que fez sangrar o seu coração

### DEM MEU AMOR

Samba de Haroldo Lobo e Paquito. — Gravação do Trio de Ouro. (Odeon)

Vem meu amor  
Já é demais minha dor.

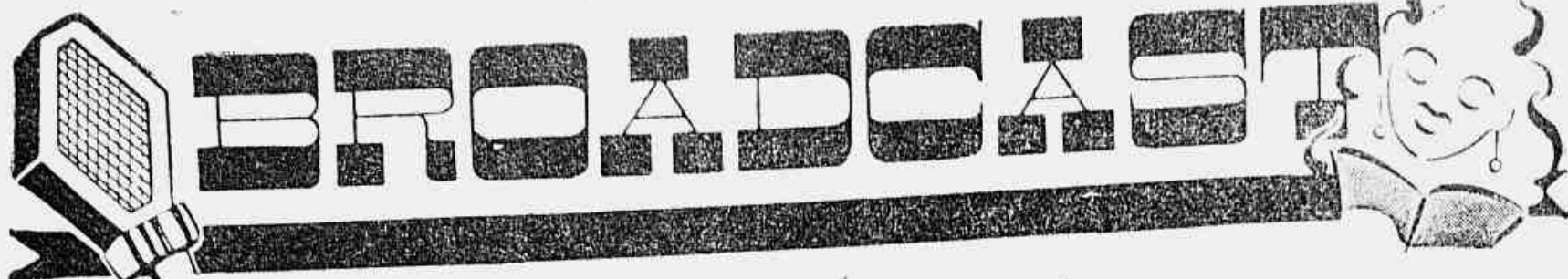
Tu deixaste o nosso lar  
Tão de repente  
Eu bem sei  
Que foi veneno dessa gente  
Essa gente que não cansa de arranjar  
Desarmonia  
Para o nosso lar.

### A CABROCHA RASGOU MINHA ROUPA

Samba de José Gonçalves e Oldemar Magalhães — Gravação de Zé e Zilda. (Continental)

Vem, vem depressa amor  
Que é grande a minha dor  
Eu vou morrer  
A cabrocha rasgou minha roupa  
Botou fogo no meu barracão  
Me deixou no meio da rua sem pão  
Ai eu estava tão ruim  
Ela não teve pena de mim  
A cabrocha rasgou minha roupa  
Botou fogo no meu barracão  
Me deixou no meio da rua sem pão.

Ai pobre de mim  
Fui dormir na porta de um bote-  
[quim.]



## SILVIO CALDAS VOLTOU!

A volta de Silvio Caldas ao microfone Tupi, confirmou, plenamente, a sua classe. O que ouvimos, foi aquele mesmo consagrado intérprete das bonitas composições de Orestes Barbosa, reprisando números do seu apreciado repertório, agora acrescido de novas composições. Silvio, apesar do longo tempo em que se manteve afastado das lides radiofônicas, nem por isso caiu no lugar comum em que emergiu Orlando Silva. Com a mesma riqueza de voz, o encanecido artista, volta ao convívio dos seus inumeráveis "fans", tão jovial como quando se apresentou ao Príncipe de Gales. Ninguém, diga-se de passagem, conseguiu sobrepujá-lo, embora contem-se às dezenas os que o procuram imitar.

A "réntree" do popular artista, feita com o caminho que se lhe estava a exigir, foi o acontecimento da semana, reunindo no espaçoso auditório da PRG-3, apreciável número de pessoas, entre as quais se achava Francisco Alves. Aliás, o gesto do criador d' "A Voz do Violão", comparecendo a esse programa, foi recebido com aplausos gerais, pois vem comprovar a inexistência de picuinhas entre os verdadeiros ídolos dos rádio-ouvintes. Foi, pode-se dizer, um dos pontos altos da volta de Silvio Caldas que, entre outros números, reviveu uma página de Orestes Barbosa, intitulada "Deusa da Minha Rua". Também Ari Barroso figurou nesse novo contacto do "Caboclinho Querido" com o microfone PRG-3, através de "Baixa do Sapateiro". Na parte carnavalesca, Silvio Caldas interpretou duas composições bem expressivas, cujos nomes nos escaparam.

O reaparecimento de Silvio Caldas nos senfilistas cariocas, nesta hora em que tudo é carnaval, foi um presente régio da "emissora associada". Ele serviu para confirmar os méritos daquele que, quando lhe dá na cabeça, vai bater às margens do rio das Mertes ou cuidar da lavoura. — A. MIGUEIS



## RÁDIO-FLASHES



### MARLENE

A Nacional, segundo soubemos, acaba de fazer ótima aquisição para seu quadro redatorial, contratando o produtor Lourival Marques. O atual exclusivo da Mayrink Veiga estreará ao microfone E-8, nos primeiros dias de março, assinando três programas. Fala-se, ainda, que "Rua Quarenta e Dois" ficará sob a responsabilidade desse "rádio-writer". ★ Sagramor de Scuvero está praticamente livre dos seus compromissos com a PRE-3, em virtude do término do seu contrato. Daí, os entendimentos havidos entre a criadora de "Problemas de Sua Vida" e a Tupi. Quanto à afirmativa de seu ingresso na Rádio Nacional, carece de fundamento. ★ Mário Brasini voltou-se para o cinema, atendendo as solicitações que lhe foram feitas pelos cinegrafistas italianos que presentemente se acham entre nós. Isto, porém, não o impede de continuar a produzir para o elenco da PRE-3, do qual é exclusivo. ★ A Rádio Roquete Pinto, após o período carnavalesco, lançará novas atrações, inclusive reportagens e entrevistas. Também o setor educativo cultural será atacado na futura programação da emissora municipal, incluindo-se, entre outros, um programa dedicado às artes plásticas. ★ O maestro Alberto Lazzoli trabalha numa nova produção, que terá o concurso de Vicente Cunha, Lenita Bruno, Fernando Barreto e demais integrantes do "cast" da Nacional. Trata-se de um musical, destinado às operetas, gênero dos mais apreciados do público ouvinte. ★ Com a vitória de "Chiquita Bacana" e "Marujo no Sun-

ba", ambos de autoria de João de Barro, encerrou-se o concurso de músicas para o Carnaval, instituído pela Prefeitura. Em segunda colocação ficaram "O Passo da Girafa" e "Falam de Mim". A Comissão Julgadora foi presidida por um representante da municipalidade, cabendo a renda à ABR que, mais uma vez, nada quis com a crônica radiofônica... ★ Nos primeiros dias de março, as livrarias cariocas exporão à venda "Minha Rua de Minas", livro de versos de Oranice Franco. Nessa mesma época, a Nacional lançará, desse autor, a novela "A Marcha para Deus", que inclui poemas do livro anunciado. ★ O professor Osvaldo Diniz Magalhães, ora em gozo de merecidas férias, acaba de renovar seu contrato com a Rádio Globo. Falando-nos a respeito, o criador da "Hora da Ginástica" disse estar satisfeitos com a orientação seguida pela emissora da qual é contratado. ★ Silvio Caldas ofereceu-se para gravar uma composição que foi apresentada através de "Calouros em Desfile". Esse gesto do "Caboclinho Querido" vem mostrar seu interesse em auxiliar os novos.

## PELAS FRONTEIRAS DO ETER

A Rádio de Quito, seguindo o exemplo de uma de suas co-irmãs norte-americana, transmitiu "Guerra dos Mundos", novela de H. G. Wells. Tal como aconteceu nos Estados Unidos, o povo equatoriano foi preso de verdadeiro pânico, correndo para as ruas à procura de maiores detalhes sobre a invasão dos marcianos. Porém, ao verificarem o logro, os habitantes de Quito investiram contra a emissora, acarretando-lhe seríssimos prejuízos. Enquanto isso, a polícia corria para uma das supostas zonas atacadas... ★ Cuquita Carballo, que recentemente levou a efeito uma temporada em nossa terra, acha-se presentemente no México. Lá do país azteca, a cantora manda dizer que pretende retornar ao Brasil, a fim de animar os programas de alguma emissora carioca. Torna-se, porém, necessário que estas se achem dispostas a contratá-la, tamanho o fracasso de sua atuação no broadcasting brasileiro. ★ Geraldo Trindade parece disposto a permanecer por mais algum tempo ao microfone da emissora do Canadá, uma vez que sua licença na Prefeitura já se acha terminada. Enquanto isso, Rubens Amaral apresta-se para regressar ao Brasil, para ocupar seu posto ao microfone PRE-3, do qual é contratado. ★ A sede de popularidade, tão comum em nosso "broadcasting", levou um locutor da cidade de Minnesota a divulgar através do microfone, que as feras de um circo de Dakota haviam fugido e andavam à solta pela cidade. Depois de terríveis correrias motivadas pelo pânico que se estabeleceu entre os habitantes dessa cidade, o locutor, ao ser descoberto o logro em que fizera cair seus ouvintes, declarou a polícia: — "Eu pensei não ser ouvido pelos moradores de Minnesota".

## SABIA...

...que Marlene, exclusiva da Rádio Nacional foi registrada com o nome de Vitoria Bonaiuto, embora use-o somente quando assina papéis de responsabilidade?

...que Silvio Caldas foi uma das grandes atrações da Companhia Jardel Jorco-llis, quando esta excursionou pela Espanha e Portugal, no decorrer de 1932?

...que Max Nunes jamais deu ciência de seus planos radiofônicos ao pai, o conhecido humorista "Terra de Senna"?

...que no concurso instituído pela Prefeitura para a escolha das melhores músicas para o Carnaval, coube ao compositor João de Barro, os dois primeiros lugares?

## BOA MÚSICA

Processa-se intenso movimento para melhoria de nossa cultura musical. E a luta dos que desejam ver, cada vez mais difundido entre nós o gosto pela boa música. Ainda agora, encabeçado por um grupo de jovens idealistas, vem de ser fundado o Centro de Arte e Cultura que se propõe realizar intenso movimento em favor de nossa arte e da nossa cultura. Iniciativa das mais felizes foi a apresentação da primeira dessas realizações através do Salão de Música, programa levado ao ar pela Guanabara em que o "Centro de Arte e Cultura" apresentou a insigne pianista patricia Estelina Epstein, recém-chegada da França, onde alcançou os maiores êxitos de sua carreira artística. Em se tratando de uma sociedade de arte, estamos certos de que muito terá que lutar, dado o ambiente pouco propício em que vivemos. Isto, porém, longe de desmerecer o trabalho dos que se acham à sua frente, só vem valorizá-lo ainda mais. A aqueles que vem prestando à mais esta boa iniciativa o seu incondicional apoio para levá-la avante, parabéns.

## OPINIÃO

RAIMUNDO LOPES, um dos mais férteis compositores da Rádio Globo, embora escrevendo programas como "Parada de Emoções", especializou-se no gênero novela. Contam-se às dezenas as histórias seriadas que já produziu para as PRE-8 e PRE-3. Daí, divulgamos sua opinião a respeito. Diz ele: — "Acho que vale a pena escrever novelas, porque escrevo por gosto, e sei que o público prefere as novelas, embora os pessimistas prevejam a sua queda, o que nunca se dará, tenho certeza. As estatísticas falam bem alto sobre a preferência do público para as boas novelas. Por isso acho que vale a pena continuar escrevendo novelas, mas procurando renovar e melhorar o gênero cada vez mais. Escrever novelas é uma arte difícil — refiro-me às boas novelas. E para as que classificam a novela de "sub-literatura", recomendo o exame da lista de grandes escritores que fracassaram lamentavelmente nesse gênero. Sim, vale a pena escrever novelas".





Os cabelos curtos continuam sendo a grande moda. Aqui, Lucille Ball, da RKO exibe a sua interpretação da nova moda

## Voz Bastidores Femininos

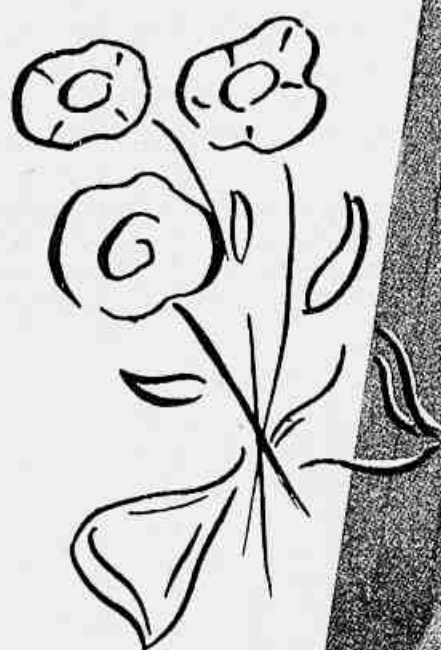
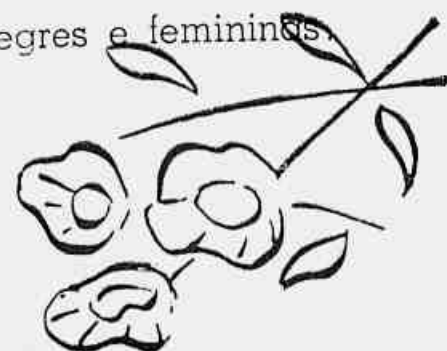
**A "CANSADA"** Vocês devem conhecê-la: ela faz, etc. Se está em casa, está "cansada" das empregadas, dos filhos, das arrumações, das brigas com o aqueleiro e com o vendeiro e até do próprio marido. Então, é uma verdadeira infeliz essa criatura que todas nós tão bem conhecemos. E o pior de tudo é que ela não se satisfaz em curtir sozinha o seu "cansaço" e a sua inteligência, mas toma, também, para sua "vítima" o primeiro incauto que lhe apareça pela frente. Ai "desabaia" totalmente, contando todos os seus aborrecimentos e todas as suas conseqüências, todos os seus trabalhos e todas as suas

tragédias. Procura justificar o seu desleixo com a "falta de tempo" e com o tremendo "esgotamento" em que se encontra e acaba confessando mesmo que já não tem sequer prazer de se enfeitar e muito menos de agradar a si mesma. "Estou cansada, não tenho tempo para isso" é o que ela diz sempre, aumentando dia a dia o abandono de si própria. No entanto, se amanhã ou depois o marido resolver procurar distrações em companhia de uma criatura

(Continua na pág. 52)



N ESTA página, as nos-  
sas jovens leitoras  
encontrarão os mais  
variados e encantadores  
modelos, criados por famo-  
sos costureiros franceses.  
Estas sugestões tornarão  
suas noites de festas mais  
alegres e femininas.



MODELOS DE

*Jeune nova*





# Caravau

GAULESA



DAMA ANTIGA



CLEOPATRA



M AIS algumas originais sugestões estão aqui apresentadas nesta página. São quatro encantadores modelos que certamente muito contribuirão para uma alegria completa no tríduo de Momo.

CRIADA 1770





# SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA

dar-te-ei outra que te fará um bem que nem por sombras calculas. Queres ou não submeter-te ao meu tratamento?"

"— Concedo, com uma condição: não gastar dinheiro."

"— Não gastarás um níquel. Podes amanhã descer meia hora mais cedo, para passares no meu escritório?"

"— Pois sim, às nove horas estarei lá; mas não demores muito."

"— Poucos minutos bastam para a primeira consulta. Até amanhã."

— Despedimo-nos e cada um seguiu seu destino. No dia seguinte, à hora apazada, achava-me sentado diante do Ricardo, que se revestira do ar mais concentrado possível.

"— Vamos iniciar o teu tratamento, meu velho; queixas-te tanto da vida, será possível que ela não te traga também algumas compensações?"

"— Não sei quais, retorqui. Minha vida tem sido trabalho... trabalho, sempre trabalho... e mais trabalho."

"— Tua mulher é boa?"

"— Como?... Fiz escandalizado. Não te compreendo... Que queres dizer?"

"— Pergunto-te apenas se tens uma esposa boa, carinhosa, cumpridora de seus deveres, enfim uma boa esposa?"

"— Lúcia é uma esposa exemplar, respondi-lhe; boa mãe e ótima companheira. Graças a Deus nada tenho a queixar-me nesse particular."

"— Melhor ainda: ótimo começo para o tratamento. Minha receita de hoje é a seguinte: dedicarás hoje única e exclusivamente teus pensamentos à tua mulher. Nem um minuto sequer do teu pensamento dedicarás às tuas "trapalhadas", aos teus negócios. Talvez te pareça pueril, mas todos, todos os pensamentos de hoje serão para ela... tua mulher. Prometes?"

"— Prometo; só que não acredito na eficácia da medicação imposta."

"Despedimo-nos, e eu saí, sorrindo, sem fé nenhuma na medicina do Ricardo. Enfim, não custava nada experimentar."

Fui para o escritório e a primeira coisa que bati na máquina foi "Lúcia é uma boa esposa". Sorri e continuei trabalhando. Se parava, por acaso, um momento que fosse, o que estava fazendo, vinha-me logo à mente a lembrança de minha mulher. Então escrevia: "Tenho uma esposa que vale ouro"; "Lúcia é uma boa mãe"; "Que seria de mim sem Lúcia?". E assim levei o dia inteiro, trabalhando, pensando e escrevendo algo sobre minha mulher. O interessante é que o dia correu muito mais depressa e sem preocupações de espécie alguma. Não é que o Ricardo tinha razão?

"Cheguei em casa mais satisfeito. Lúcia notou a diferença e estranhou. Nada lhe disse sobre o encontro com Ricardo, nem sobre o que estava fazendo."

"— Então! Que tal o primeiro dia de tratamento? — perguntou-me Ricardo, no dia seguinte."

"— Podes acreditar que me senti imensamente melhor que nos outros dias."

"— Eu não te dizia!... Segue à risca as minhas prescrições e ficarás radicalmente curado. Ouve-me... Que tal teus filhos?"

"— E' essa a segunda receita? — perguntei-lhe, sorrindo. Ante a resposta afirmativa, continuei: — Gozam saúde, são dóceis e aplicados aos estudos; talvez o Mundinho seja um pouco preguiçoso... enfim, nada tenho a queixar-me deles."

"— Seguindo o tratamento, dedicarás o dia de hoje a teus filhos. Reviverás mentalmente os momentos felizes, alegres que com eles tens passado. Seus sonhos de futuro, suas aspirações, tudo, enfim, que se relacione com eles será teu pensamento no correr do dia de hoje. Tudo feito?... Então, até a vista."

"Não pude trabalhar sossegado. Era muito pensamento junto, de uma só vez. Sorria ao menor pensamento alegre que ocorria, chamando até a atenção do meu chefe."

"— Que é isso, seu Pacheco? Viu hoje passarinho verde?"

"Não lhe dei resposta e continuei trabalhando... e pensando. A folhas tantas, não sei que piada interessante do cacula veio-me à memória que não pude conter um frouxo de riso."

"— E'... Seu Pacheco! O senhor não está bom, hoje, não. Talvez fosse melhor ir para casa."

"Não lhe fiz a vontade e continuei trabalhando; mais controlado em minhas expansões paternas."

"Antes de sair telefonei ao Ricardo:

"— Olha, meu velho, o teu remédio de hoje dá para dois ou três dias... talvez..."

"— Ouve — disse Ricardo, do outro lado da linha — podes sair comigo, sábado? Se puderes passa aqui no escritório às 13 horas, sem falta."

"Ansiosamente aguardei a data marcada pelo amigo. Sábado chegou. Às 13 horas em ponto estava no escritório do Ricardo que me aguardava, pronto para sair."

"— Onde vamos? — perguntou-me."

"— Verás depois... o remédio é um tanto forte, violento; mas o teu mal já era crônico, precisa de uma medicação vigorosa."

"Tomamos o carro do Ricardo que, no volante, não pôde me prestar muita atenção."

"Não tínhamos andado muito tempo, quando chegamos diante de um casarão, tipo de hospital."

"O carro, freado com energia, parou; descemos. De fato, era um hospital, hospital de crianças."

"Um médico, ainda moço, veio nos atender. Ricardo apresentou-o como seu amigo de infância, e a mim um colega de escola."

(Continua na pág. 52)

Conto de ALVARO ROSADAS



Ilustração de RENATO SOUZA

ENCONTREI hoje o Pacheco na rua do Ouvidor. Aquê encontro foi, para mim, motivo de grande alegria. Há muito não tinha o prazer de vê-lo. Abraçamo-nos apertadamente e fomos tomar um chopp no Simpatia.

Longo tempo ficamos em agradável palestra, recordando casos dos tempos passados e trocando impressões sobre os nossos negócios.

Uma coisa feriu-me profundamente a atenção: o Pacheco mudara muito. De homem sempre preocupado pelos negócios, eternamente atrapalhado com letras a vencer, contas atrasadas e mil e uma complicações; de constante mau humor e intratável, eu vinha encontrar um Pacheco bem humorado, brincalhão e satisfeito.

Soltou boa e gostosa gargalhada quando lhe chamei a atenção para a transformação verificada.

— Alegro-me que tenhas notado a mudança radical que se operou em meu caráter; agora eu sou um outro Pacheco, inteiramente outro...

— Algum golpe da sorte? — aventurei.

— Não, nada disso. A vida continua no ramerrão de sempre; eu é que mudei, mudei cem por cento.

— E pode-se saber, por acaso, a causa dessa tão grande metamorfose que sofreste?

— Por que não?... Somente que hoje me é impossível contar-te, pois está na hora do ponto e eu não quero chegar atrasado ao escritório. Prometo contar-te, tim tim por tim tim, tudo o que se passou comigo. Olha, queres encontrar-te sábado aqui mesmo, neste bar? Teremos tempo de sobra para conversarmos à vontade. Combinado?

Apazado novo encontro, separamo-nos.

— Vou confiar-te, hoje, como consegui mudar tanto que até chamou a tua atenção — começou o Pacheco, após

termos iniciado a nossa conversa com um saboroso chopp.

— Lembras-te de como eu era um verdadeiro "arso", rispido e difícil de aturar? A vida para mim era um verdadeiro martírio. Se encontrava um amigo, o meu assunto era um só e único: a carência da vida. Andava constantemente preocupado com promissórias, duplicatas, títulos a vencer; fazendo uma ginástica incrível para equilibrar a despesa e a receita. Mas o pior é que já estava sendo dominado pelo desânimo.

"Certo dia, então, eu estava "por conta do Bonifácio". Nem sei mesmo a causa; vivia quase diariamente debaixo daquela depressão nervosa. Cabisbaixo, caminhava para o largo de São Francisco, rumo ao lar, quando senti que me puxavam pelo paletó. Ia zangar-me com a brincadeira de mau gosto, quando, voltando-me, dei de cara com o Ricardo Seixas, conhecido."

— Aquê que tem umas representações de rádios e geladeiras do Canadá?...

— Tem, não; tinha. Esse mesmo. Pois, como eu te contava, encontrei-me com ele. Fez-me muitas festas e perguntou-me pelos meus negócios. P'ra quê?... Abri as válvulas; e falava a tarde toda sobre a minha eterna desventura se ele não interrompesse:

"— Rapaz, tu precisas tratar-te, senão acabas estourando a cabeça com uma bala."

"— Isso é bom de dizer-se... Falas de barriga cheia: baratilha, bons negócios, bela vivenda na Urca, que sei mais?"

"— Isso não quer dizer nada. Queres sinceramente cooperar comigo? Vou dar-te um remédio radical."

"— O remédio que me faria imensamente bem é uma boa dose de dinheiro. Será essa a tua receita?"

"— Infelizmente essa mezinha eu não te posso dar. Mas

# REMÉDIO INFALÍVEL



# Gente

## MIÚDA



JANE SYLVAIN

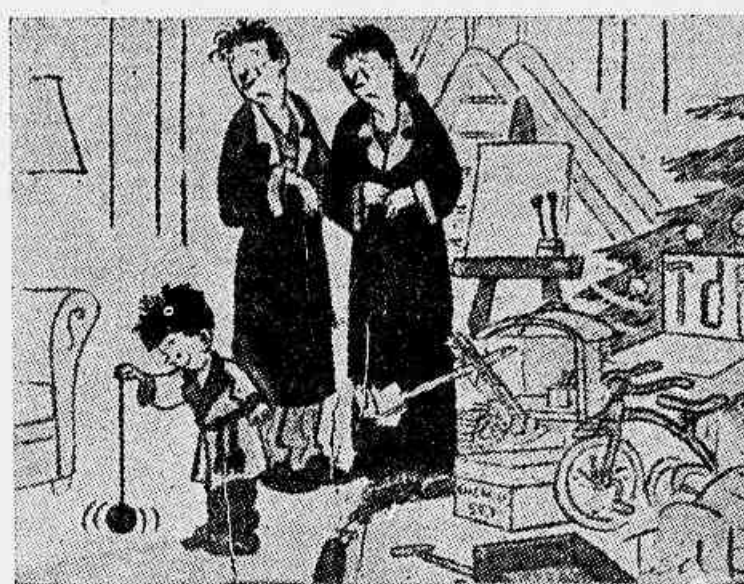


HENRY A LA PENSÉE



MABLE

**A**S crianças também têm os seus criadores de modas em Paris. Jane Sylvain, Henry a la Pensée e Mabel são alguns deles. De Jane Sylvain é a calça de linho azul com a jaqueta em tecido unido e listrado, combinados. De Henry a la Pensée é o vestidinho para menina com transpasse na frente e guarnecido de valencianas e o terno de linho para menino. De Mable é o gracioso modelinho em tecido quadriculado, com "plastron" de fustão.



## RESPEITEMOS O DIREITO DAS CRIANÇAS

porém, muitos pais levam longe de mais essas obrigações e, considerando-se donos absolutos dos seus filhos, procuram impor-lhes a sua própria vontade, esquecendo que a criança é um indivíduo cujas inclinações e preferências devem ser respeitadas. Muitas vezes, por vaidade ou "para dar aos filhos aquilo que não possuíram na infância", os pais escolhem e decidem, eles próprios, a carreira que o filho deverá seguir; quando não, o forçam a passar horas seguidas diante de um piano ou de um violino, na esperança de que ele se transforme num verdadeiro gênio musical, sem levar em conta o desinteresse e a falta de inclinação por parte da criança. O mesmo poderá acontecer em relação a qualquer outra manifestação da inteligência humana. Essa "pressão" que os pais julgam estar exercendo em benefício da própria criança, acabará por prejudicá-la. Ou matam inteiramente a sua personalidade transformando-a numa criatura inútil, preguiçosa, tímida ou voluntariosa, ou então num ser revoltado, que tudo fará para se libertar da influência paterna. Quando a criança chega a esse ponto — o que se verifica, em geral, na adolescência — são inevitáveis as discussões e cenas desagradáveis, como inevitável também é a incompreensão dos pais, e isto no momento exato em que ela mais necessita de compreensão. São pais assim que se "amarram" aos filhos e tentam "amarrar" os filhos a si próprios que mais os prejudicam, não querendo reconhecer que é o próprio caráter e a própria inteligência da criança que exigem a libertação.

São pais que pretendem criar os filhos para si e não para o mundo, esquecendo que eles não poderão viver eternamente à sua sombra, e que um dia terão que deixá-la para enfrentar, sozinhos, o mundo. E quando esse momento chegar, precisarão estar preparados.



**CONSELHO ÚTIL** — A predileção por um dos filhos, e principalmente a predileção que não é disfarçada, é uma das principais responsáveis pelo desentendimento e rivalidade entre irmãos.

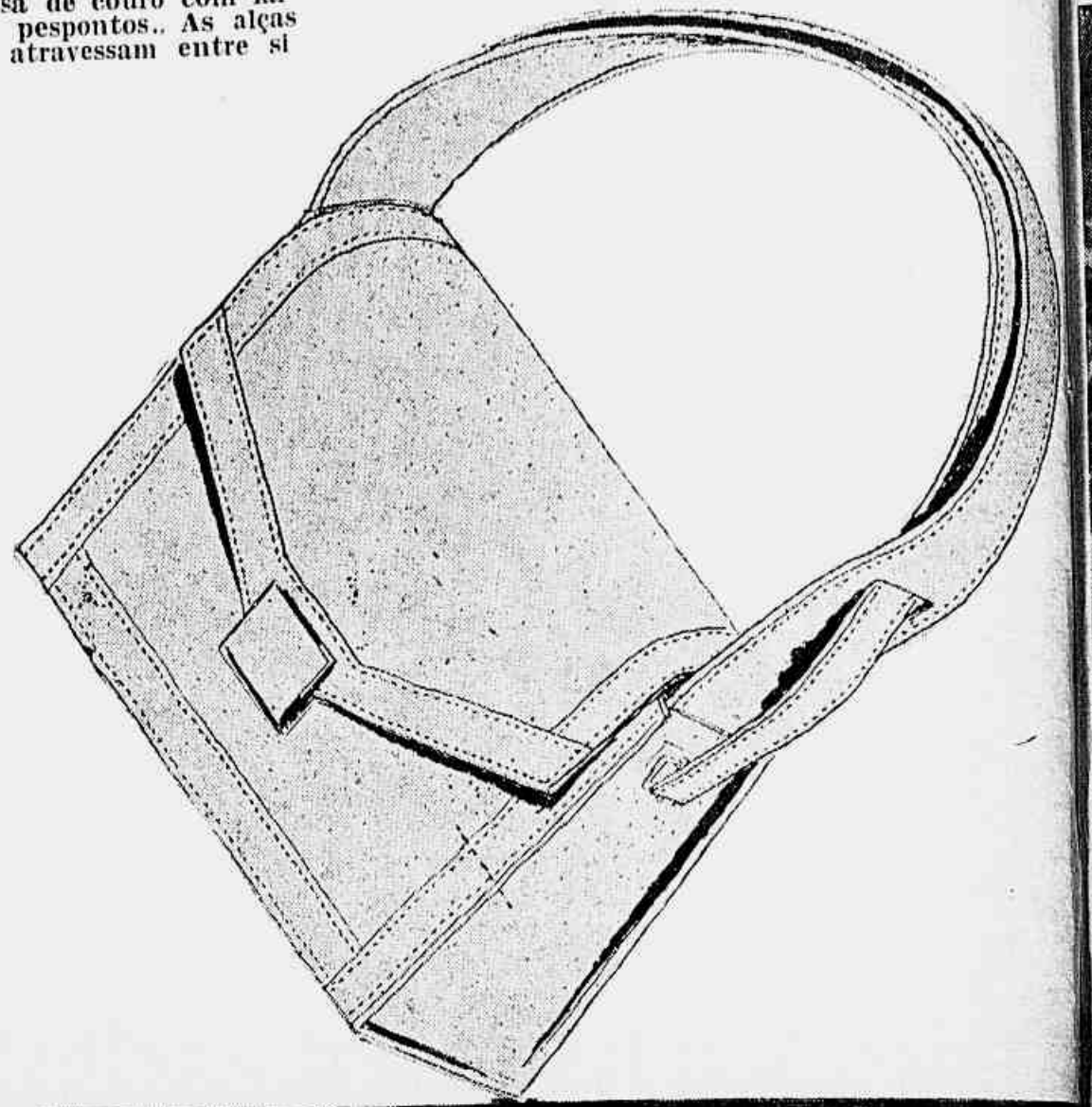


A harmonia entre irmãos depende, exclusivamente, da forma de tratamento e do exemplo que recebem em casa

**T**RATAR bem os filhos, dar-lhes uma boa educação, alimentá-los o melhor possível, fornecer-lhes meios de distração, ajudá-los nos seus momentos difíceis, velar por eles quando estiverem doentes, preservá-los contra males físicos e morais, é dever de todos os pais. É uma obrigação que os pais contraem com a criança desde o dia do seu nascimento, e a ela eles não deverão furtar-se. Infelizmente,



Bolsa de couro com largos pespontos. As alças se atravessam entre si



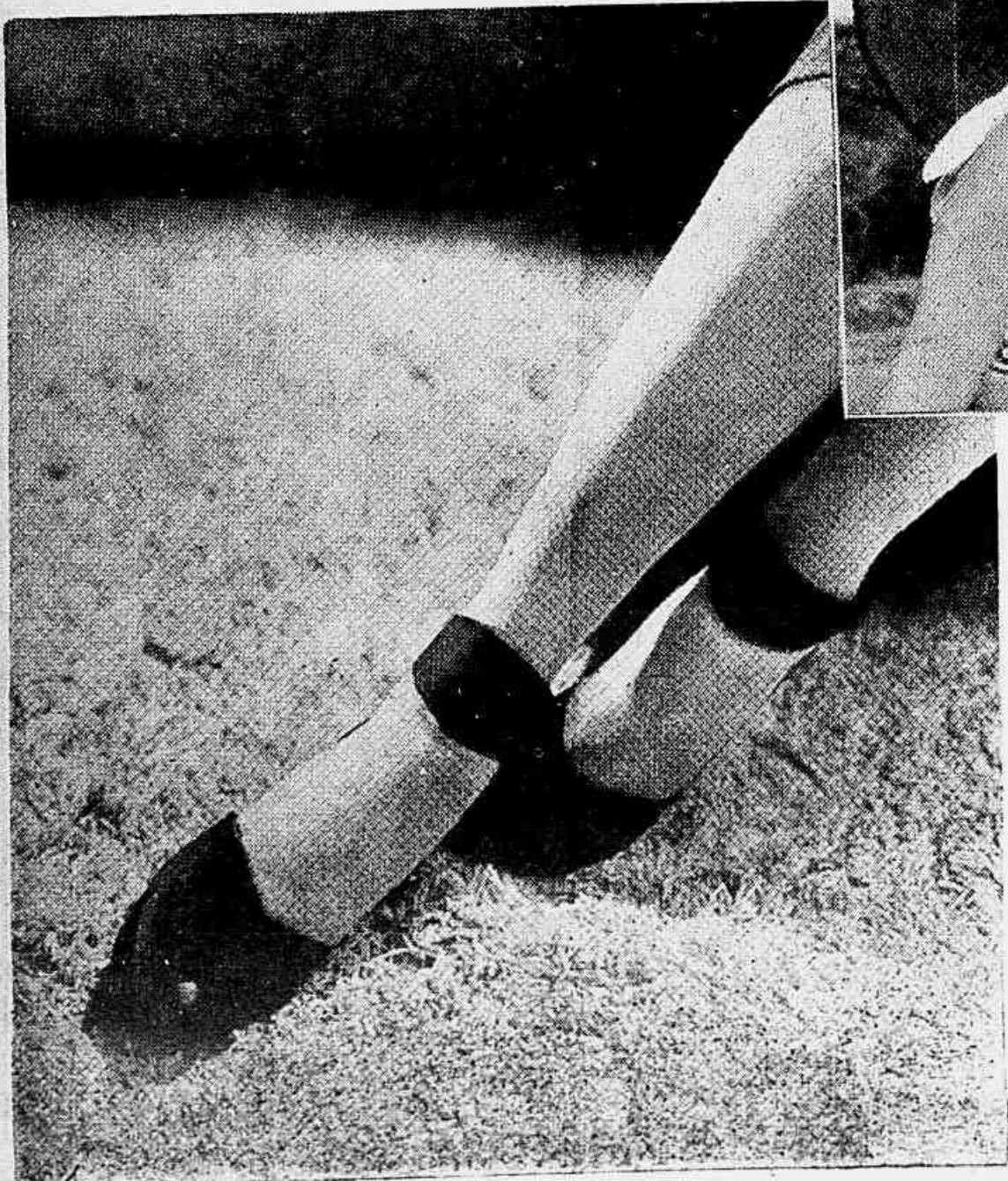
Os guarda-chuvas modernos são longos e práticos, apresentando cabos elegantíssimos como os que se vêem aqui

O movimento "ciclone" é isto que aí se vê... que tal esta imposição da moda?



Um maravilhoso "apanhado" de miosotis, com folhagens, guarnece este chapéu de palha em cor natural

Um chapéu de praia que pode ser preso por um vistoso lenço. E' o que vemos na foto acima



Sapatos em cetim para "soirée", são a última novidade da moda





"Beret" em "crochet", para o verão, prático e fácil



Os vestidos para "cocktail" exibem agora decotes originais como este com um ombro descoberto, criação de Dior



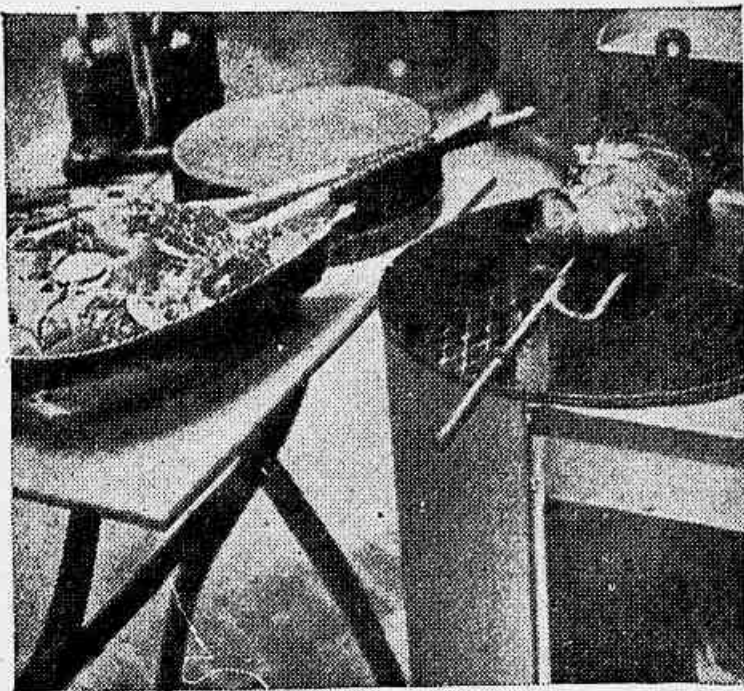
Muito lindo este broche em ouro, diamantes e rubis

Capa para chuva, de linhas amplas, capuz com reverso em ponta

**DETALHES  
E  
NOVIDADES**

## week-end NA COZINHA

### PERNA DE VITELA COM MILHO VERDE



Pernil de porco com uma boa salada, eis uma sugestão para o seu menu

Tome uma pequena perna de vitela ou um pêso regular do mesmo e condimente-a à vontade e leve-a à caçarola com uma boa colher de gordura de 100grs. de paio. Deixe dourar e junte carne de caldo e 2 cebolas raladas. Quando a carne estiver macia e bem dourada, adicione tomates sem peles, refogue-as um pouco mais e pingue mais um pouco d'água. Uma vez grosso o caldo, misture 1 lata de milho verde. Sirva o milho ao lado da carne.

### SOUFFLÉ DE COUVE-FLOR

Cozinhe uma couve-flôr em água e sal e escorra. Esmague-a bem com o garfo e junte a um molho branco feito com 1/4 de litro de leite, 1 colher de sopa, rasa de farinha, sal e queijo ralado. Adicione 4 gemas misture bem e por último junte as claras batidas em neve. Leve ao forno regular.

### CALDO DE LEGUMES COM TORRADAS

Faça um belo caldo de carne e cozinhe cenouras, nabos, batatas e uma couve-flôr pequena. Passe tudo por peneira fina e sirva com torradas bem finas e amanteigadas.

### MÓLHO DE CAMARÕES

Limpe os camarões, reserve as cabeças para ferver com 1 copo d'água, condimente com sal e caldo de limão. Faça um bom refogado com azeites, cebola, tomate e coentro. Junte os camarões, refogue-os bem e junte a aguadas cabeças já peneiradas. Engrosse esse caldo com fubá de arroz, adicione 2 gemas e por último, 1 colher de chá de manteiga e gotas de limão.

### BANANAS "AU GRATIN"

Engrosse no fogo meio litro de leite com meia chicara de açúcar, 1/2 colher de chá de manteiga, 2 gemas e 1 1/2 colheres de sopa de maizena. Deixe esfriar um pouco, misture as claras em neve e junte 1 colher de chá de essência de baunilha. Arrume no prato que vá ao forno fatias finas de bananas "prata", cubra com o creme e leve ao forno. Sirva com creme "Chantilly".

### PUDIM DE CÔCO E QUEIJO

Faça uma calda com 300grs. de açúcar e enquanto quente, junte 1 colher de chá de manteiga. Deixe esfriar, junte 7 gemas, 50grs. de queijo ralado, o leite de 1 côco e 2 colheres de farinha de trigo. Deite em fôrma forrada de caramelo e asse em banho-maria.

### BOLINHOS PARA CAFE'

Bata bem 1 chicara rasa, de chá, de açúcar; junte 2 ovos inteiros e 2 colheres de sopa de manteiga. Adicione 2 chicharas rasas, de farinha de trigo, 1 colher de chá, de fermento e uma colher de chá bem rasa, de sal. Bata bastante, misture casca fina de limão e deite em forminhas untadas levando-os ao forno....

### PUDIM DE CAXAMBU

Bata ligeiramente 6 ovos, junte 2 chicharas de açúcar, 2 chicharas rasas de queijo de Minas ralado, 2 chicharas de leite e 1 colher de chá de manteiga. Misture bem, deite em fôrma untada com caramelo e asse em banho-maria no forno.

## CULINÁRIA

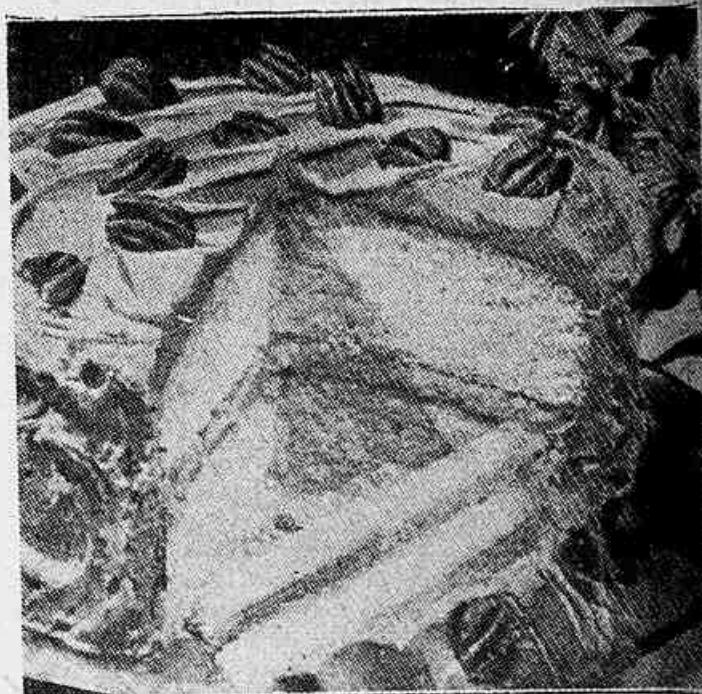
Antes de pôr o pão de molho para usá-lo em algum recheio, convém ralar a codea. Desta maneira, não só se molhará em menos tempo o miolo como também se obterá um pão ralado muito melhor do que comumente se compra.

★

Os alimentos fritos e guisados, por sua difícil digestão, põem à prova a resistência do estômago.

★

Os crêmes devem ser preferentemente batidos em vasilhas de louças e revolvidos com um batedor de arame.



Bôlo em camadas, recheado com creme e coberto com o mesmo creme nêzes... Uma delícia, sem dúvida...



# ARTES PLÁSTICAS

ANGELUS RAVEL

do mundo contemporâneo. A mesma curiosidade havia atraído considerável multidão, há alguns anos atrás, em Varsóvia, por ocasião do primeiro concerto de Paderewski, depois de eleito presidente da Polónia. Entretanto, àquela época, se verificava o fato de um grande pianista, afamado, tornar-se estadista. O mesmo não sucede, talvez, com Mr. Churchill. A pintura de Winston nada tem de surpreendente ou de revelações extraordinárias de um artista emérito ou mesmo de algum novo gênio da arte. É simplesmente pintura. Se o presidente Henry Truman se dispusesse a tocar ao piano o "Cai Cai Balão", com um dedo só, numa grande exibição sinfônica, evidentemente é de supor-se a enorme multidão que acorreria para ouvi-lo... Isso é geralmente o que sucede com os grandes vultos, quando se dedicam a algum passatempo menos austero. Para os críticos, entretanto, a apreciação de uma obra de arte, executada por um homem ilustre, tem que ser feita com absoluta imparcialidade; deixando de considerar a personalidade que a executou para julgar tão somente o seu trabalho à luz da arte.

Mr. Churchill — conforme ele mesmo confessa em seu livro, recentemente publicado "A Pintura Como um Passatempo" — reservou-se o direito de julgar o seu próprio trabalho. Colocou-se na sua verdadeira posição de um artista-amador, apenas iniciado na arte, que olha a natureza como a enxerga a maioria dos pintores-amadores. A arte de pintar, para Winston, é unicamente também a arte de "restaurar o equilíbrio físico, necessário à vida". A pintura não constitui, para ele, um fim, um objetivo determinado, mas, sim, um meio para conseguir tal equilíbrio. "O desejo de pintar nasceu em mim num dos mais agitados e difíceis períodos de toda minha vida política" — escreve. Aconteceu como uma fatalidade, quando maior era a necessidade de encontrar o "equilíbrio físico restaurador" de um organismo quase que aniquilado pelas preocupações enormes pelas quais passou o grande estadista inglês, durante grande parte de sua existência.

Todavia, Winston Churchill não é um homem que ao se dedicar a uma determinada tarefa se cinja apenas a executá-la sob o formalismo que a realização exige. Ele vai muito mais longe, em qualquer campo que esteja exercendo uma atividade. Na pintura ele não vê unicamente o passatempo agradável que lhe proporciona a arte, mas também "uma nova e inteligente maneira de exercitar o espírito criador do homem".

Para Churchill, um cidadão qualquer que, durante toda sua vida, sempre se

No salão deste ano da Real Academia de Londres foram expostos três quadros sob o pseudônimo de "Jones", nome escolhido por Winston S. Churchill, que aí vemos em seu estúdio em Londres

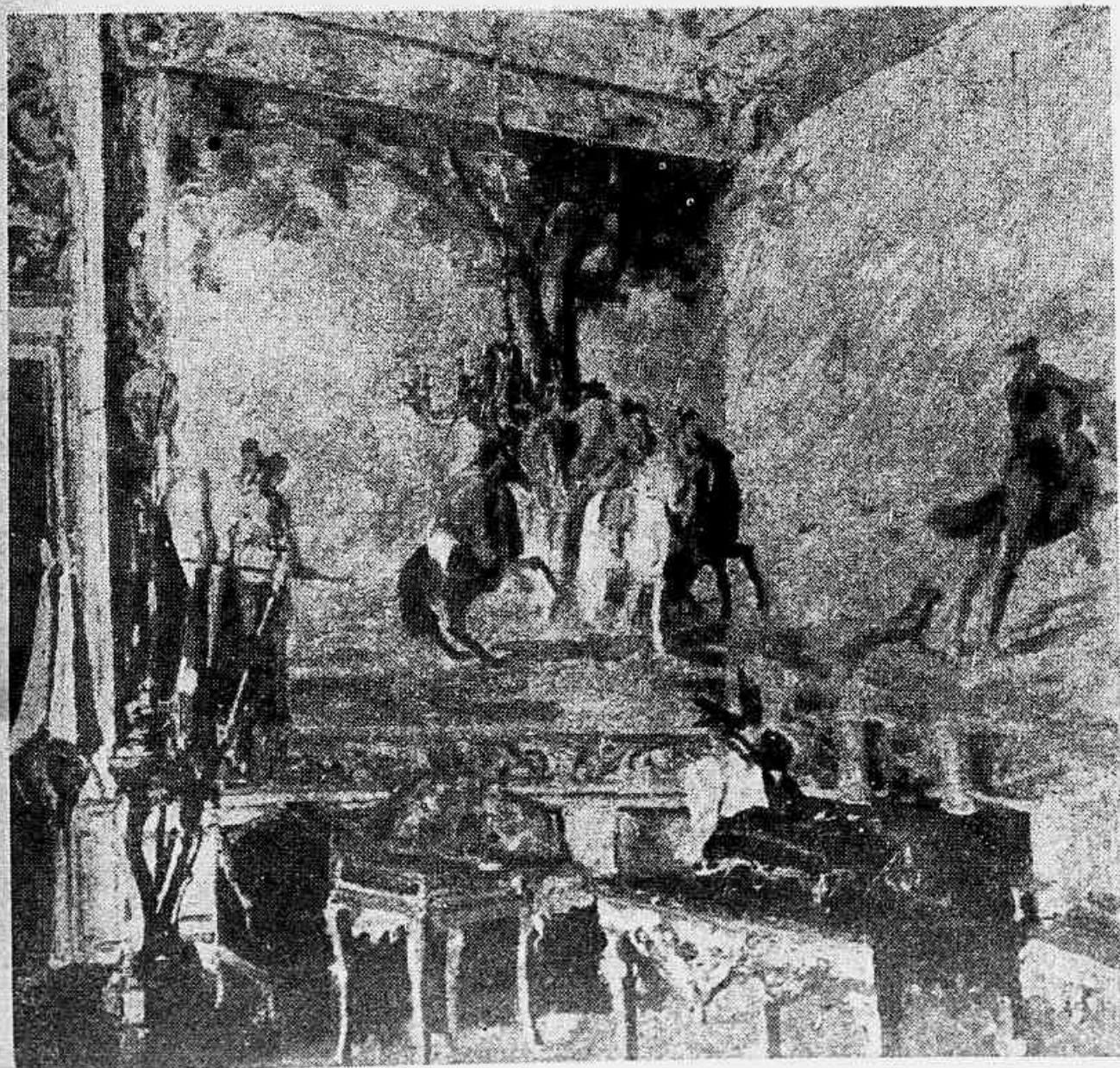
## VOCAÇÃO DE GUERREIRO E ALMA DE ARTISTA

A exposição de pintura da Real Academia de Londres, conta desta vez com três quadros de autoria de Winston S. Churchill.

Naturalmente, a atenção do público londrino que compareceu à exposição foi despertada grandemente, vindo o aconte-

cimento constituir a nota de sensação do salão deste ano.

Trata-se de trabalhos de pintura executados por um dos eminentes estadistas



A esquerda — Um dos quadros ora em exposição, em Londres, de autoria de Churchill — "Blenheim Tapestry". A direita — "Mimizan Landes" — pintado por Churchill e adquirido por David Lloyd George, para sua mansão em Chart

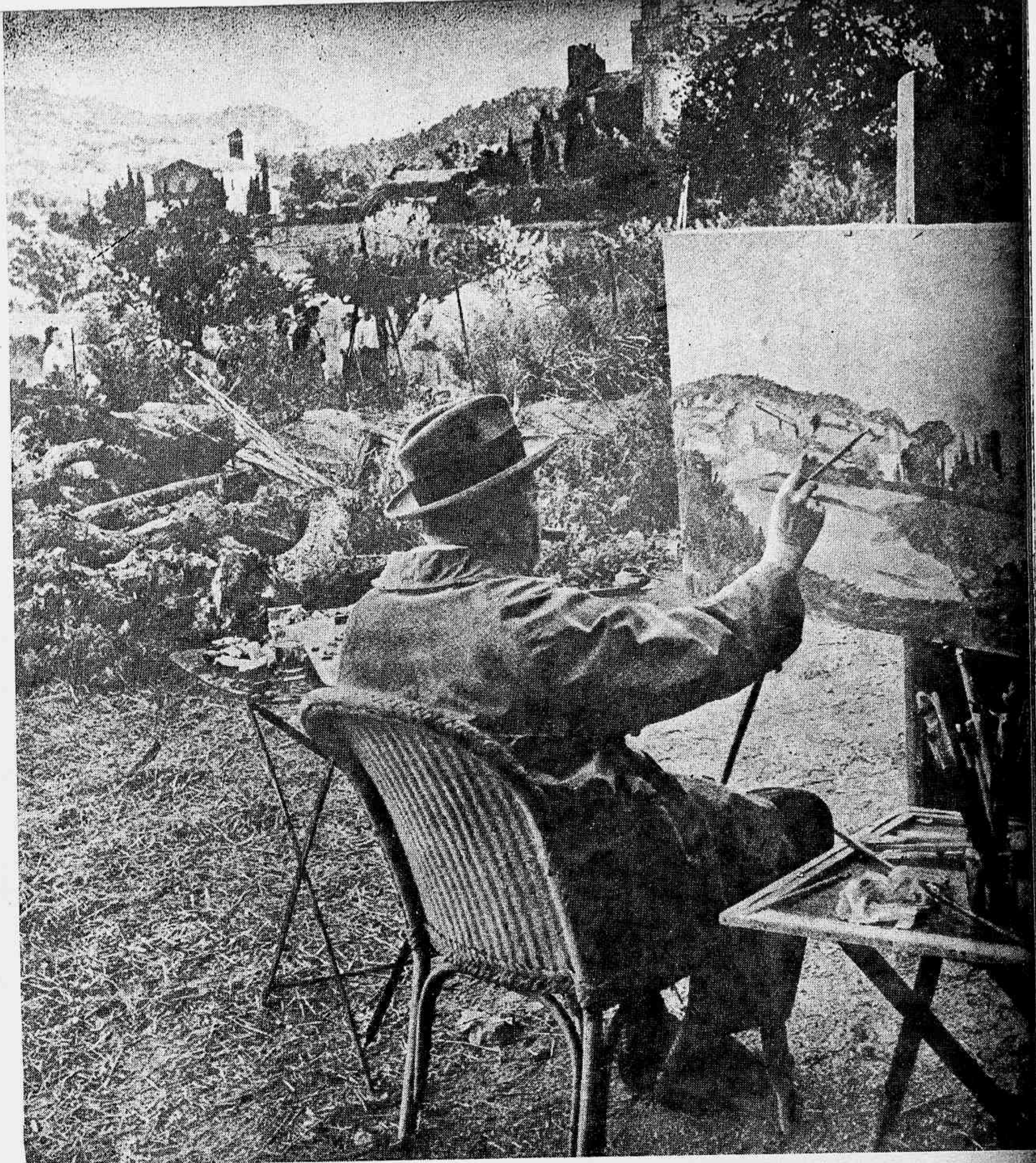


viu envolvido em transcendentais problemas de alta estratégia e intrincados problemas de tática militar, ao se lhe depa-  
rar uma tela branca — ele enxergará, ali, um "campo de batalha em poten-  
cial". A pintura não lhe parece exclusi-  
vamente obra da natural excitação de  
um artista em face da beleza que a  
natureza lhe proporciona, e que lhe não  
é fácil resistir o desejo de transportar  
para a tela o que seus olhos mara-  
vilhados admiram. Churchill, frente a  
uma tela, se comporta como um gene-  
ral num campo de batalha, segundo ele  
mesmo confessa. O que o estadista não  
pode resistir é aquilo que seu espírito  
vivamente conserva, como resultado des-  
ses longos anos de sua existência comum.  
Na tela, o que ele reproduz, ao contem-  
plar a natureza, pode muito bem ser  
avaliado nesses trechos de sua aludida  
publicação: "...Estabeleça-se um bom  
plano de ataque, antes de iniciar qual-  
quer quadro... faça um demorado estu-  
dio de reconhecimento do terreno que  
deseja transportar para a tela... é acon-  
selhável também um meticoloso estudo  
da técnica empregada pelos generais da  
arte, no passado..." Também suas teorias  
sobre pintura, em geral, muito deixam  
transparecer o militar inato que é Chur-  
chill: "...de um lado da paleta você tem  
a cor branca, e no outro extremo a cor  
negra... no centro, na "terra de nin-  
guém", é onde se encontram tôdas as  
forças de que você deve dispor para a  
batalha que se vai iniciar..."

★

Enquanto o público que visitou a espo-  
sição deste ano da Real Academia de Lon-  
dres, procurava descobrir nos catálogos,  
ávidamente qual seriam, entre as centenas  
de quadros em exibição, os trabalhos  
executados pela personalidade que teve  
em suas mãos a sorte da Europa — os  
críticos de arte apreciavam as obras ali  
expostas, analisando as suas principais  
características, a habilidade de apresen-  
tação dos motivos, na expressão realis-  
tica, na poesia das concepções, na agude-  
za de observação do artista, etc. — e a  
pergunta de todos os técnicos no assunto,  
ao terminar o exame de cada quadro,  
não era evidentemente a de "Quem pin-  
tou isso?"... mas sim: "Representa isso,  
para mim, uma excepcional manifestação  
de arte?"

Os trabalhos de Winston Churchill,  
submetidos assim a esse critério de julga-  
mento, evidenciaram certa singularidade  
que, apesar de não lhe conferir "distin-  
ção", bem demonstram a acuidade de  
seu espírito. Tôdas as suas obras foram  
apresentadas ao salão sob o pseudônimo  
de "Jones". Os críticos passavam diante  
de seus quadros, admirando-os como "um  
bom trabalho", adivinhando, provável-  
mente, que o autor poderia ser um  
artista capaz de grandes progressos, sem,  
todavia, demonstrar muita imaginação na  
arte da pintura. Apenas um iniciado,  
que ainda se deixava levar pelo que  
representa os aspectos mais comuns que  
a natureza oferece, sem demonstrar o



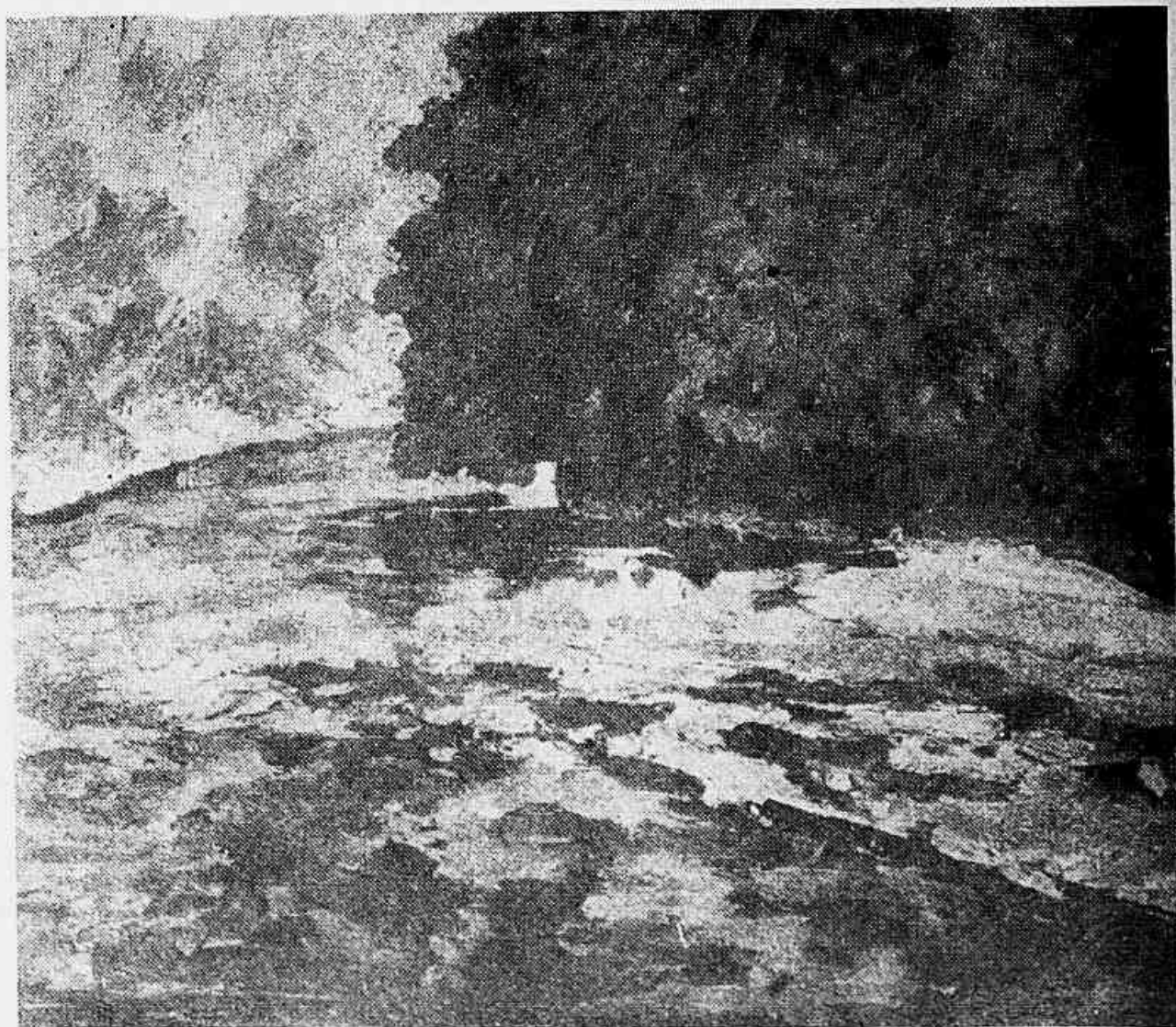
Winston S. Churchill, transportando para a tela o "Chateau de Loumarin", situado nos arredores de Aix-en-Provence. Em seu livro recentemente publicado — "A Pintura Como um Passatempo" — ele confessa: "...até aos quarenta anos nunca soube o que era segurar um pincel..."

espírito criador que permite realçar a  
vulgaridade daqueles mesmos aspectos —  
fato que realmente transforma um pin-  
tor num grande artista imortal. Os criti-  
cos o imaginaram como um jovem artista,  
iniciado muito moço na arte, um traba-  
lhador infatigável, e além disso — um

perfeito extrovertido. Em todos esses  
pontos eles têm alguma razão, a não  
ser quando o supõem um iniciado muito  
jovem, pois, conforme ainda o próprio  
Churchill diz: "...cheguei até os qua-  
renta anos, sem nunca haver segurado  
um pincel, ou mesmo um lapis que fôsse

para desenhar alguma coisa no gêne-  
ro..." Tecnicamente, entretanto, Chur-  
chill foi considerado como um amador.  
Admitir-se, por exemplo, uma fronteira  
delineada entre a amador de pintura e o

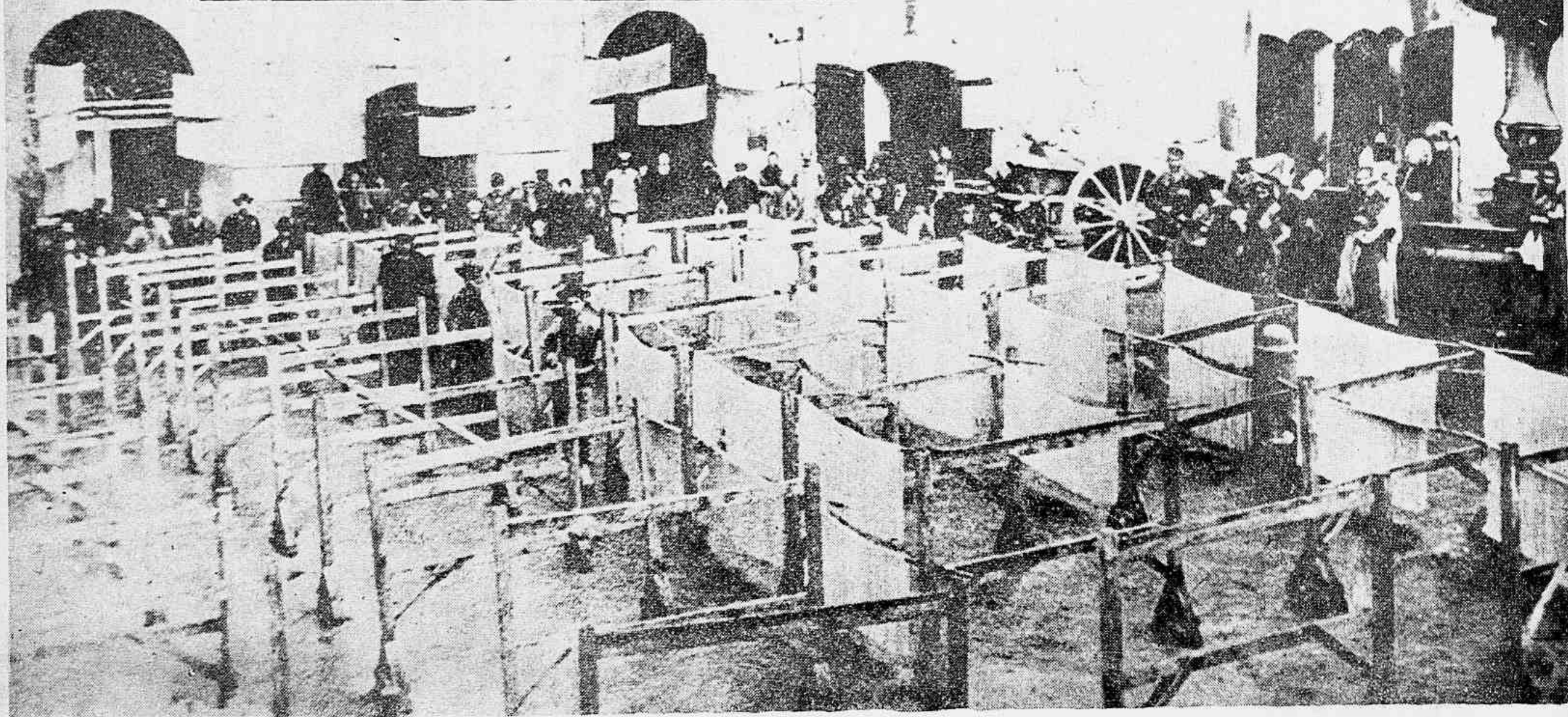
(Continua na pág. 49)



A esquerda — Churchill impressionista — "Le Pont des Trois Sautets", pintado em 1948. A direita — "The Sorgue River" — um dos oito quadros pintados por Winston durante as suas últimas férias passadas em Aix-en-Provence, na França



# VIDA E GLORIA DO SPAGHETTI



Este era o velho sistema de secagem do "spaghetti" em varais em plena rua. Hoje está substituído pelas câmaras ou fornos quentes

Já ouviu o leitor falar em Gragnano? É uma cidade da Itália, perto de Nápoles e considerada a pátria do spaghetti, do macarrão, da pasta para esse precioso manjar alimentício.

Toda a Itália aprecia o spaghetti, que também é exportado para todas as partes do mundo quando há tempo normal e facilidades de transportes e cambiais.

Com a normalização da vida na península dos Apeninos, os fabricantes de massas alimentícias do país meteram mãos à obra em que centenas de famílias empregam, há séculos, suas atividades, e o spaghetti começou a ser fornecido à nação, entrando novamente como elemento de comércio exterior. Isso causou alegria interna e externa, especialmente entre os ingleses, grandes admiradores da massa fabricada pelos industriais da famosa Gragnano.

## O MACARRÃO NA CULINÁRIA E NA LITERATURA, INSPIRANDO POETAS, PROSADORES E SÁBIOS

Texto de **GIOVANI SABATTINI**  
Fotos **KEYSTONE**

Reanimando-se o consumo interno e o apetite exterior, a pequena cidade italiana mobilizou novamente os seus técnicos e retomou seu lugar de líder na fabricação do saboroso produto italiano, afim de serem atendidos os pedidos nacionais e do estrangeiro.

Os métodos empregados para a produção de spaghetti e macarrão já são bastante diferentes daqueles de an-

tanho, há centenas de anos passados. Entretanto os resultados continuam a ser os mesmos, isto é, sem maiores diferenciações de forma e sabor.

Não obstante estarem sendo empregadas modernas máquinas, centenas de operários continuam a ser empregados em pequeninas fábricas de trabalho manual, como em séculos passados.

Os processos de preparação das massas para, delas, tirar-se o spaghetti, o macarrão, etc., são muito diversos entre os de ontem e os de hoje.

Antigamente os operários esmagavam as massas empregando os pés descalços, como se costuma fazer com as uvas nos lugares, na fabricação do vinho. Para a secagem, estendiam as mantas de spaghetti e macarrão em varais ao sol nos pátios, e mesmo nas ruas.

Hoje, com as modernas máquinas elétricas para mexer



Logo que saem dos modeladores na fábrica e devidamente secos, embora com a conhecida flexibilidade, as



longas tiras são aparadas. Aqui vemos alguns operários duma fábrica de "spaghetti" e macarrão aparando



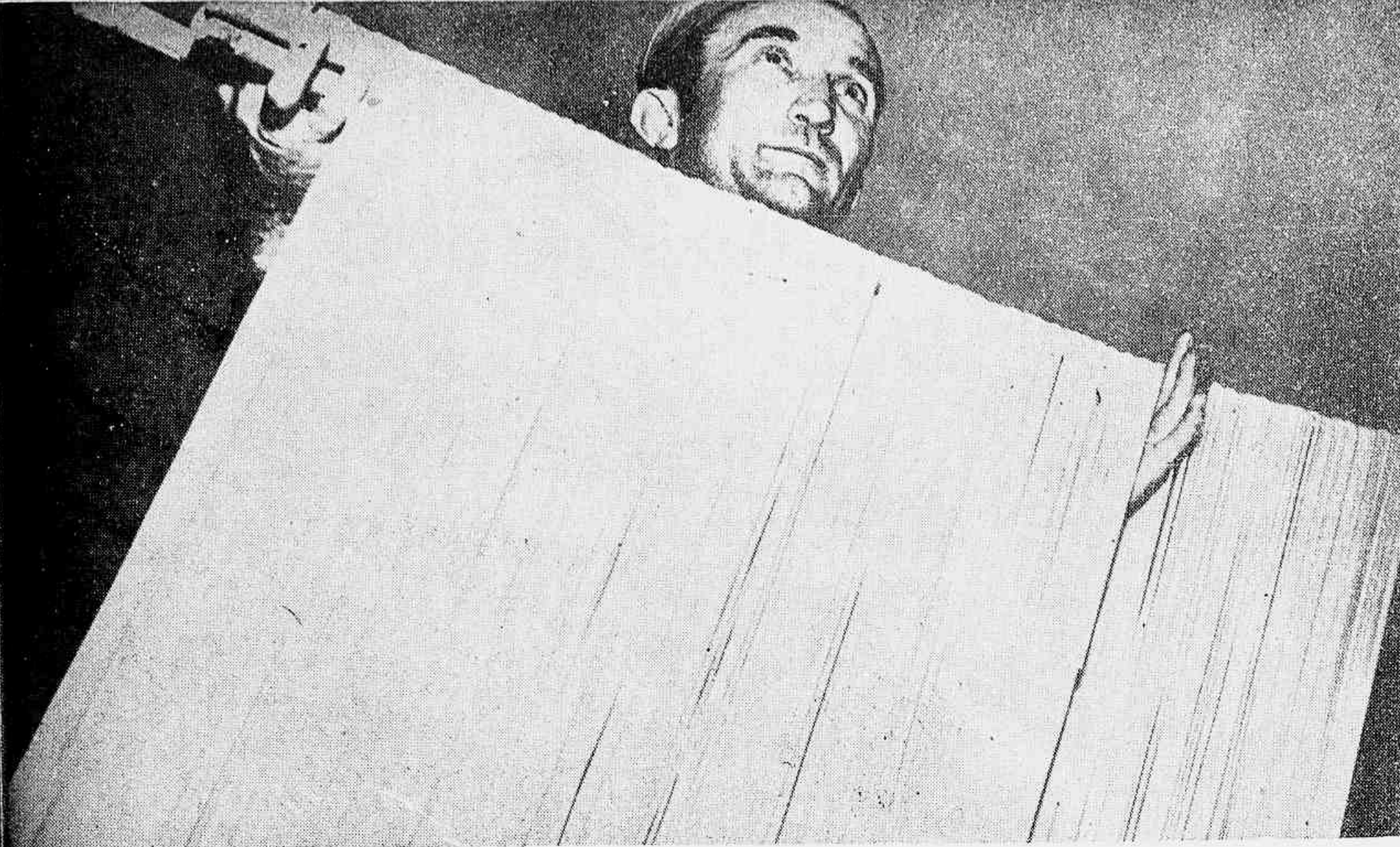
e acondicionando no recolhedor a massa já cortada em tamanhos determinados





Milhares e milhares de fios de "spaghetti" são pendurados ao teto e pendem para o chão semelhante uma chuva de macarrão para a felicidade dos glutões

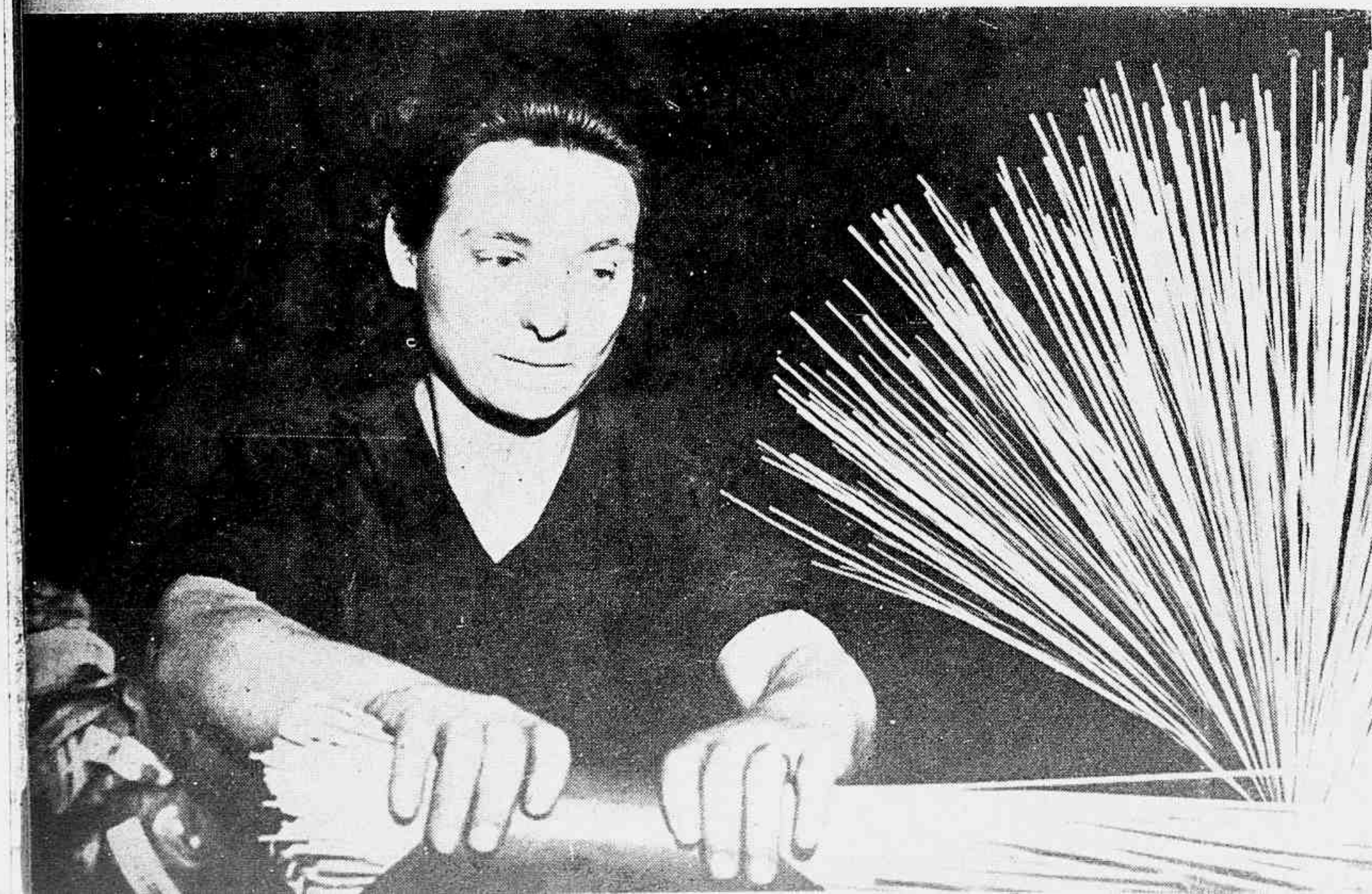




Em baixo — Numa pequena fábrica de "spaghetti" em Gragnano, operários preparam os pacotes cuidadosamente pesados para a exportação



Em baixo — Nem todas as mãos podem selecionar e acondicionar os bastões de "spaghetti" para o respectivo envoltório. Só mesmo as mãos femininas delicadas e cuidadosas



A esquerda — Depois de bem secos na estufa, o macarrão conduzido para

a massa e com os fôrnos para a secagem, a fabricação desses alimentos universalmente conhecidos se dá de maneira diferente e mais higiénica. Entretanto, por los progressos da técnica, como nem todos possuem cursos para boas e modernas instalações, os fatos continuam a preparar as massas para o spaghetti, as varas ao ar livre, sob o calor do sol, são vistas em Gragnano como em qualquer outra cidade italiana onde se fabrica desses produtos.

As fotos que ilustram esta reportagem dão uma idéia desses velhos processos no seu mais famoso "bairro".

O saber dessas pastas alimentícias se tornou quase universal, não havendo cozinha em todo o mundo civilizado que não conheça suas receitas. Livros de culinária registram todos os modos de fazer pratos famosos com as massas de procedência italiana, com especialidade as de Nápoles e seus arredores onde se situa a cidade de Gragnano.

Vamos dar aqui algumas dessas receitas, bem como a forma de fabricação do próprio macarrão e do spaghetti, produtos mais populares e apreciados pelos gastrônomos.

O que distingue o spaghetti do macarrão é a forma externa. Enquanto o macarrão é cilíndrico e o spaghetti é achatado, mais delgado e sem orifício. A massa é, porém, da mesma composição, geralmente a cozinha, dizem os técnicos dos bons azeites, que das as receitas para obter-se um bom macarrão também são aplicadas para alcançar-se um excelente spaghetti. Irmãos gêmeos do nascimento à morte.

Para fabricação de regular porção da pasta, a farinha de trigo em dez a quinze litros de água ferve, mexendo-se suficientemente afim de resultar numa massa homogênea, que é levada a um cilindro de bronze bem regulado o qual é provido de dispositivo para a delagem ou filière comprimido por prensa hidráulica.

A saída dessa modelagem é colocado um ventilador para começar a secagem que termina na estufa. A massa que vão saindo do cilindro, as pastas vão sendo cortadas por um fio circular. Outras vão sendo enroladas em pedaços de variados tamanhos. Para dar sabor, adicionam ovos em pó ou mesmo frescos; a amarela de certas espécies de massas é devida a corantes vegetais ou químicos.

O valor alimentar desses produtos é muito grande, podendo dizer-se que, em média, cem gramas de macarrão correspondem a cento e cinquenta gramas de pão. Tudo depende da composição segundo as diversas marcas de procedência. Mas, pode-se assegurar, de modo geral, numa média razoável, que as massas alimentícias secas contêm de 10 a 11 por cento de água, 50% de albuminóides, 0,75% de gorduras, 72% de hidratos de carbono, tudo isso equivalente a 340 a 350 calorias por cem gramas.

Obtida a pasta e fabricados os seus variados tipos de massas, temos a parte comercial propriamente dita. Agora entremos na seara da culinária e vejamos algumas reproduções dos especialistas o que se pode fazer com macarrões e spaghettis.

Como não podia deixar de ser, começemos pelo spaghetti à napolitana, sua pátria de origem.

O produto é posto a ferver em água abundante, levado na proporção de dez gramas por litro. Depois de cozido, o que não vai além de doze a dezesseis minutos, esgotar completamente a água e levar ao fogo numa cacerola afim de retirar os restos de umidade; temperar com sal e pimenta conforme o gosto de tomate, 50 gramas de parmesão e queijo tipo Gruyère ralado misturado com 50 gramas de manteiga para 150 de pasta. Bem misturado tudo, deve ser fervido em panelas ou aplicado para guarnecer carne ou aves conforme a indicação do mestre Cuca ou desejos das senhoras de casa.

Para o macarrão, que nada mais é do que uma espécie de spaghetti de forma material diferente, há centenas de receitas, cada qual mais interessante e que, naturalmente pode ser aplicada ao spaghetti, ou vice-versa.

Macarrão à napolitana. Há várias maneiras de fazê-lo, sendo as mais conhecidas as seguintes: o mesmo que à italiana de que nos ocuparemos mais adiante, com as seguintes adições: três colheres de molho de tomate, misturar e acrescentar-lhe queijo ralado.

Outra fórmula de macarrão à napolitana é estar cozido em água temperada com sal em dois terços, esgotando macarrão do grosso em pequenos pedaços. Depois de esgotar, aplicar manteiga, levando-o ao fogo em panelinha com queijo ralado.

Para a italiana se segue esta receita: depois de ter sido esgotado a água e evaporado, juntar-lhe sessenta gramas de queijo ralado das duas espécies, parmesão e Gruyère, misturados, com sessenta gramas de manteiga dividida em pequenos bocados mexendo para boa mistura. Também se faz com uma só qualidade de queijo ao invés de duas embora todos asseverem que misturando as qualidades de queijo referidas o sabor é mais agradável. A proporção de queijo e manteiga pode ser aumentada ou diminuída conforme o gosto.

Para a fórmula do macarrão à inglesa se segue a mesma mais ou menos como à italiana, com a diferença que, neste caso, se serve o queijo à parte e não já misturado, assim como a manteiga é também servida à parte, que os convivas se vão servindo em seus pratos.

O macarrão em manteiga se faz retirando-se a água e

A direita — Podem observar os leitores que esta massa é devorada o



na estufa, a fábrica de Gragnano são as mantas de "spaghetti" e não condão para a devida embalagem

gem, a fabricação de spaghetti é feita em grandes quantidades, e os spaghetti são vendidos em pacotes de 500 gramas, 1 kg e 2 kg. Os spaghetti são feitos com farinha de trigo duro e água.

em dão uma fama de "macarrão" e tornou-se um dos pratos mais populares da culinária italiana. Os spaghetti são feitos com farinha de trigo duro e água.

receitas, bem como o macarrão e os derivados, apreciados pelos brasileiros. O macarrão é um alimento muito versátil e pode ser usado em muitas receitas.

A título de curiosidade, já que estamos tratando do macarrão perante a culinária e a indústria, vamos explicar a origem dessa maneira de falar.

Inicialmente o termo macarrônico se aplicava a uma espécie de poesia burlesca na qual se misturavam termos italianos e latinos. Depois apareceu outro gênero de literatura macarrônica, ou seja a que era empregada em versos da língua do próprio país misturando-se com termos latinos.

Diz a história da literatura daqueles tempos que de todos os autores macarrônicos de que há memória, o mais antigo foi Tifili depli Olassi, que escreveu uma obra sob o título "Carmen Maccaronicum" em 1488.

Depois, Folengo, em 1520, e que era mais conhecido pelo nome de Merlin Coccaie, ou Merlin, o Cozinheiro, conquistou grande reputação com o livro Opus Merlini Coccati Macaronicorum, todo ele escrito em versos mesclados de gíria, de italiano e palavras latinizadas, tudo de forma engraçada e com muita habilidade e arte.

Essa obra foi tão famosa e estudada que o próprio Rabelais se inspirou nela para muitos dos seus escritos. O fundamento dessa literatura em versos macarrônicos era a sátira fustigando a moral de época especialmente contra os elementos do clero de então que, por suas atitudes e procedimentos reprováveis, caíam na mira dos poetas.

Folengo fez escola e muitos poetas o imitaram, como se viu pelas produções de Guarino Capella, Bernardino Stefonio, André Balani, Cesar Vosinius e outros.

Da Itália a poesia macarrônica passa com muita facilidade e sucesso à França. Nesse país o culto desse gênero de poesias que mais se distinguiu foi Antoine d'Arena. A melhor de suas obras tem por título: "Meygra entrepriza catoliqui Imperatoris" escrito em 1537, na qual decanta de forma burlesca a desastrada expedição de Carlos V à Provença.

O mesmo poeta ainda compôs o humorístico "Poema macaronicum de bello hugonotico". Rabelais soube utilizar-se do estilo macarrônico no capítulo XIX do primeiro livro de Gargantua: la Harangue de maitre Janotus de Bragmardo, faicte à Gargantua pour recouvrer les cloches.

Ainda conhecemos a "macarronada" de Cecile Frey sobre as questões ou querelas entre os vinhateiros da cidade de Rueil e os arqueiros de Paris, na obra intitulada: "Recitus veritabilis super terribili esmenta paysanorum de Ruello. Recordemos, enfim, aquele curioso Funestissimus trepassus Micheli Morini. Além de muitos outros, ainda podemos citar os seguintes que se tornaram célebres e conhecidos autores e comentadores de produções literárias da escola macarrônica: Theodore de Beze, Antoine Hotman, Remi Belleau, o poeta inglês Skelton, Molière, bem como o alemão Genthe autor de uma história da poesia macarrônica em 1829. Em 1862 o escritor A. Delapierre publicou o volume Macarronea, ou "Malange de literature macaronique des differents peuples de l'Europe", alcançando muito sucesso.

Como vemos o macarrão não só interessou à Arte Culinária e aos industriais e exportadores. Também nas letras teve ele sua grande influência desenvolvendo mesmo uma escola poética que fez as delícias do povo antigo, tanto na alta sociedade como nas massas populares.

Linguagem macarrônica não significa, pois, modo de falar errado, sem sintaxe, propriamente, e sim, uma mistura de termos ou expressões de duas línguas, sendo uma a nacional e a outra, a da fonte etimológica.

Assim, se algum brasileiro quiser falar macarronicamente, terá que usar, com arte e graça, uma mistura de português do Brasil com termos latinos. Esta a verdadeira característica da linguagem macarrônica, e não a que muita gente pensa que é: um falar errado ou estropeado, fruto da ignorância.

Uma das maneiras mais deliciosas de macarrão é o "à la crème". Cozê-lo numa quarta parte de água, esgotá-lo e levá-lo ao fogo para evaporação completa. Mergulhar em dois decilitros de creme fresco previamente leito e deixar durante 10 a 12 minutos em fogo lento ou a um canto do forno onde só chegue calor atenuado. Uma pitada de sal e moscada ralada. Retirar do fogo e acrescentar umas sessenta gramas de manteiga, misturar e servir.

Além dessas espécies de cardápios de macarrão e spaghetti há ainda, dentre outras, as seguintes fórmulas: macarrão à la bechamel, à la creole, croquetes de macarrão, à la fermiere, à la financiere, aux fruits de mer, au gratin, au jus, à la Lucullus, à la milanaise, à la mirepoix, à la Mantua, à la piemontaise, à la sicilienne, à la tomate, aux truffes, etc. etc.

E' interessante notar que o macarrão não inspirou apenas os reis da gastronomia com um Brillat Savarin, à frente. Tem ainda sua influência nas letras.

Muita gente ouve dizer "francês macarrônico", "inglês macarrônico", mas nem todos sabem a origem dessa expressão.

A título de curiosidade, já que estamos tratando do macarrão perante a culinária e a indústria, vamos explicar a origem dessa maneira de falar.

Inicialmente o termo macarrônico se aplicava a uma espécie de poesia burlesca na qual se misturavam termos italianos e latinos. Depois apareceu outro gênero de literatura macarrônica, ou seja a que era empregada em versos da língua do próprio país misturando-se com termos latinos. Essas poesias passaram a ser conhecidas como versos macarrônicos. Significava linguagem de cozinha, despretenciosa e doméstica, porém condimentada com arte.

Diz a história da literatura daqueles tempos que de todos os autores macarrônicos de que há memória, o mais antigo foi Tifili depli Olassi, que escreveu uma obra sob o título "Carmen Maccaronicum" em 1488.

Depois, Folengo, em 1520, e que era mais conhecido pelo nome de Merlin Coccaie, ou Merlin, o Cozinheiro, conquistou grande reputação com o livro Opus Merlini Coccati Macaronicorum, todo ele escrito em versos mesclados de gíria, de italiano e palavras latinizadas, tudo de forma engraçada e com muita habilidade e arte.

Essa obra foi tão famosa e estudada que o próprio Rabelais se inspirou nela para muitos dos seus escritos.

O fundamento dessa literatura em versos macarrônicos era a sátira fustigando a moral de época especialmente contra os elementos do clero de então que, por suas atitudes e procedimentos reprováveis, caíam na mira dos poetas.

Folengo fez escola e muitos poetas o imitaram, como se viu pelas produções de Guarino Capella, Bernardino Stefonio, André Balani, Cesar Vosinius e outros.

Da Itália a poesia macarrônica passa com muita facilidade e sucesso à França. Nesse país o culto desse gênero de poesias que mais se distinguiu foi Antoine d'Arena. A melhor de suas obras tem por título: "Meygra entrepriza catoliqui Imperatoris" escrito em 1537, na qual decanta de forma burlesca a desastrada expedição de Carlos V à Provença.

O mesmo poeta ainda compôs o humorístico "Poema macaronicum de bello hugonotico". Rabelais soube utilizar-se do estilo macarrônico no capítulo XIX do primeiro livro de Gargantua: la Harangue de maitre Janotus de Bragmardo, faicte à Gargantua pour recouvrer les cloches.

Ainda conhecemos a "macarronada" de Cecile Frey sobre as questões ou querelas entre os vinhateiros da cidade de Rueil e os arqueiros de Paris, na obra intitulada: "Recitus veritabilis super terribili esmenta paysanorum de Ruello. Recordemos, enfim, aquele curioso Funestissimus trepassus Micheli Morini. Além de muitos outros, ainda podemos citar os seguintes que se tornaram célebres e conhecidos autores e comentadores de produções literárias da escola macarrônica: Theodore de Beze, Antoine Hotman, Remi Belleau, o poeta inglês Skelton, Molière, bem como o alemão Genthe autor de uma história da poesia macarrônica em 1829. Em 1862 o escritor A. Delapierre publicou o volume Macarronea, ou "Malange de literature macaronique des differents peuples de l'Europe", alcançando muito sucesso.

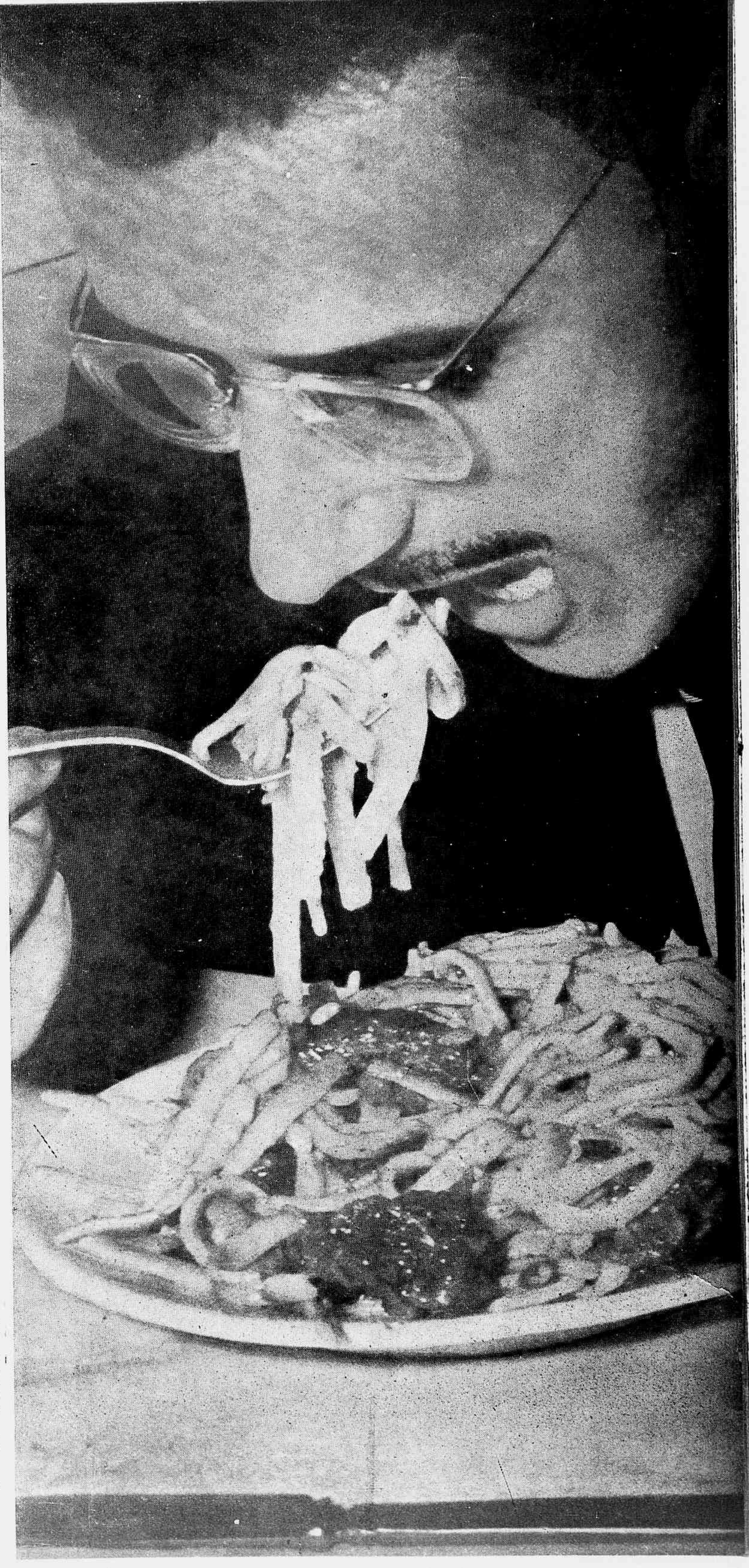
Como vemos o macarrão não só interessou à Arte Culinária e aos industriais e exportadores. Também nas letras teve ele sua grande influência desenvolvendo mesmo uma escola poética que fez as delícias do povo antigo, tanto na alta sociedade como nas massas populares.

Linguagem macarrônica não significa, pois, modo de falar errado, sem sintaxe, propriamente, e sim, uma mistura de termos ou expressões de duas línguas, sendo uma a nacional e a outra, a da fonte etimológica.

Assim, se algum brasileiro quiser falar macarronicamente, terá que usar, com arte e graça, uma mistura de português do Brasil com termos latinos. Esta a verdadeira característica da linguagem macarrônica, e não a que muita gente pensa que é: um falar errado ou estropeado, fruto da ignorância.

E agora, caros leitores, vamos saborear nosso spaghetti à napolitana sem discutir com o garçon se o menu está escrito macarronicamente ou não...

ores que esta é brasileira e foi tomada num flagrante em que um carioca devora o "spaghetti" à nossa moda





Robert Taylor, Ava Gardner e Charles Laughton estão interpretando, sob as ordens de Robert Z. Leonard, um filme importante — "The Bribe" — cuja história é de grande força dramática. "Lábios que Escravizam" é o título do filme para o Brasil, para surpresa geral — pois estavam quase certos que a tradução seria "O Bribeira"...

Hollywood parece que descobriu a Inglaterra. Desta feita foi a Metro quem enviou Spencer Tracy e Deborah Kerr para a filmagem da película "Edward, My Son". A direção foi confiada a George Cukor.

Curiosidade: Sabiam que Ricardo Montalban, a revelação de "Festa Brava", é cunhado de Loretta Young? Ricardo é casado com a irmã de Loretta — "si, claro, porque no"...

Já está terminado o primeiro filme de James Mason feito nos Estados Unidos: "Ciladas do Destino" (Caught). A honra coube à Enterprise, o que equivale dizer que a Metro se contenta com a distribuição. Barbara Bel Geddes e Robert Ryan fazem companhia a Mason. Max Ophüls — sinônimo de boa direção — assina a película.

"Os Visitantes da Noite" ("Les Visiteurs du Soir"), escrito e cenarizado por Jacques Prevert e Pierre Laroche e dirigido por Marcel Carné, será lançado, finalmente, segundo informações seguras de nossos espíões em Paris, ainda este ano no Brasil. Com esse filme se comprova a tendência romântica na obra neo-realista de Carné, o diretor de "Trágico Amanhecer".

"Henrique IV", o célebre drama de Luigi Pirandello, foi adaptado ao cinema, com Clara Calamai e Enzo Biliotti nos papéis centrais. Alessandro Blasetti dirigiu.

"Amantes Eternos", da Art-Films, foi baseado no romance de Stendhal "Cartuxa de Parma" e tem à frente do elenco Gerard Philippe (de "O Idiota") e Maria Casarés, a espanhola que constitui a maior revelação do cinema francês de após-guerra.

Partiu para a Alemanha, recentemente, um grupo de técnicos da RKO-Pathé, para fazer um "short" documentário da crise de Berlim e do transporte aéreo, que fará parte da série de filmes curtos de assuntos populares "Today and Tomorrow". Fazem parte do grupo Richard Hanser, escritor, e William Deek, fotógrafo.

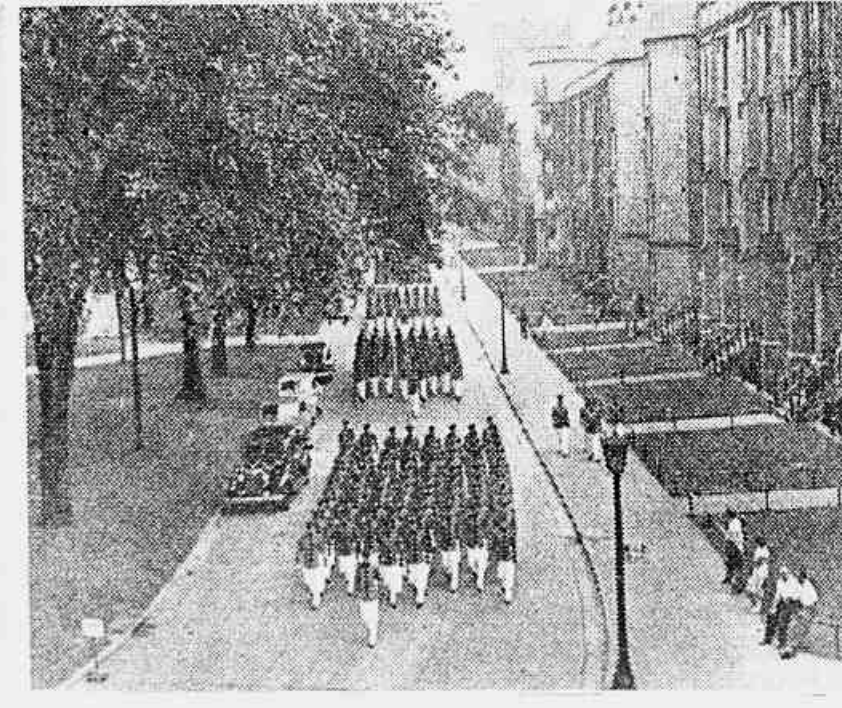
Por **FRANK STEIN**

# FILMES & "FILMES"...

Entre tantas "reprises" e inspidos lançamentos, dois bons filmes nos foram apresentados nestes últimos dias. "Sor-tilégios", de Christian Jacque, e "Nas Garras da Fata-lidade", do brasileiro Cavalcanti. O primeiro, embrenhando-se num tema de feitiçaria, nem por isso foge à sua fi-nalidade de nos proporcionar tipos bem marcados, movendo-se com naturalidade e realismo, dentro de uma história de características um tanto surrealistas. O crime, em tôda a sua brutalidade, adquire novas formas, sob as imagens de Jacque, e não necessita da psicanálise para a sua justificativa. A cruel realidade da vida em comum, os entre-choques de destinos que se cruzam, tudo é realizado de forma invulgar. O ritmo lento, ora agitando-se num frenesi de volúpia e desejo, conduz-se sereno, arrastando ao precipício da tragédia, a trama que se avoluma em cada cena, marcadas por uma poesia trágica poesia que se sente nas situações, nos diálogos e, especialmente, na composição dos quadros fotográficos. As silhuêtas escuras sopradas pelo vento e desenhadas no fundo branco da neve; a cânera que não se detém um só instante, mantendo-se alerta à narrativa, acompanhando de perto a história; os "close-ups" admiráveis de Louis Page; a música que reforça os momentos de angústia, de ternura, de paixão, de crime e de tragédia, fazendo gemer os instrumentos que sentem os conflitos dos personagens, interpretados com segurança por Fernand Ledoux, Renée Faure, Roger Pigaut, Lucien Coedel, etc. O segundo filme, apresentando, embora, um argu-mento exploradíssimo, banalizado pelo excesso de quantidade, focaliza uma história de "gangsters", muito ao gôsto de Hollywood. Com a diferença que o seu diretor, Cavalcanti, que vem se dedicando ao cinema inglês há longo tempo, tendo nos proporcionado a última parte de "Na Solidão da Noite", é um verdadeiro mestre na arte de dirigir. Evidencia-se aí que, por mais medíocre que seja um argumento, o seu sucesso artístico está inteiramente entregue à habilidade do diretor. "Nas Garras da Fatalidade", sem ser uma obra prima, contém belíssimos momentos de cinema de primeira ordem; contém ainda uma bonita música e a força expressiva da fotografia de Otto Heller. As interpretações, entregues a artistas de real capacidade dramática, estão boas, de forma geral, bem conduzidas pelo diretor. Não podendo evitar o convencionalismo do cenário em certas seqüências, nem por isso a obra, em seu conjunto, perde o seu valor artístico, que é indiscutível.

conjunto, perde o seu valor artístico, que é indiscutível.

Por outro lado, afora essas duas brilhantes produções, assistimos a "O Insaciável", filme inglês baseado num interessante argumento que não foi, todavia, bem aproveitado, a não ser em raríssimas cenas. As interpretações estão boas, mas faltou melhor direção, e o excesso de diálogos rouba grande parte do valor do filme. "Sinfonia Trágica", uma pretenciosa cine-biografia de Tchaicowsky, tem boa música — mas seria preferível ficarmos em casa ouvindo discos. Duas boas "reprises": "A Lei do Mais Forte", com Cagney e Bogart, revivendo os bons tempos dos filmes de "mocinho", e "Uma Noite na Ópera", com os Irmãos Marx, que constitui, ainda hoje, uma das melhores comédias do cinema. "Aventureira", do cinema mexicano, foi um pretexto, não sei se agradável ou desagradável, para focalizar "close-ups" de Maria Felix, uma mulher bonita, sem dúvida. Como pretexto, talvez fôsse bom; como filme, senhores, péssimo. "Romeu e Julieta" nos trouxe Cantinflas de volta. Não se entende nada e, quando se entende, não tem graça nenhuma. É uma pena. "Anjo Sem Asas", com Van Johnson, é um filme medíocre. Mas o público, êsse incompreensível público ri a valer. "Contrabando", um tecnicolor inglês, desperdiça o talento de Michael Redgrave. "Meu Filho Professor", filme italiano, regular, que por pouco não cai na dramalhão. "A Volta dos Homens Maus", um terrível "western", próprio para criancinhas, mas infelizmente estas não podem ir sòzinhas ao cinema. Asar. "Espadas e Corações", com boa música, supomos, e "Casanova Aventureiro", com Arturo de Cordova, que não vimos nem pretendemos ver, pois já chega, muito obrigado.



ALAN LADD  
EM WEST-POINT

**D**OIS punhos violentos, dois olhos penetrantes, um sorriso irio e um topete audacioso, completam a figura de um dos maiores campeões de bilheteria da cinematografia moderna. Em seus filmes, Alan Ladd sempre demonstrou um espírito aventureiro, percorrendo o mundo, enfrentando os mais difíceis problemas. Já deu sopapos em meia dúzia de "gangsters", já montou a cavalo, já solucionou crimes, já deu surras em mulheres formosas, já foi traído, já foi apaixonado. Já beijou mulheres meigas, mulheres exóticas, mulheres fatais. Frequentou cabarés e salões de jôgo. E', portanto, um homem vivo. A experiência lhe outorgou, assim, um temperamento irredutível, capaz de fascinar as mais insubmissas mulheres. Sua conduta estranha em face do amor e dos perigos que consequentemente surgem em torno de suas apaixonadas, não o amedrontam. Ele enfrenta tudo com um sorriso, um sóco e um revólver. Nada o detém. E essa audácia que lhe imprimiram os diretores de Hollywood tornaram-no célebre. Não podemos dizer que seja talentoso, embora tenha demonstrado capacidade em "Alma Torturada", seu primeiro filme. E isso porque, daí por diante, só tem aparecido em películas pretenciosas, elaboradas apenas com a intenção de explorar o seu "tipo" — criado pelos cenaristas que o transformaram num herói do público feminino. E agora, depois de tanta luta e tantos sacrifícios, resolveram matricular Alan Ladd em "West.Point". Cortaram-lhe o cabelo, tendo o cuidado de não desmanchar-lhe o prestígio, digo, o topete. Jonathan Latimer escreveu o "screen-play", talvez especialmente para o ator. Por isso, incluiu algumas cenas de guerra onde Mr. Ladd empunhará uma metralhadora, travará lutas corporais, será consagrado herói e, entre algumas medalhas que receberá, pelos seus feitos, será comprimido entre os braços da dulcíssima Donna Reed. John Farrow será o diretor. Não é esta a primeira vez que dirige um filme de Ladd, mas este será mais um de seus trabalhos regulares, inferiores, é claro, a "Nossos Mortos Serão Vingados" e "O Relógio Verde". Teremos, assim, mais um filme típico de Ladd, próprio para as senhoritas que se entusiasmam com seu físico e ficam nervosas quando ele começa a brigar, prontas a empresar-lhe o pente para ajeitar o topete.

Cenas de "Código de Honra", com o violento Alan Ladd e a delicada Donna Reed. (Fotos Paramount)





"HENRIQUETA" — Gianna Maria Canalle



"CARLOS GOMES" — Antônio Villar

## CARLOS GOMES NO CINEMA

**SUA VIDA, SUA OBRA, SEUS AMORES ★ QUATRO MESES DE FILMAGEM NA ITÁLIA E DOIS NO BRASIL ★ ANTÔNIO VILLAR, O "ASTRO" DE "CAMÕES", ENCARNARÁ A FIGURA DO GRANDE COMPOSITOR ★ CÊRCA DE SEIS MILHÕES DE CRUZEIROS GASTOS NA CONFECCÃO DA PELÍCULA**

**A**SPECTOS e coisas do Brasil têm despertado o interesse de vários países para o nosso território. Nem sempre bem informados, os magnatas do cinema têm mandado, ultimamente, grupos de técnicos para obterem informações precisas no que concerne à nossa terra e à nossa gente. Por isso mesmo, a iniciativa da Universal e Art Films em transportar para a tela a figura de Carlos Gomes foi das mais elevadas e felizes. O "Guarany" é uma biografia sincera de um de nossos melhores compositores, aclamado no mundo inteiro. Sua grandiosa obra oferece possibilidades de enriquecer um filme de lindas músicas. Seus amores, as mulheres que influíram verdadeiramente em sua vida, formam capítulos românticos em sua trajetória para a glória, inspirando-lhe a mente criadora, fornecendo momentos de paixão e ternura, de poesia e romance. Seus sucessos e seus fracassos apresentam-nos uma vida de sacrifícios e de privações, recompensadas pelo êxito, dando tonalidades emotivas ao desenrolar de sua história.

Carlos Antônio Gomes nasceu em Campinas, a 11 de julho de 1839. Seus pais eram portugueses. Compositor melodramático, estudou em Milão com o professor Lauro Rossi, diretor do Conservatório. A 19 de março de 1870, estreou no Teatro Scala com a ópera "Guarany". Logo se sucederam "Fosca", em 1873; "Salvador Rosa", em 1874; "Maria Tudor", em 1879; "O Condor", em 1891. No Brasil, estreou com "O Escravo". Em 1892, ao fundar-se o Conservatório do Pará, foi designado seu diretor, onde faleceu quatro anos depois.

A filmagem de "O Guarany" não pode ser considerada genuinamente brasileira. A ação do filme se passa em territórios brasileiro e italiano. Sua filmagem durou seis meses; 4 na Itália e 2 no Brasil, sendo que aqui as máquinas rodaram apenas 10 dias, tendo sido o restante do tempo dispendido em preparativos. Cerca de 6.000.000 cruzeiros foram gastos em sua confecção. Aqui no Brasil, os salários de extras foram os mais elevados já pagos até hoje, pois o mais infimo figurante não recebeu menos de cem cruzeiros. O cenário foi elaborado por Fredda, Esodo Prateli, Cezari Zavattini, Monicetti e Steno. A fotografia foi confiada aos irmãos Lombardi, Rodolfo e Hugo, sendo Guglielmo Lombardi o cameraman, Rodolfo Lombardi, entretanto, não veio ao Brasil, em virtude de sofrer de claustrofobia, tendo horror a viagens, por não suportar a imobilidade durante o transcurso, quer seja aéreo, terrestre ou marítimo. Independentemente das cenas de estúdio, muitas das cenas exteriores foram filmadas no próprio local, não só aqui

no Brasil, onde foram tomadas cenas no Largo do Botafogo, cujo cenário se mantém fiel à época, como no Teatro Scala de Milão, onde são executadas as suas obras. A partitura compõe-se toda ela, de músicas do imortal compositor patricio. O filme é dialogado em português e italiano, e será distribuído no mundo inteiro.

A história tem seu início lá pelo século dezenove, quando o jovem compositor chega à Itália, depois de uma luta sem fim, de sacrifícios e desesperos, alcançando então um triunfo espetacular, revelando-se entre tantas celebridades musicais que enchem o ambiente lírico de Milão. "Guarany" é a obra que, quando menos espera, lhe dá a celebridade almejada, após uma maravilhosa interpretação levada a cabo pelos artistas do Teatro Scala. As cenas que nascem em um Brasil pitoresco, rico de virgens belezas naturais, cheio de ritmos e melodias penetrantes de suas canções populares, sucedem-se em uma Itália plena de um fervor crescente, de atividade patriótica e artística. Esta larga viagem através de sua vida, esta ampla sucessão de cenas que marcaram sua passagem pelo mundo, está sublinhada, poeticamente, por três adoráveis rostos de mulher que encarnam os amores que incendiaram e encheram de consolo sua agitada vida de compositor. Vida continuamente atormentada pela dúvida — drama de todo verdadeiro artista — de saber se a glória de sua obra perduraria e cobriria com sua celebridade sua pobre vida terrena.

O "cast" é composto por elementos internacionais. Antônio Villar, português, intérprete de "Camões" e "Inês de Castro", tem a seu crédito a encarnação da figura de Carlos Gomes, que será, sem dúvida, mais uma vitória para sua brilhante carreira. Maria da Glória, brasileira de 19 anos, faz seu "debut" no cinema com esta película. Maria encarna a figura de Ambrosina, o primeiro amor de Carlos Gomes, aparecendo apenas 4 minutos. Quatro minutos que lhe podem valer um contrato e uma carreira — quem sabe? Gianna Maria Canalle, consagrada "miss Itália", faz o papel de Henriqueta, o segundo amor do jovem compositor. Mariella Lotti, o último e grande amor de Carlos Gomes, vive a figura de Lindita, Miss Lotti é uma figura simpática de mulher, e artista de inúmeros filmes feitos na Itália. O diretor é Ricardo Fredda, responsável por "Águia Negra" e "Os Miseráveis", este último ainda não exibido no Brasil. "O Guarany" será, assim, a coroação no celuloide daquele que em vida foi o mais brilhante dos compositores clássicos do Brasil, glória de dois países e figura insubstituível no panteão da História Universal.



"AMBROSINA" — Maria da Glória



"LINDITA" — Mariella Lotti

## OS ARTIFÍCIOS DA MONTAGEM

**B**LASETTI filmou as últimas cenas de "Fabiola" no Coliseu. Isto é, em Verona. Não julgem, porém, que demoliram o Coliseu, transportaram as pedras à terra de Julieta e ali reconstruíram o famoso circo... Este trabalho próprio de romanos ou de miliardários americanos seria inútil — Verona possui circos (arenas) mais fotogênicas do que aqueles de Roma.

Foi por essa razão que Blasetti se instalou em Verona com dez mil figurantes, Michèle Morgan, os leões e Henri Vidal para as cenas do martírio. Os figurantes foram recrutados entre os habitantes do lugar. Blasetti, general em chefe, agrupou-os por centenas. Cada centúria comandada por um centurião que trajava uma túnica com uma faixa da cor do seu grupo.

Para se fazer entendido desta massa, Blasetti mandou instalar alto-falantes em todos os cantos. Um ajudante lhe servia com um microfone no qual dava as ordens do dia.

A reconstituição dos jogos e dos massacres exigiu dos trabalhadores importantes serviços. Foi escavado um enorme fôssco na arena, e o encheram d'água. Na ilha artificialmente criada, o "castrum", desenrolaram-se os combates dos gladiadores. Árvores foram plantadas. O fundo simboliza o império romano: a água do fôssco é o mar, as árvores, os países conquistados ao Norte, os leões, as colônias africanas.

A luta violenta de Henri Vidal contra os adversários, com uma rede e facas de ferro, entusiasmaram o próprio Blasetti. Mas as coisas ficaram quase trágicas durante o massacre dos cristãos. Cenas das mais difíceis. Os figurantes estão sobre a ilha. Abrem-se as jaulas e os leões avançam sobre a passadeira. Começa a carnificina.

Evidentemente, as coisas não se passaram desta maneira. Blasetti filmou a cena em dois tempos. Os figurantes estavam na ilha; um fôssco de dois metros os separava, na realidade, dos leões. Mas a câmera evita filmar o fôssco; filma os leões enfurecidos, e os figurantes atemorizados. Domadores caracterizados também estão no primeiro plano; atrás deles, igualmente disfarçados, manequins articulados representando os cristãos, servirão de pasto na ilha previamente evacuada pela multidão de carne e osso. Os leões lançam-se sobre os manequins e os destroem. Realismo: a montagem evoca uma realidade inexistente. Haverá desmaios na platéia. O cinema confirma ser uma usina de ilusões...

Ao mesmo tempo, distante da arena, outro drama sucede. Henri Vidal galopa em seu cavalo. A tomada é boa. O cavalo escorrega; Vidal sofre uma queda. A câmera apanha-o em primeiro plano, todo ensanguentado. Mas a tomada foi feita oito quilômetros distante do local da corrida...

Porém, há momentos agradáveis. Para Blasetti a fórmula é: de tudo um pouco. Antes do massacre, ele filma a orgia romana. Pessoalmente escolheu cem figurantes de bonita estampa e talhe bem feito. Blasetti faz desfilar diante de si uma coleção de mulheres quase totalmente desnudas e inspeciona o conjunto. Foram escolhidas aquelas que melhor aparentavam gostar de orgias...

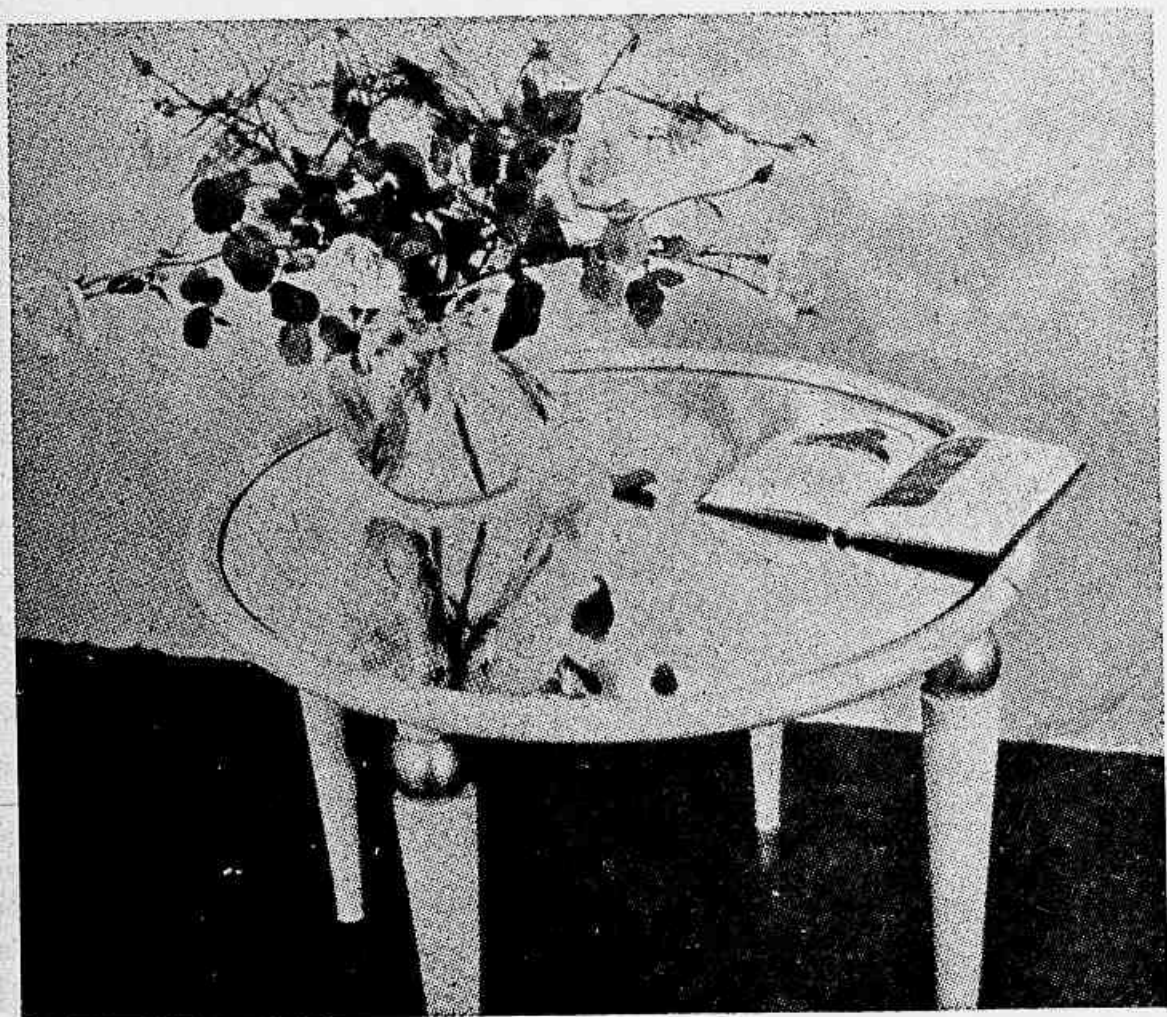
Enquanto isso, Vidal se metamorfoseou em um fiel que prefere a morte à derrota de sua causa. Recusa combater as feras. Mas as tropas de Constantino se aproximam da cidade. Os cavaleiros evacuam a arena. O cristianismo vai triunfar ao mesmo tempo que o amor de "Fabiola".



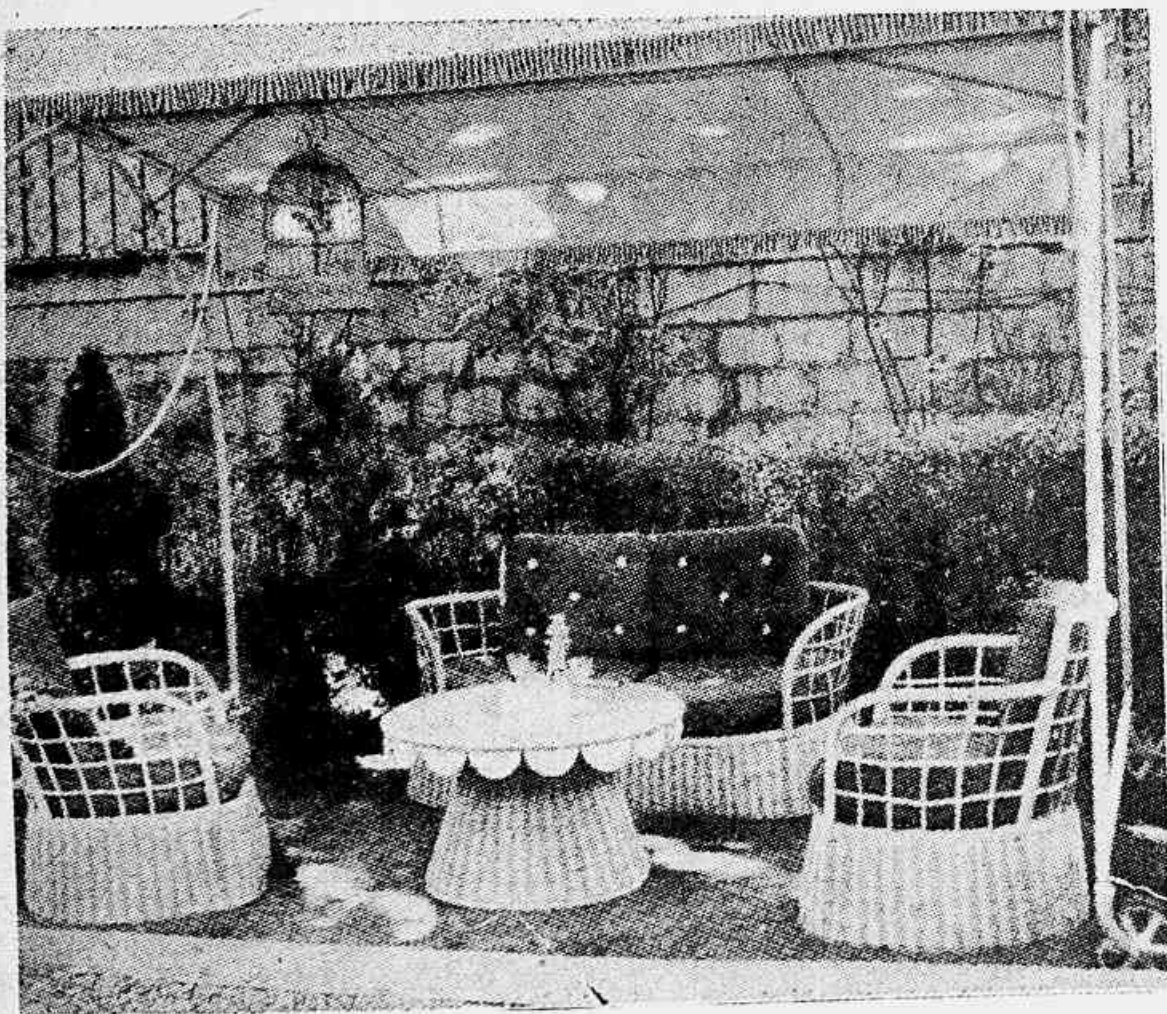
# INTERIORES



Canto de "living" onde um biombo com vistas de locais pitorescos dá uma nova vida ao ambiente



Mesinha laqueada com enfeites dourados e parte superior em espelho



Móveis de jardim em vime, almofadões em lona verde, botões brancos



**E**NORME é a variedade de modelos indicados para as reuniões elegantes, para os chás, cocktails, jantares, etc. As sugestões apresentam-se numa variedade infinita de cores e feitios. Afirmando o que aqui dizemos, estampamos nestas duas páginas algumas notáveis criações da moda atual para estes fins. São bastante originais e bem diferentes em suas linhas.



De Vera Boréa, elegante modelo em "moire" verde, com uma "basque" levada para trás em movimento de "cascata".





A' esquerda: — De Dupouy, modelo em crepe de seda cinzenta, saia de linhas retas, "pouf" de cetim listrado nas costas, contrastando com o tecido liso do modelo. Ao alto: — Belíssimo chapéu de Maud Roser, cinzento, guarnecido de véu e de penas de pavão.



# Recepção

A' direita: — Distinto este modelo em tafetá azul-marinho, corpo liso, cintura justa, saia bem ampla. Notar o original talhado das mangas.

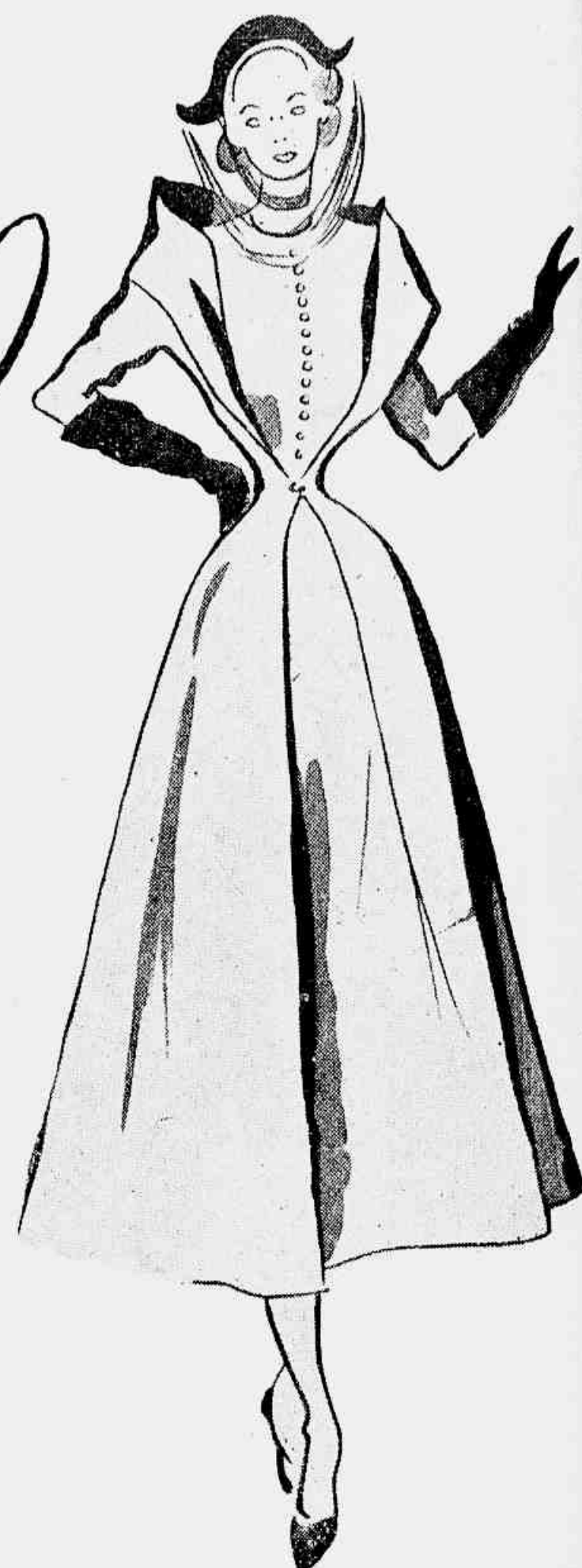




# DEPOIS DAS



CHRISTIAN DIOR, grande decote assimétrico dando nó de um lado, modelo em tafetá



MARCELLE CHAUMONT, grande gola, corpo todo abotoado. Saia justa na cintura abrindo amplamente.



PAQUIN, o talhe alto é marcado por um bordado. Amplitude da saia para trás



JACQUES FATH, modelo em tafetá negro, sobre-saia em ponta, de grande efeito, bolero com botões



CARVEM, grande decote em forma de coração, corpo liso, o resto todo pespontado em laranjas.



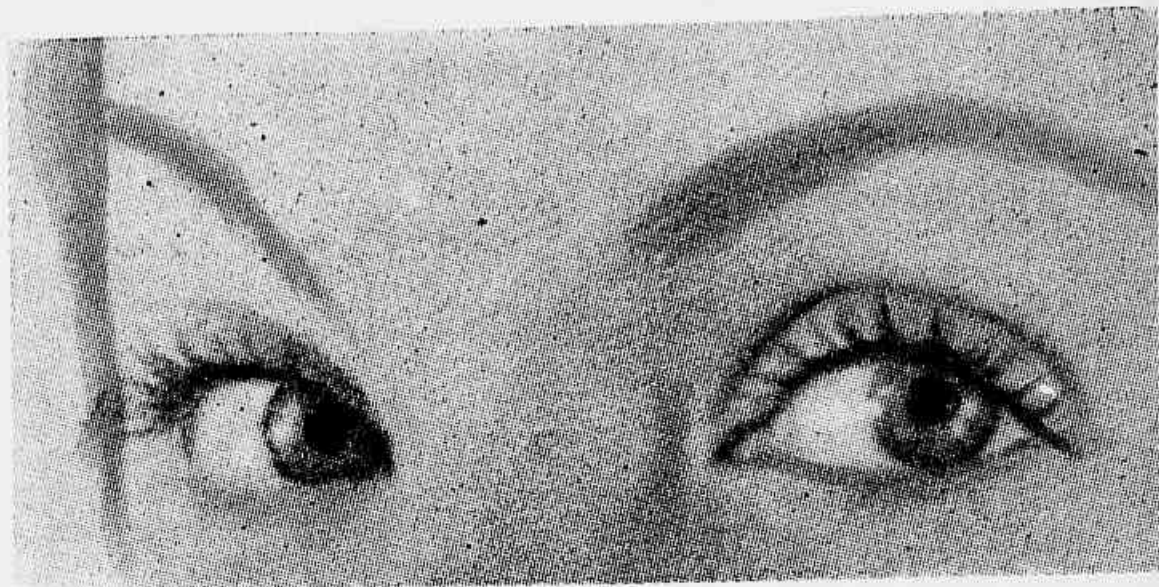
MARCEL ROCHAS, em fina lã cinza, original modelo, decote elegante em "V", gola atrás



PIERRE BALMAIN, a linha direta se amplia atrás por meio de pregas, bolero estampado



GRÈS, a amplitude assimétrica da saia é uma nova sensação, lindíssima sugestão em tafetá



## OLHOS JOVENS

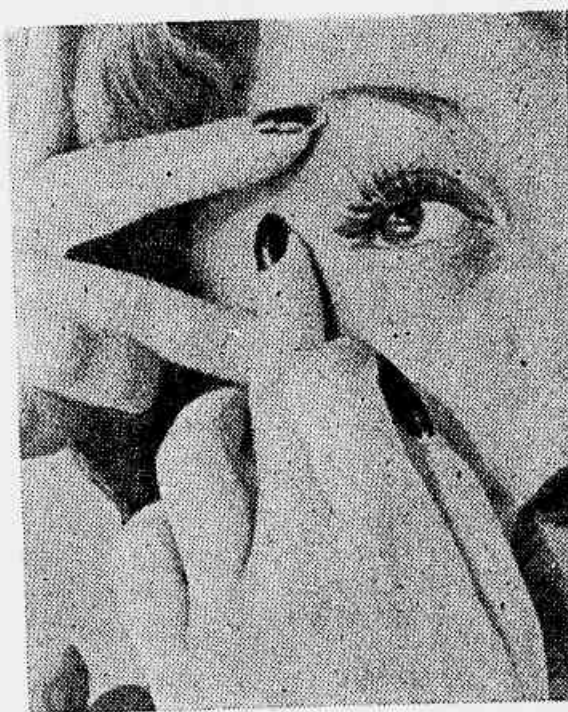
**C**OUSA curiosa acontece com os olhos; eles envelhecem independentemente da idade que se tenha. Nalgumas criaturas, as pálpebras se tornam flácidas, noutras, a parte inferior se enrugam, noutras ainda, os cantos são "habitados" por "pés de galinha" e, tudo isso sem pelo menos encontrar justificativa na velhice! É sabido que um dos fatores que muito contribuem para o envelhecimento dos olhos e de toda parte que o rodeia, é o expor-se aos raios fortes do sol sem proteger convenientemente os olhos. Aqui, principalmente, onde o sol é tão claro e onde existe tanta luz se faz necessário o uso de óculos escuros.

Além disso, existem cuidados especiais de beleza que ajudarão a manter o aspecto jovem dos olhos, alguns dos quais aqui ilustramos, experimente e verá.



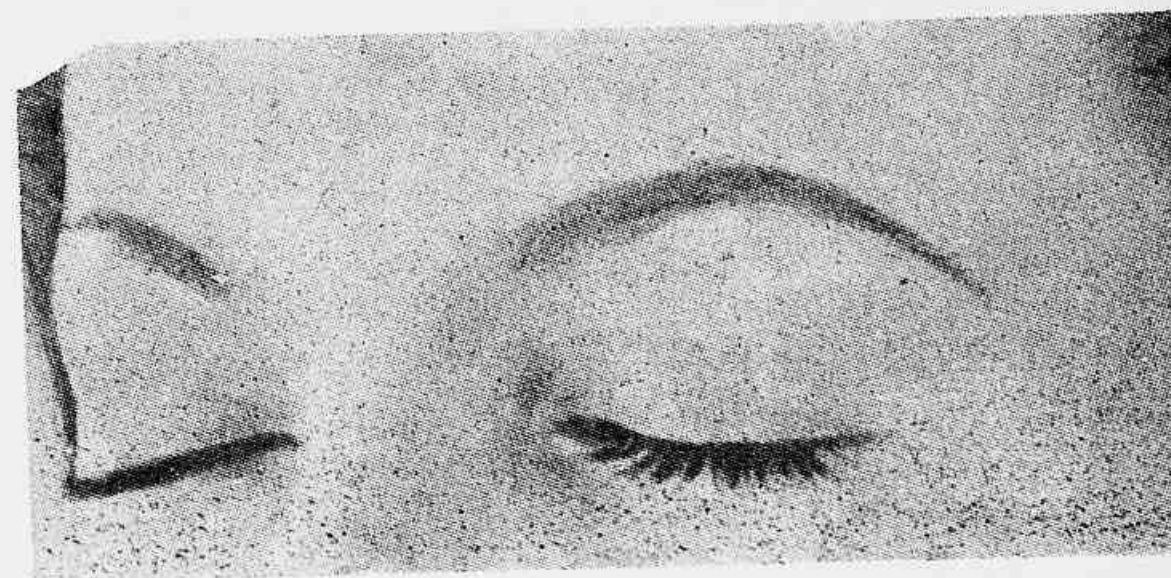
**1** Fazer massagem ao redor dos olhos, com um creme ou óleo especial, partindo do canto do nariz para o exterior. O movimento deverá ser feito suavemente, muito suavemente, com o dedo, sem muita pressão e obterá ótimos resultados.

**2** A pálpebra superior não deverá ser negligenciada, pois, enrugará facilmente. Com a ponta do dedo médio, passe, docemente, um creme especial, sobre a pálpebra fechada, isto a ajudará a manter-se sempre viva.



**3** Mantendo a pele em seu lugar, com a ajuda de dois dedos, fazer, com o médio da outra mão, uma ligeira massagem, giratória, usando o mesmo creme usado para a pálpebra evitando os comumente chamados pés de galinha.

**4** Para verificar os tecidos, uma excelente medida para usar, pela manhã e à noite, durante alguns minutos, uma boa compressa impregnada fartamente de uma loção especial manterá seus olhos calmos e belos.





# "LINGERIE"



AO ALTO — Alguns interessantes modelos em "tricot" que você facilmente poderá executar

## "MAILLOTS" DE "TRICOT"

AO LADO — Em branco deverá ser executado este elegante "maillot". Passarinhos vermelhos aplicados

Outro sugestivo modelo em "tricot". Executado em lã vermelha, este "maillot" ficará bem original



**V**OCÊ mesma poderá fazer o seu "maillot" em casa, em "tricot". A coisa é simples, como se vê aqui, podendo-se variar da peça única, ao "duas-peças", o "bikini", etc. Com um pouco de habilidade você terá um "maillot" moderno e sem dúvida econômico. A variedade dos modelos é imensa, tendo, portanto, você amplo campo de escolha.



**B**ORDADAS ou com finas incrustações de rendas, as combinações são sempre peças delicadas que a mulher elegante não deve esquecer. Eis alguns modelinhos simples e graciosos



# Seleção



Algumas sugestivas criações parisienses estão aqui estampadas para sua apreciação. De Grés: jersey de seda branco, todo plissado. De Schiaparelli: tafetá, com grande movimento para trás. De Worth: em "faille", grandes "poufs" dos lados





## OS BOLSOS

*Dominam*



**S**EMPRE ávidos por apresentar algo de novo para a mulher, os criadores da moda nada desprezam, para que seus modelos se apresentem sempre com um toque de originalidade. Assim é que pequenos detalhes que possam escapar a outrem, não passam despercebidos à argúcia dos grandes costureiros. Nestes modelos que aqui apresentamos, por exemplo, os bolsos constituem uma originalidade indiscutível. Aqui os vemos representados em todos os feitios e colocados das maneiras mais originais possíveis.





MUITO

# Elegantes



EM dúvida bem sugestivos e elegantes são os modelos que nesta página submetemos à apreciação das nossas leitoras. Como vemos, o "chiffon" é o material empregado na confecção de todos êles, e os modelos são sem dúvida de grande elegância. Na foto em baixo, à direita, notar a interessante sugestão para passeio, em cinza com grandes "pois" azul marinho.





# PESCARIA

Conto de A. LEAL ★ Ilustração de A. FONTOURA

**V**ERDE, a pastagem se estendia, em continuação aos juncais da margem, até se perder no azulado de anil das montanhas longínquas.

Na lagoa quieta, sem viração que encrespasse a água, o sol, descendo já para trás dos morros, abria uma picada vermelha, como traço de sangue, na planura espe-  
lhante das águas.

Um caique minúsculo, de vela murcha a meio do mastro, apenas para fazer sombra, enfeitava o cenário tranquilo.

Vicente pescava.

Quem pesca, pensa. A longa espera, paciente, a que se não adaptam todos os temperamentos, mas que delicia os contemplativos, ou faz o pescador pensar, ou o obriga a dormir. Sono ou pensamento...

Geralmente o pescador, por índole, recorda ou sonha, reconstrói ou arquiteta, mergulha no passado ou sonda o futuro. O que não nasceu pescador, aborrece-se e dorme — o pior é que não pesca...

Só um lugar de muito peixe faz claudicar esta asserção: no entusiasmo da presa fácil, o presente empolga, e então a pescaria já não é perfeitamente pescaria — falta-lhe a paciência da espera e a calma da meditação.

Na lagoa do Palmital pescava-se de verdade: havia hora e meia que Vicente ali estava, caníço em punho, e no fundo da canoa uma traíra e dois jundiás rabejavam, à espera inútil de mais companhia.

Em compensação, o pensamento já andara a galope pelas canhas do porvir, e, cansado, deitara-se à sombra do ombu do

passado, deixando-se refrescar pela brisa amena e saudosa de tudo que já se viveu.

Internado, aos nove anos, com o irmão mais moço, no seminário da sua cidadezinha natal, lá fez, com custo, os primeiros estudos.

Só o campo o atraía. Por isto chorara à primeira noite no seminário, chorara pela primeira vez na sua vida de "homem", isto é, desde que, aos oito anos, começara a usar no cinto o facãozinho de campeiro.

Aquela vida igual dos jesuítas, tudo ritmado a badalar de campainhas, era horrível!

Na estância tudo era luz, liberdade, espaço... Ali era a batina negra dos mestres, a tristeza dos silêncios, a monotonia das rezas sem fim.

Um dia, não pudera mais: fugiu.

E ficou na estância, apesar dos rogos da mãe, que o queria ver um doutor, mas com grande encantamento do pai, que via no filho a repetição dos seus gostos e a continuidade das tradições campeiras dos Gomes.

Deixou o passado em sossago: sentira o peixe beliscar de leve na isca. Esperou, atento, e quando a linha correu, Vicente ferrou-o, destro, puxou a linha, ligeiro. Reluziu o lombo de um jundiá de três palmos. Jogou-o no fundo da embarcação, e como estivesse a pular de mais, introduziu-lhe uma das barbas pela ventra, até o cérebro — o peixe ficou logo imóvel.

Iscou de novo o anzol, segurou o fio a trinta centímetros da chumbada, girou-o sobre a cabeça e lançou-o com força.

Depois iscou o anzol de um caníço que destinara à pesca dos tambicus, mergulhou-o nágua, junto à borda do caique.

Voltou então ao outro fio: o do pensamento.

Um dia, ao voltar de um rodeio, encontrara o pai muito pálido, ofegante, balançando a cabeça entre almofadas altas, assistira-o assim, alguns dias, vendo-o cada vez mais oprimido, mais agitado, mais volumoso, com as pernas, o rosto, o ventre estufados de água.

Depois que morreu, o médico explicou que fora o coração: cansara de bater...

Vender a estância, morar na cidade, foi a primeira idéia da viúva. A ela se opôs Vicente, com tamanha energia, que a convenceu. Quem ficaria na fazenda? Ora, ele mesmo! E haviam de ver se não dava certo...

D. Noca custara a se convencer: então aquele menino seria capaz de lidar com o gado chucro, com tropeiros de passado sombrio, carrancudos, com as facas enormes ou as garruchas de dois canos sempre penduradas à cinta? E dar ordens à peonada, e comprar e vender, e administrar tudo sozinho?

Era. Havia de provar que era capaz de tudo.

A primeira dificuldade que surgiu foi o Leandro. O capataz que conquistara a confiança do velho dono da estância com hipocrisias e falso zêlo, e que logo após a morte deste começara a abusar da autoridade que tinha, despedindo desafetos pessoais, levando os amigos para o "bolicho" do italiano Nôia, onde se embriagavam todos, por conta dos donos da estância.

Os campos ficavam abandonados, a estância se endividava, perdia a reputação, corriam até boatos de assaltos, promovidos pelo pessoal que o Leandro chefiava.

Vicente reuniu a peonada no galpão, logo que a mãe partiu para a cidade com o Zeca, que voltava aos estudos. Pediu

que todos regressassem ao trabalho com o mesmo amor e vontade dos outros tempos, do tempo em que o pai era vivo e respeitado. Houve assentimentos, a maioria concordava com as palavras dele. Até que, de repente, o Leandro, em meio das palavras do novo amo, pôs-se a rir, alto, em troça, com mais três companheiros.

Vicente interpelou-o. O capataz respondeu-lhe que ele e os seus homens conheciam bastante o serviço, não precisavam de ouvir lições de um "menino".

O rapaz não vacilou: "Considere-se despedido, você e mais os que não quiserem ouvir o que estou dizendo".

Leandro riu, encarou o novo patrão: "Por que você não vai p'ras saias de sua mãe?"

A porta do galpão a peonada aguardava o desfecho: "Corre pau, que o menino é bão mesmo!", garantia o Tiago. "Qual! É muito pequeno pelo Leandro!", respondia o Tibúrcio, com pena. "É como o pai: bão quando não zanga, mas tirano de ruim quando está com gana", explicava o Romão.

Vicente havia corrido os olhos em torno: a um lado do forno, uma pá desconjuntada jazia, o ferro quase solto do cabo, um cabo grosso, de candela preta.

Tomou a pá, sacudiu fora o aço enferrujado, empunhou firme o cacete: "Então, não vai?"

Leandro obedeceu, por pilléria. Saiu do galpão e foi sentar-se na borda do açude, risonho.

— Ponha-se daí — mandou Vicente.

Leandro tirou uma palha do bolso, pôs-se a enrolar um cigarro, depois de alisá-la com a faca, que deixou fora da bainha, ao seu lado. Mas não chegou a acabar o trabalho: Vicente fez molinete com o cabo da pá, e alcançou Leandro na nuca, bem em cheio.

(Continua na pág. 48)



# AGORA

— fabricadas por novo  
PROCESSO AMERICANO!

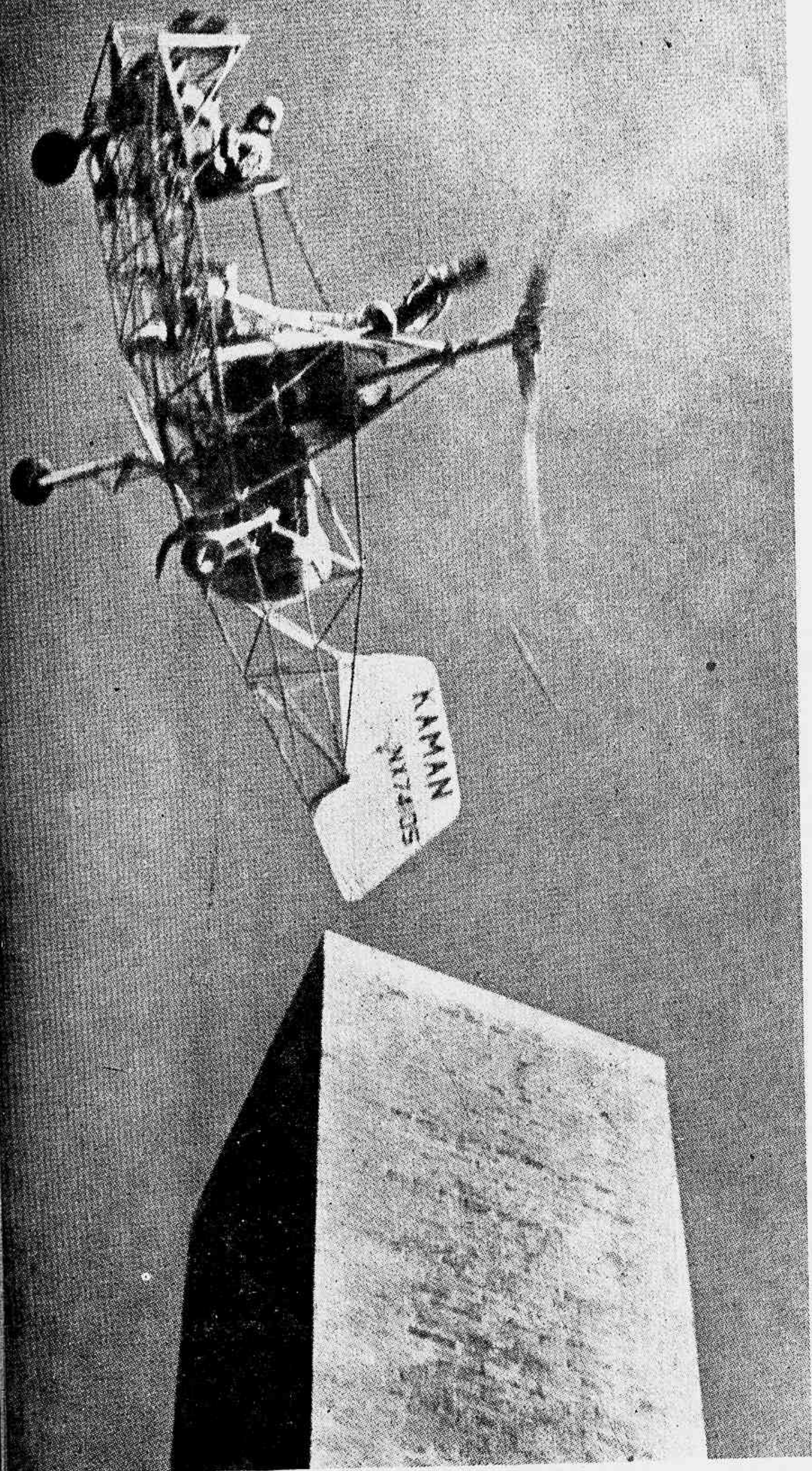


## GOIABADA e MARMELADA "CICA"

Êsse novo processo garante 100 % de pureza.  
Submetidas à alta concentração a vácuo, conservando  
todas as vitaminas, aroma e sabor dos frutos frescos.

COMPANHIA INDUSTRIAL DE CONSERVAS ALIMENTÍCIAS "CICA"





O K-190 ao realizar uma manobra — que seria talvez perigosíssima para um outro tipo de avião qualquer — passa quase raspando ao cima dessa enorme chaminé

## PELAS estradas do CEU

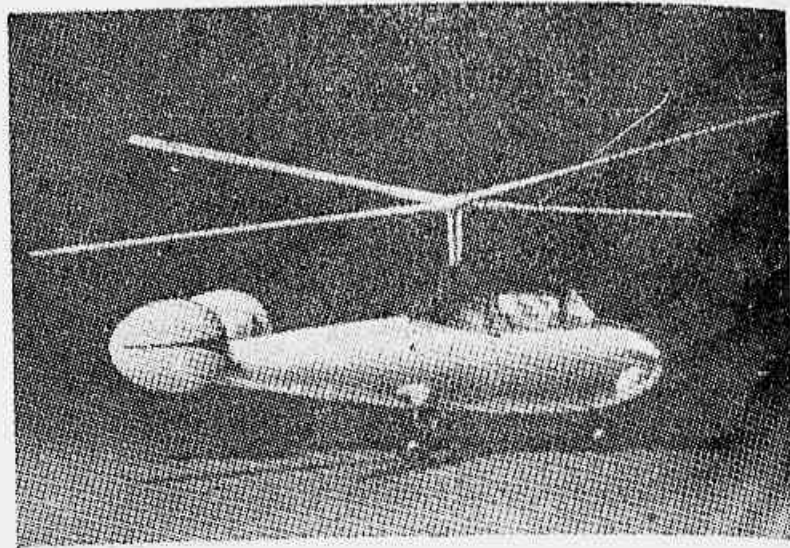
ANDRÉ MAX

O helicóptero está, talvez, destinado a proporcionar ao homem as mesmas comodidades que vem gozando com a utilização do automóvel.

O uso do helicóptero como meio de transporte seguro tem sido inestimável, desde o dramático salvamento de um grupo de pilotos perdidos nas encostas geladas do Alaska até a divertida caçada de girafas no interior da África. Durante a última guerra, esse tipo de avião teve oportunidade de prestar serviços à Marinha, no patrulhamento do Atlântico Sul e particularmente das costas brasileiras.

Apesar de se encontrar em fase de experiência e ainda um pouco distante da época em que poderá entrar na linha de montagem das fábricas para a produção em massa (fator que tem sempre contribuído para o barateamento da construção, tornando os produtos assim manufaturados ao alcance de bolsas mais modestas) o helicóptero vem prestando os maiores serviços em todos os setores de atividade onde vem sendo empregado.

No Brasil, não há muito, ele desempenhou notável tarefa, por ocasião da invasão de acridios, que devastaram parte das plantações de alguns Estados do sul: técnicos do Ministério da Agricultura iniciaram o combate à praga, de bordo desses aparelhos, com pulverizações de inseticida nas áreas afetadas. Outro serviço do helicóptero em nosso país é o auxílio que vem prestando ao saneamento de regiões assoladas pela malária, onde o Serviço Nacional da Malária o vem usando para estender um lençol de DDT nas regiões alagadiças



Eis um outro modelo de helicóptero que poderá ser vendido ao preço de 5.000 dólares

Agora, os engenheiros ianques vêm de apresentar um novo tipo de helicóptero, de manêjo tão simples e fácil que, conforme tem sido comprovado, qualquer dona de casa poderá guiá-lo com segurança, para realizar as compras diárias.

Trata-se do modelo K-190 — provido de dois motores e duas hélices, cuja velocidade máxima atinge cerca de 80 quilômetros por hora. Com apenas algumas explicações e poucas horas de instrução de vôo, qualquer pessoa, medianamente inteligente, poderá dirigi-lo sem maiores cuidados. Parece evidentemente um bom substituto do automóvel, com a vantagem ainda de não se precisar de manobras complicadas para ocupar uma "vaga" num ponto de estacionamento qualquer... Pode permanecer por duas horas e meia no ar, sem necessidade de ser reabastecido de gasolina, o que permitirá, a quem quiser, realizar suas excursões quase estratosféricas em tais aparelhos, pois as suas condições gerais de estabilidade se mantêm perfeitas até a uma altitude de 11.000 pés — ao mesmo tempo em que o seu mecanismo especial proporciona ao piloto o prazer de uma "ficada" em pleno espaço... pelo tempo suficiente talvez para assistir a um bom prélio de futebol.

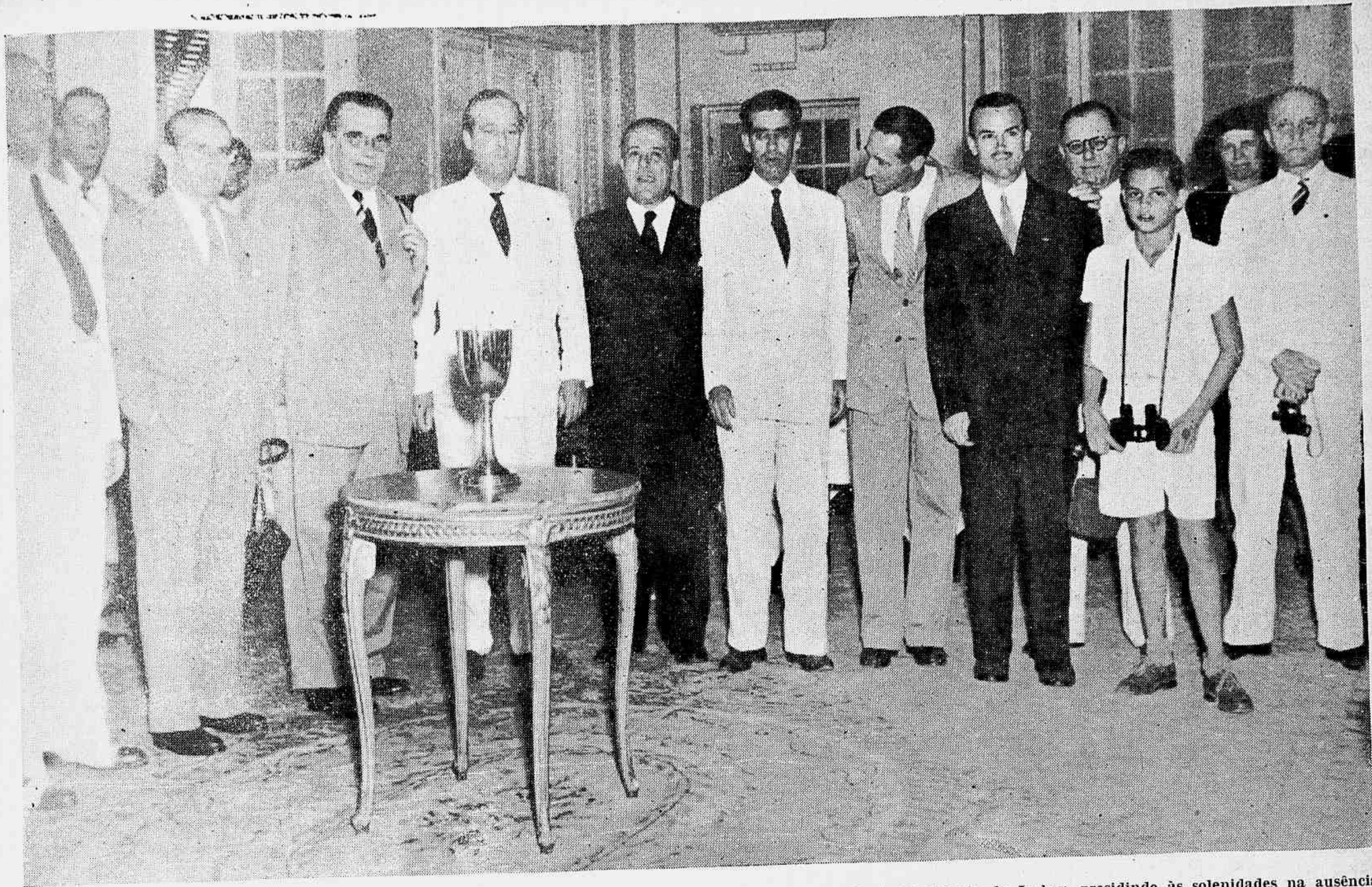
Durante o ano de 1949 — segundo informam — serão fabricados 20 exemplares do tipo K-190, cujo preço máximo de venda poderá atingir 25.000 dólares cada um, e para o próximo ano prometem reduzir esse preço à metade.

Além desse tipo, deverá ser fabricado outro modelo, com as mesmas características, ao preço de 5.000 dólares.



Essas três jovens se preparam para utilizar as tábuas que mantêm sobre a cabeça, como ponto de apoio do K-190 — o novo helicóptero que será posto à venda nos Estados Unidos, ainda este ano, pelo preço de 25.000 dólares cada um



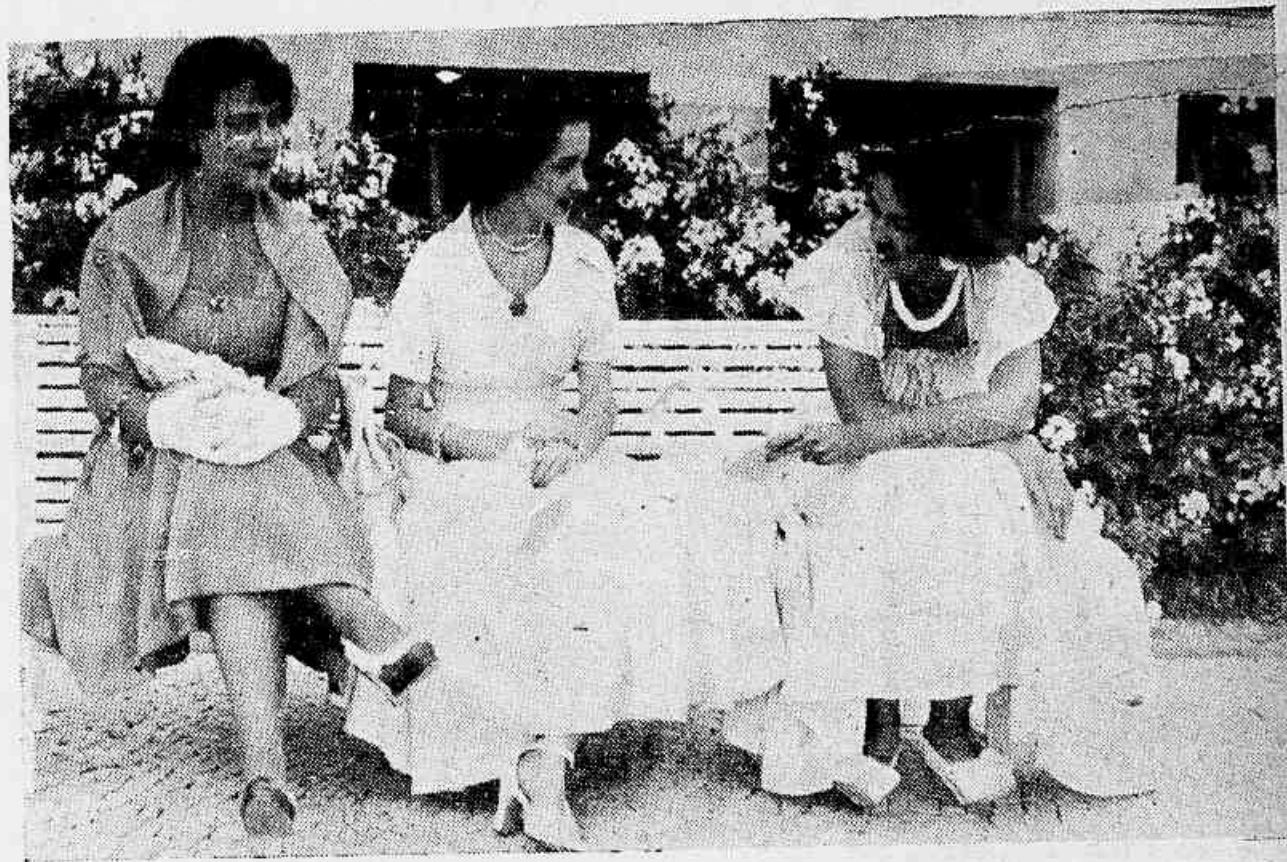


Grupo feito após as corridas, vendo-se os aviadores homenageados ladeados pelo Dr. Rubens Antunes Maciel, vice-Presidente do Jockey, presidindo às solenidades na ausência do Dr. João Borges Filho; pelo deputado Euvaldo Lodi e outras figuras de grande destaque social

## JOCKEY CLUB MUNDANO

Num gesto encantador de solidariedade e aplauso à campanha humanitária a que se lançaram os promotores da viagem aérea do "Angelo Del Bimbi", quis o Jockey Club Brasileiro, a entidade máxima do turf nacional, prestar merecida e significativa homenagem aos bravos promotores dessa arriscada e generosa empresa, organizando em sua honra uma animada corrida no Hipódromo da Gávea, a que compareceram os heróis tripulantes do minúsculo "Anjo das Crianças", cuja missão altruística é angariar recursos para socorrer as crianças mutiladas da guerra passada.

Nesta página estampamos três aspectos da homenagem prestada pelo Jockey Club à tripulação do "Anjo das Crianças", e um grupo de graciosas senhoritas na pelouse, num intervalo das corridas.



Gentis senhoritas que deram com sua presença realce e encanto à festa em homenagem aos bravos do "Anjo das Crianças".



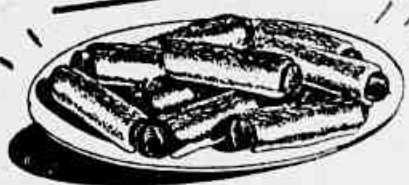
Um aspecto da Tribuna de Honra por ocasião das corridas



Os intrépidos ases no momento em que, ao champagne, eram saudados pelo Jockey Club. Nesta foto vê-se a belíssima taça que os aviadores ofereceram à nossa entidade turfista, jogando-a de para-quedas sobre o Hipódromo da Gávea



### ROLINHOS com SALCHICHAS



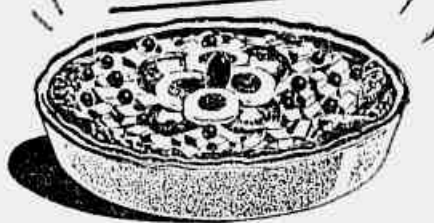
Peneire juntos farinha, fermento e sal. Abra uma cova na farinha para deitar a gema, manteiga e água. Misture e ligue tudo à farinha. Não trabalhe muito a massa. Estenda-a com o rôlo, corte em quadrinhos de 7 x 7, coloque no meio um pedaço de salchicha e enrole, apertando as pontas. Pincele com gema desmanchada numa colher de sopa de leite e leve ao forno.

### FRITURA de CARNE e PRESUNTO



Prepare a mesma massa, estenda-a com o rôlo, corte-a em quadrados de 10 x 10, espalhe por cima um guizado de carne, presunto e azeitonas sem caroço. Note bem: deixe na massa uma pontinha sem recheio, para quando enrolar a mesma este não sair. Enrole em seguida, apertando bem as pontas. Frite em gordura quente, porém não quente demais para que os rolinhos não se queiem.

### TORTA de PRESUNTO e LEGUMES



Forre a fôrma de torta com a mesma massa, fure-a bem com um garfo e leve ao forno. A parte doure ½ colher de manteiga, 1 de farinha e uma pitada de sal. Adicione aos poucos 1 copo de leite e faça um creme adicionando ao mesmo 2 gemas. Fora do fogo, junte presunto picado, legumes cozidos e 2 colheres de queijo ralado. Enfeite a torta com rodela de ovo cozido.

#### RECEITA BÁSICA

1 xíc. farinha — 1 colh. (chá) Royal — ½ colh. (chá) sal — 1 gema  
— 1 colh. (sopa) rasa manteiga — 2 colhs. (sopa) água fria.



"Veja o que eu fiz  
com a  
**MESMA MASSA...**"

## É ECONÔMICO e FÁCIL de variar com ROYAL!

#### FUJA AO TRIVIAL!

A senhora não é obrigada a fazer sempre a mesma coisa, porque não encontra ou não pode comprar mantimentos variados. Com os ingredientes de sempre e a ajuda preciosa do Fermento em pó Royal, poderá melhorar muito sua mesa... torná-la mais apetitosa e tentadora, de maior valor nutritivo... e sem aumentar a despesa!

A senhora não faz idéia do número infindável de maravilhosos pratos e bolos que poderá fazer com o auxílio do Fermento em pó Royal!



Escreva para a Caixa Postal 3215 pedindo o Livro de Receitas Royal. Ele lhe ensinará como fazer centenas de pratos deliciosos com os ingredientes de todos os dias... e sem aumento de despesa!

#### FAÇA UM SEGURO CONTRA A PERDA DE SUAS RECEITAS!

O ingrediente mais econômico em qualquer receita é o Fermento em pó Royal. No entanto é uma garantia contra fracassos, salvando assim todos os ingredientes mais caros!

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc.  
Rio de Janeiro



CINEMA  
RÁDIO  
TEATRO  
MÚSICA

Sensacionais reportagens de cinema e rádio. Grandes retratos em cores ou em preto de famosos artistas de rádio e cinema.

E mais "Swing-Fan", "Melodias Para Você", testes e outras completas seções.

A CENA MUDA, em tôdas as bancas — Cr\$ 3,00.

## A VIDA DE GALILEU

(Continuação do número anterior)

Galileu não merecia nem reivindicar toda a honra da invenção do telescópio. Em uma de suas visitas a Veneza, ouvira dizer que um holandês fabricante de instrumentos de ótica fizera por acaso uma estranha descoberta. Quando trabalhava com as lentes de óculos da sua oficina, esse homem observou que, unindo uma lente côncava e uma convexa, podia aproximar os objetos distantes. Essa descoberta acidental interessou Galileu. Com a sua habitual meticulosidade, começou a estudar o assunto, a examinar as curvaturas e agrupamentos de vários tipos de lentes e a calcular, por meio de fórmulas matemáticas exatas, o resultado visual dessas diferentes curvaturas e agrupamentos.

Por fim (em 21 de agosto de 1609) pôde fazer uma demonstração pública do primeiro telescópio cientificamente construído que se conhece na história. Seguido por uma multidão de amigos e admiradores, subiu ao topo do Campanile de Veneza. Então deixou-os olhar, um por um, naquele "mágico vidro de aumento". Com grande espanto deles, avistaram "velas e navios... tão afastados que se passavam duas horas antes que pudessem ser vistos a olho nu". Enxergaram "o tráfego de uma dúzia de portos, o gado a pastar em colinas distantes, e os fiéis entrando e saindo das igrejas de longínquas cidades e aldeias". Depois, à noite, voltando os olhos para o céu, viram "a proximidade das estrelas distantes".

Galileu foi assaltado por candidatos à aquisição do telescópio. Mas apresentou-o, sem compensação pecuniária, ao Duque de Veneza. E o Duque, para não lhe ficar atrás em generosidade, ordenou que Galileu fosse eleito para uma cadeira vitalícia na Universidade de Pádua — com um salário de poder aquisitivo correspondente a cerca de cinco mil dólares anuais.

Tenha chegado ao apogeu da prosperidade e da fama. Entretanto não era feliz. "As asas da Fortuna", escreveu em uma carta, "são velozes. Porém Esperança tem as asas pendentes". Desde que chegara a Pádua, acariciava a esperança de voltar em triunfo a Pisa, a cidade de onde saíra ignominiosamente escorregado. Mais de uma vez se dirigira a Cosmo de Médici, o Grão-Duque de Florença (e de Pisa), pedindo-lhe que o contratasse como matemático da corte. Até dedicara a Cosmo um de seus livros. **Aplicações do Compasso.** Mas o Grão-Duque se mostrara surdo às suas petições. E agora, que aceitara uma cadeira vitalícia em Pádua, Galileu resignou-se ao exílio perpétuo, qual venerado prisioneiro de sua fama.

Então morreu Cosmo, e seu filho Cosmo II, antigo discípulo de Galileu, subiu ao trono. O novo duque ofereceu-lhe o posto que Galileu requestara tão ardentemente e em vão. O sábio rompeu o contrato com a Universidade de Pádua e apressuradamente se dirigiu para a corte de Cosmo II. E para a grande tragédia de sua vida.

V

A causa da tragédia — e da eterna glória — de Galileu foi seu importante livro **Sidereus Nuncius** (O Mensageiro das Estrelas). Galileu escrevera-o na atmosfera livre de Pádua. E agora se via defrontado com ele no ambiente inquisitorial de Florença.

Galileu imprimira o **Sidereus Nuncius** — como escreveu a seu amigo Belisario Vinta — a fim de "comunicar a todos os filósofos e matemáticos algumas observações que fiz nos corpos celestes com o meu olho (mio occhiale), e que me provocaram infinito espanto... Dou graças a Deus, que houve por bem fazer-me o primeiro observador de coisas maravilhosas, desconhecidas nos tempos passados... Verifiquei que a lua é um corpo semelhante à terra... Descobri uma porção de estrelas fixas, nunca vistas até então... Além disso, determinei... a natureza da Via-Láctea... Mas a maior maravilha de todas é a descoberta de quatro novos planetas... Observei que eles se movem em torno do sol".

E podia ter acrescentado: "Observei que também a terra se move em torno do sol". Mas não fez essa declaração, nem na carta, nem no livro. Limitou-se a dizê-lo pessoalmente a alguns dos seus amigos mais libe-

(Continua na pag. 48)





# A saúde do BEBÊ

Dr. Saboia Ribeiro

## REGIME ALIMENTAR DO LACTENTE E SUA IMPORTÂNCIA

O alimento correto — quantitativa e qualitativamente correto — no 1.º ano, é a chave da saúde infantil.

Acontece, todavia, que o alimento é, muitas vezes, dado à criança sem nenhum horário; ou em quantidade insuficiente, ou em demasia; ou que não se procede a nenhuma adaptação do leite ao organismo infantil, como se torna sempre necessário nos primeiros meses.

Não é só. Não se fazem as periódicas modificações que se devem operar no regime infantil.

Resultado disso é que muitas crianças, que poderiam crescer livres de qualquer moléstia, adoecem, no entanto, por causa de tais erros e — o que é pior — doentes continuam pela vida inteira.

A anemia, o raquitismo, a diarreia, a prisão de ventre, são as manifestações comuns dos erros da alimentação defeituosa da criança. Em consequência disso a criança fica com seu sistema de defesa orgânica, diminuído. De modo que, mais tarde, no decurso de alguma doença comum na primeira infância (gripe, coqueluche, sarampo), as complicações surgem, com muita frequência, e não poucas vezes sucumbem. Escreveu um grande especialista, por isso, que "as crianças adoecem por causa da alimentação errada e morrem pela infecção superveniente".

Efetivamente, os erros alimentares são responsáveis diretos, em muitos casos, e indiretos, em tantos outros, da mortalidade infantil.

Somente alimentando a criança dentro dos princípios da puericultura é que se poderá velar, em verdade, pelo seu estado de saúde.

Dentro do primeiro ano de vida, um dos fatores que mais concorrem para a mortalidade são os erros da alimentação.

Pode-se dizer que, de 100 crianças que nascem, no Brasil, 60 nascem saudáveis e 40 com alguma tara sifilítica, tuberculosa ou outra.

Mostram as estatísticas, porém, que a mortalidade infantil encontra sua causa principal nos erros da alimentação.

Muitos especialistas, mesmo, calculam que metade das crianças que morrem, no Brasil, no primeiro ano, são vítimas da errônea alimentação, isto é da alimentação inadequada, defeituosa, incompleta, sem boa quota dos princípios todos que o organismo infantil precisa, inclusive vitaminas e sais minerais, sem os quais nunca está a criança protegida contra a anemia, o raquitismo e as infecções.

Inelutavelmente nem sempre as mães possuem segura orientação na prática do aleitamento e da criação do bebê, e no regimen artificial (leite de vaca ou outro), mormente nos 6 primeiros meses, é absolutamente necessário um seguro critério na sua adoção. Muitas mães não estão, sequer, advertidas de que, no primeiro ano, é sempre necessário fazer modificações periódicas no regimen da criança de forma a acompanhar este as necessidades de seu desenvolvimento.

De fato o aleitamento artificial demanda no seu manejo múltiplos cuidados, bastante tacto, afim de que o organismo da criança aproveite convenientemente o alimento e, por outro lado, não surjam nela os conhecidos distúrbios gastro-intestinais e da nutrição geral, propriamente.

Até o 6.º mês os riscos que o leite animal envolve são uma lição permanente de todos os dias. Maxime, é frequente a sua falsificação (adição de água etc.) e não menos a sua poluição (germes da infecção); de modo que o primeiro cuidado a ter é contar com um leite animal de boa origem e confiança.

De qualquer forma, ele nunca dispensa um preparo que, a par da eficiência nutritiva, deve ainda satisfazer a uma fácil e boa digestão; e é nesse preparo que é exigida toda segurança e perfeito conhecimento de causa.

A escolha da farinha, a questão da gordura do leite, os processos de suprir a deficiência vitamínica acaso verificada etc., tudo constitui questões que hão de ser resolvidas em tempo, no aleitamento artificial, antes que se instalem os fenômenos morbidos, com a diarreia, a prisão de ventre, a anemia, a tendência aos resfriados etc.

Em matéria de aleitamento existem alguns princípios que cumpre difundir amplamente entre as mães e no seio do povo em geral.

1 — que, na criança de tenra idade, o melhor dos leites foi sempre, e é será o materno.

2 — que, até completar 6 meses, nunca se dará leite puro à criança, de vaca ou outro animal, mas sempre com farinhas. O leite é sempre a décima parte do peso da criança, e mais água na mesma quantidade, porém observa-se que não passe de 900 gramas a água que se junta ao leite. Assim, por exemplo, se a criança pesa 6 quilos (ou 6.000 gramas), a mistura é: leite, 600 gramas; água 300. O todo é, então, dividido em 6 mamadeiras, até o 6.º mês.

Açúcar e farinha entrarão, na mistura, 1 colherinha de cada para cada 100 gramas (cosinhada a farinha, a fogo brando, uns 5 minutos).

3.º — que as vitaminas e o ferro devem ser dados à criança a partir do 6.º mês, pois embora nascendo a criança com bons depósitos desses elementos, assim a mãe, durante a gestação, tenha tido um regimen alimentar conveniente, já aos seis meses esses elementos se acham esgotados no seu organismo. Por isso, é sempre necessário o uso de frutas, sucos vegetais, legumes, como elemento obrigado da alimentação lactea, a partir dessa idade. Como a vitamina C, embora existente no leite animal, é destruída com a fervura do leite, geralmente já no 3.º mês é admissível que se dê à criança algumas colherinhas de suco de tomate, limão, laranja ou uva (ricos dela), puro ou dissolvido e açucarado.

4.º — que o cálcio alimentar do leite ou outra alimentação infantil, necessário ao desenvolvimento da criança (esqueleto, dentição), não é por ela aproveitado, se a criança é privada de luz e sol, com os necessários cuidados para evitar excessos; consequentemente, precisa a criança de sol (banhos de sol, conforme a técnica).

5.º — que o uso de farinha não deve ser indiscriminado. Delas, a de arroz e de maisena não as mais adstringentes; a de aveia, a mais laxativa. Aquelas, pois, são particularmente indicadas quando existe tendência à diarreia; a de aveia, quando ocorre prisão de ventre.

6.º — que o açúcar de cana deve ser substituído, no preparo do alimento infantil, pela mistura dextrina — maltose (açúcar de Soxhlet), sempre que há manifestações diarreicas de certa intensidade.

7.º — que o horário das mamadeiras e suas quantidades têm uma importância grande. Até o fim do 6.º mês, de 3 em 3 hs. (7, 10, 13 etc.) Depois, de 3 1/2 em 3 1/2 hs. (7, 10 1/2, etc.) Já aos 11 meses, de 4 em 4 hs. (7 1/2, 11, 15, 17).

8.º — que o leite condensado não é apropriado ao regime infantil e só a título de emergência pode ser usado.

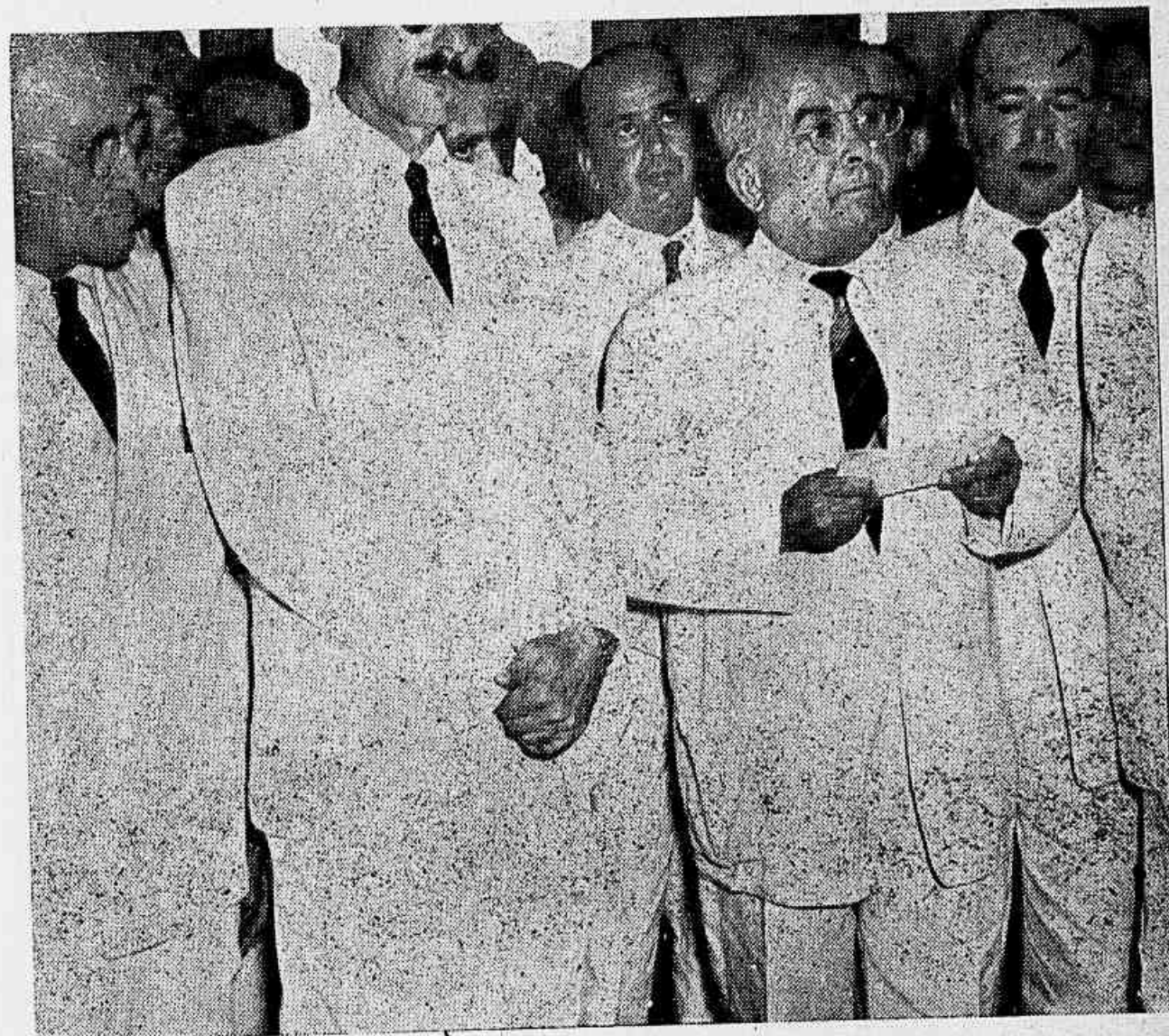
Damos abaixo um esquema da alimentação infantil no primeiro ano:

| Mês  | Horário              | N.º de mama-<br>deiras ou ma-<br>madas | Quantidades<br>das mama-<br>deiras | Suco de<br>frutas | Alimento<br>Comple-<br>mentar                        |
|------|----------------------|----------------------------------------|------------------------------------|-------------------|------------------------------------------------------|
| 1.º  | 3/3 horas            | 6                                      | 115 c.c.                           | 0                 | 0                                                    |
| 2.º  | "                    | "                                      | 120                                | 0                 | 0                                                    |
| 3.º  | "                    | "                                      | 155                                | Facultativo       | 0                                                    |
| 4.º  | "                    | "                                      | "                                  | "                 | 0                                                    |
| 5.º  | "                    | "                                      | "                                  | 1 vez             | 0                                                    |
| 6.º  | "                    | "                                      | "                                  | 50 c.c.           | "                                                    |
| 7.º  | 1 3/2 a<br>3 1/2 hs. | 4                                      | "                                  | "                 | 1 sopa de le-<br>gumes                               |
| 8.º  | "                    | 3                                      | "                                  | "                 | 1 sopa leg. e<br>1 prato de<br>frutas amas-<br>sadas |
| 9.º  | "                    | "                                      | "                                  | "                 | Idem, idem                                           |
| 10.º | "                    | "                                      | "                                  | "                 | Idem, idem                                           |

(Continua na pág. 51)



DA BAHIA — O sr. Juracy Magalhães, representante daquele Estado na Câmara Federal, e figura destacada no cenário nacional, vem de visitar a Bahia, onde, como sempre acontece, foi recebido com grandes demonstrações de apreço de todas as classes sociais. Estes flagrantes foram colhidos numa reunião íntima, na residência do sr.



Adelgício Olinto, em Salvador. Ao regressar ao Rio, o deputado Juracy Magalhães teve um embarque muito concorrido ao qual compareceram o governador Otávio Mangabeira, autoridades, pessoas gradas e elementos do povo







JOSE FOMM

## HOMENAGEM A JORACY CAMARGO



Joracy Camargo, autor de "Deus lhe pague"

pes Gonçalves, Magalhães Junior, Aureo Nonato, Valdemar Silveira, Pascoal Carlos Magno, Floriano Faissal, Bibi Ferreira, Eva Tudor e outros.

**R**EALIZOU-SE dia 14 do corrente mês no Teatro Serrador uma festa em homenagem a Joracy Camargo pelo centenário da "reprise" de "Deus lhe pague". Foi inaugurada no saguão do teatro da rua Senador Dantas uma placa comemorativa a esse acontecimento. Usaram da palavra os srs. Magalhães Junior, presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, o acadêmico Viriato Corrêa, Thiers Martins Moreira, do Serviço Nacional de Teatro, e o homenageado.

Passou-se, depois, à representação de "Deus lhe pague", com alguns dos atores de sua primeira encenação, na noite de 30 de dezembro de 1932, no Teatro Boa Vista, em São Paulo. Serviram como "figurantes" Bibi Ferreira, Sérgio Cardoso, Eva Tudor, Viriato Corrêa, entre outras personalidades do teatro, cinema e rádio.

Em prosseguimento à festa, foi representada a cena final de "Maria Cachucha", outro trabalho de Joracy Camargo, com Hortência Santos, a feliz criadora do papel-título, e Procópio.

Várias pessoas saudaram o autor da peça mundialmente conhecida, e Leitão de Barros, o cineasta português, fez um interessante discurso.

Joracy Camargo relatou a "ex-secreta história de Deus lhe pague", e contou o início de sua carreira no Teatro.

Finalizou a festa um recital de declamação por Procópio Ferreira, com números de autores nacionais.

A homenagem foi promovida pelos srs. Alvaro Lins, Thiers Martins Moreira, Lolo, Pascoal Carlos Magno, Floriano Faissal, Bibi Ferreira, Eva Tudor e outros.

## DO ESTRANGEIRO

Deverá estreiar ainda este mês na Broadway um "show" musical de Ary Barroso, cujo argumento foi inspirado no livro de Bertita Harding, "The Amazon Throne", a história dos três Bragancas no Brasil. A montagem desse grandioso espetáculo custou 200.000 dólares a seus produtores, Mr. De Witt e Mc Kinny. Deve-se a indicação de Ary Barroso para a partitura musical ao grande empresário norte-americano Marcel Ventura, dedicado amigo do Brasil.

★ St. Petersburg, Florida, apresenta sua mais recente atração, o teatro submarino, na região do Weekiwatchee, cujas fontes inundam um fundo "canyon". Parte desse "canyon" foi volteado por um teatro para "shows" nata-tórios. A platéia vê através de uma cabine de aço, parcialmente submersa, com espaçosas janelas de vidro.

As apresentações, que incluem perfeita natação, "ballet" submarino, mergulhos acrobáticos, etc., variam de 20 a 30 minutos, durante os quais os nadadores não sobem à superfície para respirar, fazendo-o por intermédio de uma mangueira suspensa na água.

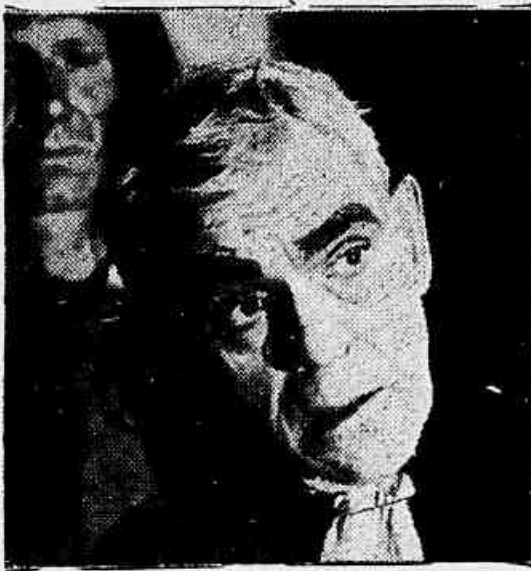
Esse original teatro pode acomodar 100 pessoas em pé e 65 sentadas.

★ Depois de um sucesso de 3 anos, saiu do cartaz a revista "Paris extra-dry", no Teatro Casino de Paris, cedendo o lugar a uma nova revista, "Exciting Paris", que está ultrapassando as expectativas. Esta nova revista de Henri Varna apresenta-se com muita originalidade, quebrando as normas que caracterizam esse gênero de espetáculos. Em seu teatro não existe aquela pausa entre os quadros, que tanto irrita o espectador. Outra novidade é o fato de não possuir "vedette", mas apenas uma "meneuse de jeu". Henri Varna gastou 50.000.000 de francos para vestir as "girls", ou melhor, para despi-las... O espetáculo promete permanecer 3 anos em cena, e um crítico parisiense indaga: "E por que não um século?"

★ Boris Karloff volta aos palcos norte-americanos, e com ele o terror. Fazem parte de seu elenco Una O'Connor e Ethel Griffies, a quem já conhecemos através do cinema. Karloff está no Boothe Theatre com a peça "The Shop at Sly Corner", de Edward Percy.

★ Bernard Shaw, em uma recente entrevista, declarou: "Desde que completei 90 anos, já escrevi duas peças, e escreverei mais duas, no mínimo, para poder publicar um livro intitulado "Comédias escritas depois dos 90 anos".

★ Faleceu aos 88 anos de idade, em janeiro último, Frank Smithson, veterano dos palcos ingleses e americanos, que dirigiu cerca de 250 produções antes de seu afastamento do teatro, há 15 anos. Smithson era natural de Trallee, Irlanda, e fez sua estréia nos palcos londrinos com May Yohe. Sua primeira direção importante foi em "The girl from Paris", qua inaugurou o Herald Square Theatre, e permaneceu 3 anos em cartaz. Deixou dois filhos, Percy Michel e Edwin Smithson.



Boris Karloff em "Asilo sinistro"



A primeira foto de Shaw, com 18 anos

## A VIDA DE GALILEU

(Continuação do número anterior)

rais. Proclamá-lo por escrito seria o mesmo que ir entregar-se à câmara de torturas da Inquisição. Recordava a sorte de Giordano Bruno, que fora queimado vivo (em 1610) por causa das suas opiniões científicas. Galileu sentia que estaria mais a salvo, e seria mais proveitoso para a ciência, se pudesse continuar a viver e a realizar os seus experimentos sem a ingerência da Inquisição. Acreditava, como o Alcorão, que "a tinta do sábio e o sangue do mártir são de igual valor aos olhos do Céu".

Mas, apesar da sua cautela, estava destinado a ser um mártir, assim como um sábio. Pois em todo o território florentino a Inquisição dominava com poder ilimitado e vigilância incansável. O Grande Inquisidor, o cardeal Belarmino, notara o fato de que Galileu, embora passando por alto a questão do movimento da terra em torno do sol, se declarara adepto de Copérnico. De modo que a 26 de março de 1616 Galileu teve ordem de apresentar-se diante da Inquisição.

Quando Galileu chegou ao Santo Ofício, o cardeal Belarmino o "aconselhou" a "abandonar suas opiniões heréticas sobre a terra, o sol e as estrelas". Não devia abrigar tais pensamentos, nem ensiná-los, nem defendê-los, quer oralmente, quer por escrito, "sob ameaça de perseguição".

Galileu, "com a morte na alma", assinou a sua abjuração e prometeu obedecer. E o cardeal libertou-o com um sorriso de triunfo. Por meio de um único decreto severo, tinha impedido que os planetas girassem em torno do sol.

Quanto a Galileu, voltou a Florença desalentado e envergonhado. Por algum tempo continuou os experimentos no silêncio do seu laboratório — sem se atrever a divulgar as suas descobertas. Mas o gênio vem ao mundo para expressar-se, assim como a semente é posta na terra para germinar. Por fim, Galileu não pôde abafar as suas idéias. Publicou outro livro de astronomia, tornando a chocar-se com as crenças dogmáticas dos ortodoxos. Mais uma vez foi chamado a comparecer perante a Inquisição — e desta vez por um motivo muito mais sério. Estava agora acusado de "reincidência" — isto é, segunda interpretação de um crime depois de sofrer castigo pela primeira. A pena desse "crime duplo" era a morte.

Quando recebeu a segunda intimação inquisitorial, Galileu estava doente. Os médicos redigiram uma declaração nesse sentido. "Galileu está de cama, e corre perigo de ir para outro mundo, e não para Roma". Mas os inquisidores eram inexoráveis. "Se se acha em estado de vir, cumpre detê-lo, acorrentá-lo e trazê-lo a Roma".

Partiu no rigor do inverno (janeiro de 1633), e chegou mais morto do que vivo. Quando se apresentou diante dos juizes, não se encontrava, tanto física como mentalmente, em estado de se defender.

O julgamento durou seis meses. No decorrer do processo ele teve o apoio, não só de livres pensadores, mas também de sábios e eclesiásticos católicos. Pois a Inquisição era tão impopular como poderosa.

Mas a Inquisição impôs a sua vontade. A 22 de junho de 1633 Galileu foi obrigado a abjurar da crença no movimento da terra. "Diante dos Santos Evangelhos que toco com as mãos, juro que... rejeito e abomino minhas anteriores heresias... Confesso que o meu erro foi cometido por vã ambição e pura ignorância... Agora afirmo e juro que a terra não se move em torno do sol...".

Quando os amigos o levavam, trêmulo e exausto, para fora do tribunal, dizem que Galileu observou em voz baixa: **Eppur si muove — Mas a terra se move!**

VI

"No Santíssimo Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, e de Sua Gloriosa Virgem Mãe, Maria", escreveram os cardeais da Inquisição, "ordenamos que os livros de Galileu sejam proibidos por édito público, e condenamos o autor à prisão formal deste Santo Ofício por um período fixável ao nosso arbitrio."

— Mas apesar de tudo — exclamou Galileu — continuarei a ser um cristão!

E um cientista. Embora tivesse ordens estritas de abster-se de atividades científicas, escreveu outro livro — o maior de todos — enquanto estava na prisão de Arcetri. Esse livro, *As Leis do Movimento*,

era um resumo dos princípios fundamentais da mecânica. Escreveu-o em segredo, e fê-lo enviar às ocultas para ser publicado na Holanda.

Galileu não chegou a ver um exemplar impresso do livro. Perdera a vista na prisão. Mas teve o consolo de segurar o livro nos braços quando jazia no seu leito de morte (8 de janeiro de 1642).

— Considero esta a maior das minhas obras — murmurou. — E' o fruto da minha agonia extrema.

(Do livro "Vidas de grandes cientistas".)

## PESCARIA

(Continuação da pág. 42)

O capataz calu, como um boi abatido a martelo.

— Ponham-no para fora da porteira, com trastes e tudo! — ordenou.

O Tibúrcio trocou um olhar espantado e satisfeito com o Romão, pegaram os dois o corpo desfalecido, carregaram-no para lá da cêca que limitava a fazenda. Ao seu lado jogaram a sela, os pelegos, a roupa, tudo que pertencia a Leandro.

Desde aí, a fazenda entrou no ritmo normal.

Vicente sabia que Leandro rosnava ameaças pelos "boliches", por onde andava bebericando dia e noite. Ergueu os ombros: que rosnasse!

Opa! A linha se retesou, rápida, e logo se afrouxou, por três vezes. Era tambicu, beliscando a ista. Ou talvez peixe maior... Eia! Correu com a linha! Záz, uma fígada para o lado, e o caniço se ergue, num arranco, joga para o ar a linha e o anzol vazio. Vazio? Vicente está perplexo: que resistência tremenda é esta, que a linha oferece agora, às suas costas? Em vão puxa para a frente, para repô-la nágua. E logo em seguida um tiro o ensurdece, e o seu caíque dança, atingido pela bala...

Volta-se, rápido: alguém urrou de dor atrás de si, alguém cai nágua, preso à ponta do seu caniço.

Mergulha o braço e segura a gola de uma camisa. Puxa-a: uma cabeça aparece, os cabelos escorrendo água, a face em rictus de sofrimento. De um olho, em filete fino, escorre sangue vivo, porque o anzol aí se cravou.

— Leandro!

A canoa do antigo capataz flutua ao léu. No seu fundo rebrilha o cano níquelado de um "Nagant". Devia estar aperrado, pronto para disparar, quando o anzol de Vicente atingiu o olho de Leandro...

— Bandido! Queria me matar! — e Vicente afundou a cabeça do outro, com raiva. Puxou-a outra vez, pelos cabelos.

— Perdão, seu Vicente! Não me afogue, por amor de sua mãezinha!

— Cachorro! Filho de uma vaca malhada! A traição, hein? Isto é de homem?

Novo mergulho, nova volta à tona.

— Perdão... não me mate...

— Não sei por que não te hei de mandar p'ro inferno, traidor, filho de guaraxaim!

— Pelo amor... — e a água fez glu-glu, em bolhas de ar.

Leandro voltou quase asfixiado. Vicente puxou-o para dentro do caíque: — Vá, sobe, filho de gualpeca! E toca a remar, vamos!

Leandro obedece, enquanto Vicente faz mira no seu peito com o "Schmidt" de cano longo.

Vai remando para a margem, arfando, cuspidando a água que bebeu e que lhe volta à boca em ânsias de enjo: plaque-plaque-plaque, remo nágua, remo fora...

Na beira da lagoa, empunhando sempre o revólver e o caniço, cujo anzol continuava encravado no globo ocular do capataz, Vicente o encaminhou para um galpão, de onde vinham ruídos de vozes.

Escortado por três peões, na mesma tarde Leandro seguiu para a vila. Ao seu lado, a cavalo, Vicente empunha sempre o caniço, cuja linha descreve um círculo frouxo e balouçante entre a sua mão e o olho do preso, que goteja sangue.

★

Três anos depois, numa noite fria de julho, reunidos num velho galpão, alguns gaúchos mateam.

Estendendo as duas mãos abertas em direção ao fogo que crepita e faz cantar a chaleirinha d'água, o Romualdo arrematou a história:



— ...e foi assim que eu pesquei o bagre maior que já se viu por estas bandas!

— Dizem que meecê, seu Vicente, também gosta de pescarias? — provocou alguém na roda.

— É verdade, gente! Uma vez, na lagoa das Malvas, ao cair da tarde, com um canhão grosso como isto (e mostrou o dedo mínimo), um anzolzinho assim e uma linha de pegar tambicu, trouxe p'ro meu caique um pescado de umas cinco arrobas!

— Oh, seu Vicente, cagando com nós!

Mas o Romualdo quis saber:

— E que bicho era éste, tão pesado e tão manso, que quase veio por si mesmo p'ra canoa?

Vicente franziu o cenho e disse, numa voz pausada e tão grave que um arrepiou percorreu as costas daqueles gaúchos, por baixo das palas quentes:

— Manso? O bicho mais perigoso que existe, minha gente — o bicho homem!

E contou como pescara o Leandro, certa tarde, na lagoa das Malvas, quando o poente já ia arroxando na franja recortada que os morros punham sobre o espelho das águas quietas.

## VOCAÇÃO DE...

(Continuação da pág. 27)

profissional, seria absurdo — como aliás em qualquer arte, com exceção talvez da literatura. Existem, no entanto, certos tipos de artistas, na Inglaterra e na França, que são chamados "néo-primitivos" ou "maitre populaire". Douanier Rousseau, na França, pode ser considerado como o exemplo clássico. Esse tipo de pintor existe em grande número espalhados por todo o mundo. São aqueles que olham inocentemente para as mais variadas paisagens que se lhes apresentem e nada descobrem que lhes estimule o espírito criador. Os chamados "néo-primitivos" nunca poderão vir a ser considerados como profissionais da arte. Churchill pode muito bem ser encarado como não muito distante dessa classe. Como pintor, é apenas um transportador fidedigno dos aspectos da natureza. Como muito bem o classificaram muitos dos críticos, trata-se de "um pintor extrovertido" — e isso representa muito, pois são raros os que podem ser enquadrados nessas condições. Contempla a natureza com o "olho de turista", conforme se manifestou afamado crítico londrino. Churchill é um recordista de primeira classe no "impressionismo"; todavia, ele sempre recorreu ao que já "estava feito". Os seus quadros tipo "natureza morta", são apenas discretos e nunca surpreendentes; "paisagens" e "interiores" ele os pinta com absoluta fidelidade e elegância. Tem os "olhos sensíveis ao belo", mas... apenas para vê-lo e reproduzi-lo, tão somente, e nunca para criá-lo.

Os grandes "impressionistas", por exemplo, podem fazer maravilhosos quadros de um canteiro de couves murchas... enquanto que Churchill talvez olhasse esse mesmo canteiro apenas com o seu "olho de turista"... e isso o define particularmente como um simples amador.

★

Aliás, não se poderia propriamente exigir de Winston Churchill que ele fosse reunir as mesmas qualidades de um profissional, cuja vida inteira é dedicada à arte, nela empregando toda energia, vitalidade, entusiasmo, talento e inteligência — como acontece com os grandes artistas. Ao passo que Winston tem um campo vastíssimo para dispendir essas qualidades, e quase muito pouco tempo dedicado às coisas da pintura.

E não é aquilo que comumente se chama de "gênio" o que distingue o amador em pintura de um profissional — mas também a paz de espírito, a serenidade que somente uma vida calma, sem preocupações ou afazeres. Aquela serenidade é que pode fazer de um simples amador um grande artista na arte da pintura. E é precisamente isso que sempre faltou para o pintor Winston Churchill.

## CONFLITO DE PAIXÕES

(Continuação da pág. 17)

apenas fingiria? No escritório, sob os olhos fixos do retrato, Vinnie não sabia o que pensar. Sua mãe estaria arrependida, ou simplesmente mais precavida? De fato, na

sala ao lado, Christine estava planejando uma coisa inteiramente diferente... O ódio alimenta o ódio... Apesar de saber que o móvel de Brandt era a vingança, Christine estava apaixonada por ele, e por isso o que estava planejando era a morte do seu marido...

III

— Oh, se Erza tivesse morrido na guerra! — murmurou Christine, olhando Adam nos olhos. — Podíamos nos casar, e eu daria a você a parte que é sua na herança dos Mannon, indiretamente... Seria de justiça, devolver o que devia pertencer a você. E você poderia comprar um barco, ser o seu próprio patrão...

— Ah, se eu possuísse o "Flying Tradesc", eu levaria você em lua de mel às Ilhas Benditas, de que já falei... É um lugar apropriado para o amor e para a lua de mel — suspirou Adam — mas não passa de um sonho...

Christine tirou do colo um papel dobrado. Continha somente duas palavras, uma fórmula de drogaria...

— Lembra-se de que Erza me escreveu, dizendo que sentia uma coisa no coração? Pois mostrei a carta ao dr. Blake... E agora, se Erza morresse, todos pensariam que era do coração... Você vai amanhã para Boston, não é? — E, dando a Adam o papel, continuou: — Logo que chegar lá, mande-me isso, pelo correio...

Brandt ficou olhando, sem saber o que dizer. Depois:

— Veneno! Você não pode fazer isso! Será descoberta!

— Oh, não se preocupe. Planejei tudo, cuidadosamente — replicou Christine, triunfantemente, enlaçando-lhe o pescoço e beijando-o ardentemente. Sabia que, depois disso, Adam não se atreveria a abandoná-la, nem pelo barco, nem pelo mar, nem por ela própria, quando fosse velha... A previsão de Vinnie não se realizaria! Ele seria seu cúmplice, e eles estariam ligados indissolivelmente. Adam prometeu que faria o que ela desejava.

Poucos dias depois, Erza chegava em casa. O general Erza Mannon foi recebido na estação da vila pela população local, mas não com natural regozijo, na sua própria residência. Orin tinha sido ferido, e viria depois; Erza também tinha começado a ter suspeitas de sua mulher, por causa da carta que Vinnie havia escrito. Mas o general era um Mannon, e um Mannon não revela suas emoções em público. Não lhe agradou, até, que Lavinia o abraçasse pelo pescoço, como abraça um amante, e afastou-a, para beijar a esposa, com fria respeitabilidade.

— Você está mais bela do que nunca — disse Erza, olhando-a com olhos críticos.

— E Orin, como está? — indagou Christine.

— Virá dentro de alguns dias. Orin está homem feito.

Erza voltou-se para saudar o dr. Blake, seu velho amigo.

— Parece bastante cansado, general — disse-lhe o doutor. — Acho que está esticando demais a corda... Vou fazer um "reconhecimento" geral, para ver como anda isso, logo que esteja descansado...

— E trocou um olhar de entendimento com Christine.

Lavinia agarrou-se ao braço do pai durante todo o trajeto do caminho. E em casa, na sala de visitas, ante o olhar imóvel dos retratos dos velhos Mannon, serviu café ao general.

— Como está o seu coração? Diga a verdade, papai.

— Se se tratasse de alguma coisa séria, eu não diria nada. E' que não posso fazer nada enquanto me dura a pontada.

Christine o contemplava, inquieta.

— Você não está com boa cara — disse ela. — Deve ir logo para a cama.

— Não, não vá já, papai! — implorou Vinnie. — Temos tantas coisas que falar! Especialmente... sobre o capitão Brandt!

Christine observou o olhar astuto de sua filha, mas permaneceu impassível, mesmo quando Erza, colocando a xícara sobre a mesa, a olhou com suspeitas.

— Oh, sim... Que assunto o trouxe por cá? — disse o general, com firmeza, dirigindo-se a Christine.

— E' melhor perguntar a Vinnie — replicou ela, com tranquila ironia. — E' o último namorado dela. E passavam muito ao luar...

Ante a audácia de sua mãe, Vinnie engoliu em seco.

— Somente fui passear com ele uma vez, antes de... antes de saber que ele namora



## CONSELHO INTERNACIONAL DE MÚSICA ★ O METROPOLITAN LUTA PARA MANTER SEU PRESTÍGIO ★ UMA NOVA ÓPERA DE BRITTEN ★ SALOMÉ, O MAIOR ESPETÁCULO DO SÉCULO

De ROBERTO LYRA FILHO  
(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

Depois do Instituto Internacional de Teatro e do Conselho Internacional de Estudos Filosóficos e Humanistas, a UNESCO vai criar, agora, um Conselho Internacional de Música. Fundado com o objetivo de "promover a cooperação e estimular o intercâmbio dos meios musicais de todas as partes do mundo". Essa nova organização pretende estabelecer relações com os diversos países mediante comissões nacionais, articuladas e agindo de comum acordo com o órgão internacional, no sentido de aproximar os povos, mediante a divulgação da arte.

Essa louvável iniciativa surgiu durante a Conferência da Música e, dentre os delegados presentes, foram escolhidos algumas das figuras de maior destaque, que comporão um Conselho, ao qual caberá traçar os planos de atividades para a instituição.

Ficou decidido que uma das primeiras realizações da nova entidade seria uma série de festivais, nacionais e internacionais, visando a aproximação da música dos diferentes países membros.

Como a Escola Nacional de Música, por inspiração de sua diretora, pretende, agora, realizar uma exposição de música brasileira, talvez seja possível fazer com que esse Conselho patrocine e auxilie o nosso estabelecimento de ensino musical na sua oportuna tarefa de trazer ao público obras dos nossos principais compositores.

### UMA ÓPERA MODERNA

Já se anuncia, para este ano, uma movimentada temporada musical. No setor sinfônico, por exemplo, se forem cumpridas todas as promessas, teremos em atividade, não somente a Orquestra Sinfônica Brasileira, como também a do Teatro Municipal — dirigida, segundo consta, pelo maestro Arthur Rodzinski — e ainda um novo conjunto, fundado e dirigido pelo maestro José Siqueira. A competição entre essas organizações, que disputarão a preferência do público, no decurso da temporada, virá trazer animação, vida, movimento às atividades sinfônicas, que já se vinham burocratizando, porque entregues a uma única orquestra.

Esperemos que, quanto à ópera, surja a possibilidade de reproduzir-se essa situação. O exemplo do que está ocorrendo nos Estados Unidos é sugestivo. O Velho Metropolitan acha-se, atualmente, empenhado em renovar o elenco, repertório, trazendo novos cenários, modernizando as suas instalações, para suportar, sem perda do título de principal teatro de ópera do país, a competição da New York City Opera Company que vem despertando a atenção do público e da crítica. Basta dizer que, recentemente, com uma partitura moderníssima de Benjamin Britten, jovem e brilhante compositor britânico, "The Rape of Lucretia", a City Opera além de ter conseguido extrair da crítica os maiores louvores, fez da audaciosa obra de Britten um autêntico sucesso de bilheteria...

E o Metropolitan, que não obtivera tanta atenção quando experimentou montar "Peter Grimes", outra obra do mesmo compositor inglês, decidiu que urgentes providências se tornavam necessárias, para salvaguardar seu prestígio.

### CANTORES, LUZES, DIREÇÃO



RICHARD STRAUSS

A City Opera, explorando os modernos recursos do teatro americano, montara "The Rape of Lucretia" com toda a gala com que, nos Estados Unidos, se monta uma revista, um dos famosos "shows"... O luxo, os cenários artisticamente construídos, a iluminação perfeita, os cantores escolhidos não somente pelos dotes vocais como pela capacidade de representar, sem exageros, perfetos cênica e vocalmente, figuras "plausíveis", fugindo ao convencionalismo da ópera tradicional que pretende fazer com que o público acredite que uma senhora de quase cem quilos está morrendo tuberculosa ou faz com que alguém suspire de amor e proclame linda uma primadona feia e deselegante... Escolhendo cantores jovens, boas vozes, entregando a direção a Agnes de Mille que movimentou em cena os atores com segurança, a City Opera conseguiu um grande sucesso. E se a música de Britten despertou uma viva controvérsia entre os críticos mais autorizados, isso ainda acrescentou novos motivos de interesse e animação ao espetáculo, atraindo um público numeroso que resolveu assistir à ópera para saber por que Virgil Thomson disse que a música "não tem qualidades para manter o interesse durante duas horas de espetáculo" ao passo que Olin Downs proclamou que "The Rape of Lucretia" é uma das melhores partituras de Britten... E a divergência dos "dois grandes" da crítica, como já assinalai, em vez de diminuir, aumentou o interesse pela ópera...

### "SALOMÉ"

A isso, responde, agora, o Metropolitan, ressurgindo para colher um triunfo excepcional com a montagem de "Salomé", de Richard Strauss, tendo contratado, especialmente, o soprano Ljuba Welitsch. A excepcional criação dessa cantora, causou sensação. Não só vocal, como dramaticamente, ela foi impressionante, segundo o testemunho de uma crítica sugestivamente unânime. Virgil Thomson chegou a dizer isto: "Uma das maiores interpretações músico-dramáticas deste século!..."

E, para completar o espetáculo, a orquestra obedeceu à batuta do mesmo Fritz Reiner, que, há trinta e três anos, regeu, em Dresden, com aprovação e aplauso do próprio Strauss, a mesma ópera.



# POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro tesouro!*



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,  
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,  
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.**

**NUNCA EXISTIU IGUAL**

O preço desta revista para venda ao público, em qualquer parte do território nacional, é de Cr\$ 3,00.

Aos distribuidores é concedido um desconto que dá margem ao respectivo lucro dentro daquele preço mencionado na capa.

## HEMORRÓIDAS e VARIZES

Para varizes (nas pernas) tome o líquido via bucal e fricione a pomada no local. Para hemorroidas internas e externas use a pomada no local e tome juntamente o líquido.

PROCURE EM FARMÁCIAS E DROGARIAS. NA FALTA À V. SANDOVAL JR., C. POSTAL 1.874 - S. PAULO



AG. PETTINATI

### AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

de tudo quanto é mulher — retorquiu ela, com ar cortante. — Pois se até chegou a pensar que mamãe lhe dava "entrada"... Acho que ela foi muito tola em permitir que ele nos visitasse.

— Tola? — rugiu Erza. — É claro que... — Erza... prefiro não discutir isso enquanto não estivermos a sós — interrompeu-o Christine, friamente. — Vinnie, quer fazer o favor de ir?

E como Vinnie ficasse imóvel e calada, Erza lhe disse, incisivamente:

— Deve ser hora de ir para a cama, Vinnie.

Vinnie, obedecendo-o docilmente, despediu-se, beijando-o na testa.

— Estou muito contente, porque voltou, papai... Não permita que mamãe o convença de que gosto de alguém... exceto você mesmo. Estarei sempre a seu lado...

Erza acariciou-lhe o cabelo, dizendo com rude ternura:

— Assim o espero, Vinnie.

Vinnie sabia que estaria em perigo a sua causa, se sua mãe ficasse a sós com ele, mas também estava certa de que agora exercia um novo poder sobre seu pai. Isso, Christine não poderia destruir. Mas Vinnie estava inquieta, esperando ouvir os passos de ambos nas escadas. Afinal, não pôde aguentar mais. Pondo um robe e uns chinelos, desceu. A sala estava às escuras, mas Vinnie podia ouvir o murmúrio das vozes. Erza rogava, insistentemente: "Você gostava de mim, quando nos casamos, não foi?"

E, como Christine concordasse, continuou: "Vim decidido a dizer tudo o que sinto, Christine. Sempre a quis, e ainda a quero..."

Vinnie ouviu a voz baixa e sedutora de sua mãe: "Nada nos separa, Erza. Eu também sou a mesma..."

Sob a moldura negra da porta, as duas figuras se fundiram num abraço. Vinnie retrocedeu, com o coração lacerado, mas fascinada, sem poder ir embora. Erza viu-a. E Vinnie, murmurando algo sobre o calor, encaminhou-se para o jardim... De lá, vigiou o quarto dos pais. E viu acender-se a luz, recortando sobre a janela a silhueta de Christine.

IV

Vinnie não pôde dormir toda a noite. Passaram-se as horas. De madrugada, subitamente, ouviu uma queixa surda, de quem pede auxílio. Correu desesperadamente em direção ao quarto de Erza. Ele estava deitado, respirando com dificuldade, enquanto Christine se mantinha sentada aos pés da cama, olhando-o intensamente...

— Teve um ataque — disse ela. — Mas já está melhor. Precisa de dormir.

Aterrorizada, Vinnie tomou o pai entre os braços, ouvindo os sons entrecortados que emitia. Depois, meio sentado, apontando o dedo acusador para Christine, conseguiu dizer:

— Ela... culpa... remédio...

E calou, inerte, sem vida.

— Papai! — gritou Vinnie. Mas era inútil. Ela sabia que ele não voltaria a ouvir o que ela dizia. Voltou-se, horrorizada, para a mãe:

— Por que ele apontava para você daquele modo? Por que? Diga!

— Porque lhe disse a verdade sobre Adam... — respondeu Christine, com medo, retrocedendo.

Vinnie aproximou-se dela, agarrando-a pelos ombros.

— Olhe-me! Por que foi que ele disse "remédio"? Por que? — E movendo a cabeça, como se quisesse afastar um mau pensamento: — Não... não... não pode ser... Você não seria tão malvada!

Mas Christine, tremendo, arrancou-se das mãos da filha. Caiu aos pés da cama desmaiada, soltando uma pequena caixa de remédio que tinha na mão. Vinnie apANHOU a caixa. E ficou paralisada, cheia de horror...

Orin chegou a tempo para assistir aos funerais de seu pai. O dr. Blake havia julgado a morte de Erza como Christine havia previsto, e nenhuma mancha cairia sobre o nome dos Mannon... Erza Mannon, armador, advogado, juiz, comandante e oficial do exército, tinha servido bem o seu país. E agora, sob o seu próprio retrato, jazia na grande sala da mansão, onde Christine e Hazel Niles, a irmã de Peter, aguardavam a chegada de Lavinia e de Peter, que tinham ido buscar Orin. Com grande surpresa, Hazel via que Christine agora se mostrava favorável ao seu casamento com Orin, quando antes se mostrava tão oposita que parecia ter ciúmes do filho. Ao contrário, agora incitava Ha-

zel a se casar logo com Orin, para levá-lo para longe, longe dos ciúmes mórbidos e arrebatados de Lavinia.

— Previno-a — disse Christine à assombrada Hazel — de que Vinnie fará todo o possível para que você não se case com Orin!

Assim, à trama do ódio se metia mais um fio sinistro.

Mas Vinnie estava mais preocupada agora com Christine do que com Hazel. Tinha a influência de sua mãe sobre Orin, e procurou avisá-lo.

— Não creia em nada que mamãe diga a você, Orin — disse ela, enquanto seguiam os passos de Peter, entrando na casa. — Espere... até que eu fale com você!

Pobre Orin! Bom rapaz, impulsivo e débil, mimado toda a sua vida por Christine, vítima dos ciúmes dominantes de Vinnie, ante novas dificuldades... De todas as pessoas, a única que ele achava doce e compreensiva era Hazel. E a ela se agarrava, surpreendendo-se de que Christine dava a sua aprovação... Mas Vinnie não deixava enganar pelas táticas da mãe. Sabia que ela lutava para ter Orin a seu favor, porque iria precisar dele no combate que se aproximava, um combate mortal entre elas duas.

Naquela noite, Orin estava no quarto de sua mãe, olhando-a enquanto ela se penteava. Christine penteava seu belo e longo cabelo negro, e sentia que Orin, como nos tempos de sua infância, ali estava sob a sua influência.

— Nós dois sempre nos entendemos bem,

e temos o nosso modo de ser parecido, não é, Orin? — disse ela, com um terno sorriso. — Vinnie é diferente. Sinto que você é do meu sangue. Ela, não. Ela é do sangue de seu pai. Você faz parte de mim mesma, estou certa...

(E Christine olhou para Orin através do espelho). Vinnie tem ódio a você, porque quero a você mais do que a todos, inclusive ela... — E, baixando a voz, Christine acrescentou: — Seremos sempre felizes, se você não der ouvidos às mentiras e às intrigas de Vinnie!

Mentiras! Mentiras! Mentiras!! Era o que também Vinnie dissera. E Orin se recostou na cadeira, desgostado.

— Mamãe, você não me disse nada ainda — disse ele deliberadamente — sobre o capitão Brandt, a quem Vinnie se referiu em sua carta.

Christine esperava isso. Era, segundo explicou a Orin, uma idéia tola de Vinnie. Estava imaginando coisas, quando aquele homem só queria que Erza lhe desse um navio maior para comandar. Quanto à idéia de que Brandt fosse filho de Marie Brantome, não podia haver nada mais incrível ou ridículo! E não era só isso; Vinnie tinha a cabeça cheia de idéias fantásticas! Também falava do remédio para dormir... Vinnie tinha-lhe falado. Imaginava coisas que nem a gente tinha coragem de repetir!...

— Francamente, tenho medo do que ela possa fazer! Pode ir à polícia! — exclamou Christine, desta vez com verdadeiro terror, apegando-se a Orin. Ele a consolou, covardemente, e tudo ficou entre os dois como antes, quando ele delirava, em sonhos, descrevendo os seus desejos de menino de conhecer outras terras e outros mares... Ele ali estava, para consolá-la, como antes ela o consolava, quando era menino e tinha pesadelos noturnos... Mas aquele enleio de afeto filial foi subitamente desfeito pela chegada de Vinnie, que estacou à porta, depois de abri-la.

— Você não vai descer, para ver papai, Orin? — interpelou ela.

Orin levantou-se, obedecendo, e baixou ao andar térreo. Quando Orin já não podia ouvir, Christine exclamou para Vinnie:

— Orin gosta de mim! Tinha ódio ao pai! E está contente com a morte dele!

Lavinia não respondeu, e desceu também. Ao chegar junto de Orin, que contemplava o cadáver do pai, teve logo a certeza de que seu irmão não odiava o pai, como Christine dissera. Ele contemplava os restos de Erza com ternura filial, chamando-o baixinho de "O Velho Amigo do Lodo", como o chamavam, carinhosamente, os companheiros de armas. Parecia que a vista do pai havia eliminado a maligna influência da mãe. Embora Orin, discutindo com Vinnie, negasse a possibilidade de que sua mãe fosse culpada, mesmo diante da calíxinha de remédio que Vinnie lhe mostrou, dizendo como a havia encontrado, o rapaz recebeu de maneira diversa a revelação da história do capitão Brandt.

Seus olhos brilhavam intensamente.





**JOSE DE O. NUNES (Rio)** — Seu "O Mistério de Adelaide" foi aprovado.

**A. B. (Rio)** — "Medo" está muito cheio de lapsos de concordância e fastidiosas repetições. Procure melhorar a gramática e o estilo, e conte com toda a nossa boa vontade.

**JOSE LAPA (Rio)** — "Ameaça" recebeu um plenamente. Será publicado.

**ROSINA MARQUES (S. Paulo)** — Seu conto "Penumbra" está aceitável e sairá.

**GERALDA B. JUBILEU (Pirapetina)** — "A Banda do Maestro Nato" foi aprovado e sairá brevemente.

**KADIR SWARA (Campo Grande)** — "No Caminho do Oeste" está OK.

**J. G. M. F. (Campinas)** — Seu "Diagnóstico" não pode ser classificado como conto literário. Mande-nos outro.

**EDSON KNEIP (?)** — O "Sacy Pererê" foi aprovado.

**SAMUEL LOPES (Rio)** — Seu "Desespero" não pôde ser aproveitado por estar muito curtinho; mas não é caso de desespérer. Puxe pelo crânio e será vitorioso.

**MORENA TRISTE (Sorocaba, São Paulo)** — Sua carta será respondida com muito prazer no número de 5-3-49.

**ALTINO BONDESAN (S. José dos Campos, São Paulo)** — Seu "Velocidade" foi aprovado e sairá.

**VICENTE C. DE CARVALHO (Rio)** — Muito bom seu conto. Aguarde.

**DEMOSTENES GUANAES (Brigui, São Paulo)** — Idem.

**M. A. C. (S. Paulo)** — Não pôde ser aproveitado por estar muito pequeno.

**M. G. (?)** — Não foi possível aproveitar seu "Vendedor de Caju". Está fraquinho e pequenino.

**B. M. S. (Niterói)** — "A Dama e os Três Vênus" se assemelha mais a um relatório. Puxe por sua imaginação e nos mande um conto... literário, está visto.

**W. C. (Sabará, Minas)** — "Suicídio" não pôde ser aprovado. Mande-nos outro.

**B. N. (Itajubá, Minas)** — "Uma Espósa Feia" está mais ou menos urdido, mas o tema é impróprio. Volte com outra tentativa.

**J. A. C. B. (Rio)** — "Um Marido Inacreditável" não constitui literariamente um conto. Veja se manda coisa mais verdadeira dentro da vida.

**I. M. O. (Arapoti, Paraná)** — "Segredo do Passado" está muito curto. Exercite-se também na pontuação e no português.

**P. H. R. (São Luiz, Maranhão)** — Não pudemos aprovar seu "O Indesejado". Procure melhorar a redação e evitar impropriedades descritivas como "folhas secas siblando..."

**S. J. N. (R. Emancipação, 9, São Cristóvão, Rio)** — Teria sido muito melhor que o Correio não o ouvisse e deixasse extraviar-se seu "Delírio".

**DALTON TREVISAN (Curitiba, Paraná)** — Seu "Nicanor" está curtinho de mais. Procure mandar um conto maior.

— Só peço a você que dê uma oportunidade para provar o que estou dizendo — declarou ela.

E, depois de um instante, para que o irmão absorvesse bem suas palavras:

— E, quando eu provar, você me ajudará a castigar os assassinos de nosso pai?

— Vou matá-lo! — rugiu Orin entre dentes.

Era o que Vinnie queria. Os passos rápidos de sua mãe soavam no vestibulo.

Vinnie, com um gesto brusco, colocou a caixa do veneno sobre o corpo rígido de seu pai, por cima do coração. Era tempo, porque Christine estava batendo à porta.

— Ela finge acreditar que eu estou louca! — gritou ela para Orin, acrescentando: — Abra-me a porta. Orin — Christine entrou e estacou, olhando para os filhos com ar temeroso. Notou uma mudança em Orin.

— Por que você me olha dessa maneira? — inquiriu ela. — Parece tanto com seu pai, assim...

Evitando olhar para o morto, Christine atravessou a sala. — Suponho — disse a Vinnie — que já andou dizendo coisas a Orin, não? — E, voltando-se para o filho: — Ela não ameaçou de ir à polícia? Lembremo-nos de que seu pai não queria escândalos. Ele precisa de paz e repouso.

— Ela não ameaçou de ir à polícia? Lembremo-nos de que seu pai não queria escândalos. Ele precisa de paz e repouso.

— Ela não ameaçou de ir à polícia? Lembremo-nos de que seu pai não queria escândalos. Ele precisa de paz e repouso.

— Ela não ameaçou de ir à polícia? Lembremo-nos de que seu pai não queria escândalos. Ele precisa de paz e repouso.

— Ela não ameaçou de ir à polícia? Lembremo-nos de que seu pai não queria escândalos. Ele precisa de paz e repouso.

— Ela não ameaçou de ir à polícia? Lembremo-nos de que seu pai não queria escândalos. Ele precisa de paz e repouso.

— Ela não ameaçou de ir à polícia? Lembremo-nos de que seu pai não queria escândalos. Ele precisa de paz e repouso.

— Ela não ameaçou de ir à polícia? Lembremo-nos de que seu pai não queria escândalos. Ele precisa de paz e repouso.

— Ela não ameaçou de ir à polícia? Lembremo-nos de que seu pai não queria escândalos. Ele precisa de paz e repouso.

— Ela não ameaçou de ir à polícia? Lembremo-nos de que seu pai não queria escândalos. Ele precisa de paz e repouso.

— Suas próprias palavras fizeram com que ela fitasse o rosto hirto de Erza.

— Não mudou nada, Erza — disse ela amargamente. — Para mim você foi a morte. E eu detesto a morte. Detesto...

— Não pôde concluir. Seus olhos se fixaram sobre a caixinha que estava sobre o coração de Erza. Retrocedeu, dando um grito agudo, em que se refletia toda a sua horrível culpa, transfigurada, hipnotizada, condenada.

Orin ficou desvairado, louco.

— Por que deixei a minha filha encantada! — gritou, com agonia. — Agora está perdida, para sempre, para mim! E que ironia! Você, minha mãe, era a minha filha encantada!

V

Agora, Vinnie não tinha que pedir a Orin que não perdesse de vista os movimentos de Christine. Sabia que sua mãe estava desesperada, e que iria encontrar-se com Brandt na primeira ocasião que tivesse. E, ocultos, seguiram-na até Boston, onde a viram encontrar-se com Adam, no barco deste. E quando Brandt a levou para o camarote, ouviram, através da clarabóia, a confissão de culpa de ambos, bem como os seus planos de fuga. Quando Christine pediu a Brandt que a levasse com ele, Brandt vacilou. "Deveria ter feito o que queria — lutar com Erza, como dois homens lutam pelo amor de uma mulher!"

Mas, afinal, Christine conseguiu o que queria. Adam concordou em fugir com ela, embora isso significasse abandonar o seu barco, deixar para sempre o mar que tanto amava.

— Sou um covarde — disse ele — e o mar tem ódio dos covardes!

— Seremos felizes, uma vez que estivermos a salvo nas Ilhas Benditas — disse Christine, beijando-o com ternura. — E' estranho... Orin falava sempre de uma ilha...

Vinnie tinha vindo com seu irmão, para que ele tivesse a prova do que ela havia dito, mas teve que dominá-lo, para que não desse vazão ao impulso homicida que o assaltou, fazendo-o sacar o revólver do capote, quando Christine se despediu de Brandt na plancha do navio.

(Continua no próximo número)

A VIDA DE HUMBOLDT.

(Continuação da pág. 14)

no pelo nariz com uma forquilha de pásaro e lançavam-se às batalhas espirrando, tomados de fúria combativa. Quando não estavam em guerra com outras tribos, voltavam a sua fúria para a matança mútua dentro da própria tribo. Raramente se valiam de golpes para matar. Limitavam-se a embeber as unhas em veneno e dar "ferroadas" nas vítimas.

Avante, pela ampla extensão do Orenoco, avante, na direção da cidade de nome legendário e riquezas fabulosas — o Eldorado. O sonho de todos os viajantes. O maravilhoso país do ouro. Muitos exploradores antigos o procuraram em vão. Sir Walter Raleigh quase o atingira. Os nativos lhe diziam sempre que ficava um pouco adiante, logo além do horizonte — e eternamente fora do seu alcance. Em breve o nome da cidade passara do seu lugar no mapa ao reino dos mitos. Mas os aventureiros continuaram a procurar essa paragem mítica — até hoje a procuram. Pois o Eldorado não é apenas a cidade do ouro; é o sonho da realização de cada alma.

Um valente guerreiro,  
De vistosas roupagens,  
Através de mata e prado,  
U'a canção entoando  
Faz mui longas viagens  
Em procura do Eldorado.

Humboldt não descobriu o Eldorado. Mas realizou o sonho da sua canção. Chegara aos derradeiros estádios da viagem. Da América do Sul, fôra a Cuba e ao México; subira a encosta do Chimborazo até uma altura nunca antes alcançada por outro homem: fôra aos Estados Unidos, passando uma temporada aprazível em Filadélfia e Washington. Volveu então os olhos para a sua terra. Estivera ausente cinco anos — período durante o qual assentara os alicerces da ponte que levaria cada homem ao Eldorado dos seus sonhos. Sistematizou a ciência da história natural do mundo. Estava agora pronto para reunir e ordenar o livro da vida numa unidade racional e num entrecho lógico.

(Continua no próximo número)

# Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

**LONDRES, novembro de 1948** — O Castelo de Windsor na realidade é uma série de grandes castelos, numa área de mais de 20 quarteirões, sem contar os terrenos externos. Uma larga avenida atravessa o parque e vai até o prado de Ascot, que fica a uma légua de distância do Castelo de Windsor, propriamente, avenida, ladeada de árvores centenárias. Um encanto. Passa ao lado da residência de verão do Rei, que não é em Windsor. Os castelos são magnificamente conservados apesar dos séculos; todos exteriormente de pedra com espessas paredes.

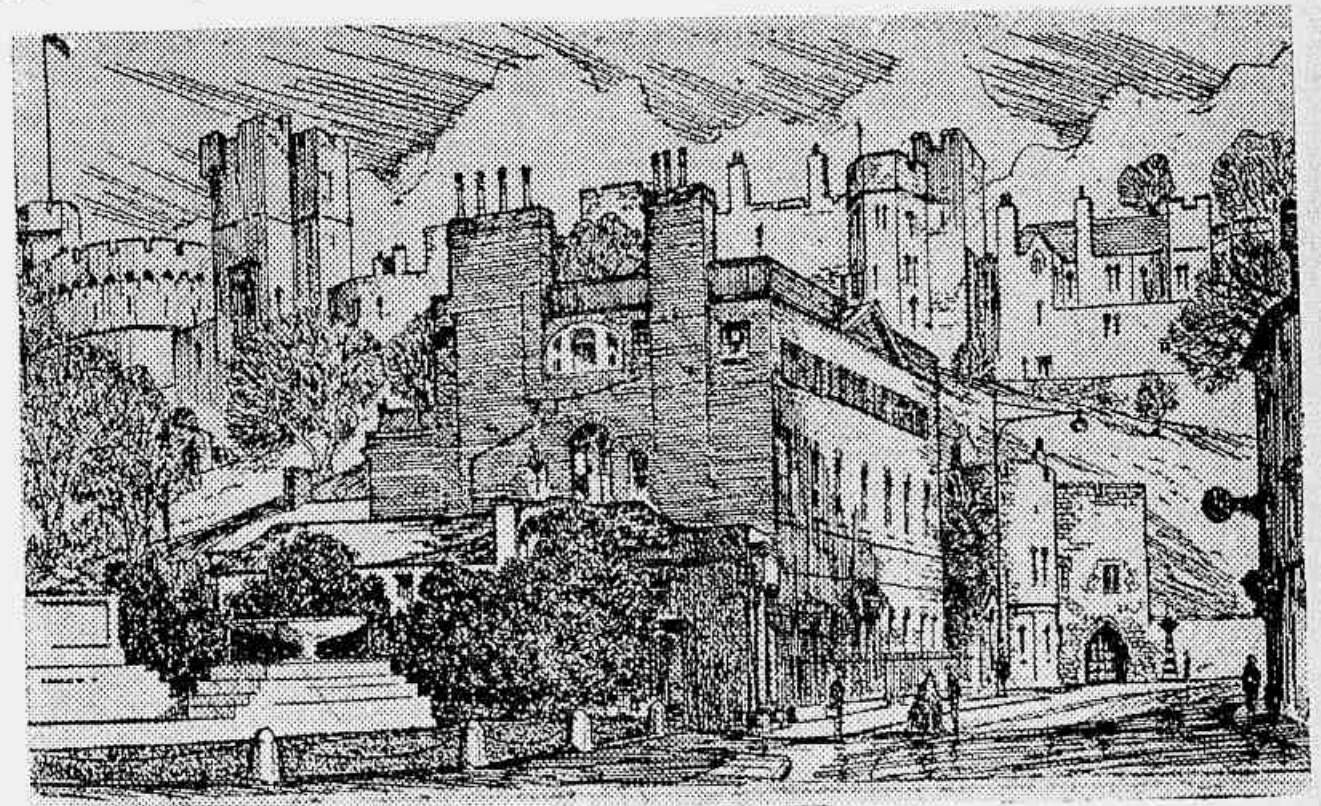
Os salões são artisticamente decorados por mestres e possuem salas de armas notáveis, belíssimos quadros de Van Dyck, Holbein, Rubens, Lawrence, Gainsborn, Turnem, Rembrandt e outros. Os candelabros bonitos e enormes. A maioria dos móveis, do período de Luís XIII, alguns de fabricação inglesa e muitas cadeiras, pouco confortáveis, manufaturadas em Veneza; um tapete da Índia com mais de 20 metros por 15 de largura, trabalhado à mão, podendo ser usado tanto de um lado como de outro. O maior tapete do mundo sem costuras ou emendas.

Estivemos no quarto de dormir e de vestir do Rei e da Rainha, de onde tivemos ocasião de apreciar o maravilhoso cenário de Eton e sua vizinhança, com bosques de um lado e outro. O Tamisa, de águas plácidas, descendo para Londres, que fica a uns 60 quilômetros. Eton, ao lado do Castelo, foi bombardeada durante a guerra, tendo duas bombas caído ao lado da primitiva escola, causando algum dano, mas sem ferir os 70 alunos que ali dormiam. Esse prédio data de 1440, é ainda usado como foi antes da descoberta do Brasil. Vimos os livros dos alunos que estavam, no momento, no campo de esportes. Os 70 alunos que ali residem e estudam, na mais velha escola do mundo, que tem funcionado sem interrupção no mesmo prédio, são "bolsistas" de vários lugares da Grã-Bretanha e pagam os estudos ou não, conforme o estado financeiro dos pais, pois Eton é uma escola particular e não do governo.

O salão São Jorge, no Castelo de Windsor, é dedicado à ordem da Jarreteira, uma das mais antigas. Até hoje foram nomeados quase mil comendadores, os quais ficam eternamente obrigados à fidelidade ao Rei. Dois dos cavaleiros que não se portaram condignamente, depois de condecorados, tiveram seus braços arrancados do salão e estão os lugares em branco. Além disso perderam as respectivas cabeças... Mede lá estão os lugares em branco. O salão de banquete é no mesmo local onde estão uns 60 metros por 10 de largura. O salão de banquete é no mesmo local onde estão os braços dos novecentos e tantos cavaleiros da Jarreteira e, nas ocasiões dos jantares, usam serviço de ouro massivo, incluindo todos os pratos, terrinas, travessas, sopeiras, etc. Os soldados da guarda do Rei, ficam de sentinela atrás dos convivas, e, no fundo do salão, num alto palanque toca a banda de música da Guarda Real. No tempo de Eduardo VII o jantar era servido rapidamente e, enquanto algum hóspede esperava esfriar a sopa, vinha o camareiro e levava o prato intacto... Para os jantares de segunda classe usam magníficos serviços de finíssima porcelana em cores. Os serviços são guardados em altos armários, cada prato individualmente, em pé, junto ao fundo do armário e não empilhados como nas casas burguesas.

Algumas reliquias de Napoleão são guardadas no salão de armas. Vimos uma espada, toda encrustada com brilhantes na copa, a bainha de ouro sólido também com brilhantes enormes, maiores do que aqueles que certas senhoras usavam nos cassinos brasileiros. A família real passa uma pequena parte do ano em Windsor propriamente e não me admira que as outras residências reais como o Palácio de Buckingham e Balmoral, na Escócia, sejam mais preferidas, pois, mesmo grandioso, antigo, pitoresco como é, não vence o conforto modesto de um bom quarto de hotel, com banheiro ao lado, pia, água quente e fria, toalhas, lâmpada para se ler na cama, mesinha com luz sobre o papel, chinelo em baixo da cama, aquecedor com dispositivo para aumentar ou diminuir a temperatura e criada bonita perguntando se somos americanos e se podemos arranjar um lugar num hotel em Nova York para que ela sante é que não somos de lá, mas podemos garantir que o emprego está arranjado, pois conhecemos o gerente de uma rede de hotéis em Nova York. Mas com um cartão de apresentação a moça será colocada... E' assim a vida: chega-se do Rio e vai-se logo arranjando emprego em Nova York para uma camareira de hotel em Londres... Ela não podia escolher uma pessoa em melhores condições para lhe arranjar esse emprego...

Já passa de meia-noite, estamos no quarto rabiscando estas linhas. Londres dorme. Faz frio, talvez poucos graus acima de zero. O hotel, com seus oitocentos hóspedes, também está quieto. Algumas luzes nos quartos indicam que os retardatários como nós, estão se preparando para dormir.



Vista parcial do Castelo de Windsor, que é na realidade uma série de vários castelos, situado nos arredores de Londres

## A SAÚDE DO BEBÊ

(Continuação da pág. 47)

Uma boa mistura de sucos: Caldo de laranja 20 grs. — Polpa de tomate e suco de cenoura 10 grs. de cada. — Caldo de limão e água 5 grs. de cada — (adoçar e passar em peneira fina e esterilizada; às colherinhas, no intervalo das refeições).

Dentre os legumes no preparo das sopas, são recomendáveis: cenoura, nabo, abóbora; da mesma sorte almeirão, inhame e outros. Preparar um caldo com carne magra, passar em peneira, salgar.

Das frutas, são recomendáveis, principalmente: a banana (prata, banana maçã) e a própria maçã (amassadas ou raspadas, cruas ou cozidas, algum açúcar etc.).

Até 11.º e 12.º meses, o esquema alimentar pode ser: às 7 hs., leite, biscoitos etc.. Às 11, almoço (visceras — miolos, fígado raspado etc.) Às 15, lanche (frutas, compotas, crêmes, aletria). Às 19 hs., sopa (de almeirão ou outra), pão torrado com manteiga fresca, algum leite.

E são estes os conhecimentos básicos, na criação do bebê, até fazer seu primeiro ano.



# Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO  
PARA HIGIENE E  
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

## REMÉDIO INFALÍVEL

(Continuação da pág. 22)

"Solicito, mostrou-nos o dr. Bonoso todo o hospital, desde a sala de operações até ao almoxarifado.

"O que me impressionou fortemente foi o material humano. Rapaz! Vi horrores que nem quero mais pensar! Deformações que até dava vontade de chorar! Umas operáveis; outras, casos teratológicos cuja cura ou simples disfarce era impossível. Crianças nascidas cegas, outras aleijadas, paráliticas... enfim doloroso de ver, horrível de pensar.

"Saí do hospital derreado. Incapaz de dedicar um segundo que fosse aos meus maus negócios.

"— Que tal? — disse-me Ricardo, já de volta, enquanto o carro deslizava no asfalto. — Violento o remédio?..."

"— Não, violento não!... Violentíssimo... Compreendo o alcance da visita que viemos de fazer. Quem tem filhos perfeitamente normais e são como eu os tenho, deve considerar-se feliz, imensamente feliz... não é assim?"

"— Ótimo! Estás progredindo, rapaz!... Melhorando a olhos vistos... Ainda achas que a vida não te oferece compensações?..."

"Não quis responder diretamente à pergunta do meu amigo. Fiz-me de mudo e não lhe dei resposta.

"Ele compreendeu o meu embaraço e não tornou ao assunto. Levou-me de carro até a porta de minha casa, cumprimentou amavelmente Lúcia e as crianças que, à janela, esperavam a minha volta, e, despedindo-se, disse-me então:

"— Creio que já tens remédio suficiente para passares uma semana inteira sem precisar de mim. Caso haja alguma recaída, telefona-me; em caso contrário, espero-te sábado, à mesma hora e no mesmo lugar."

"Passei a semana maravilhosamente bem. Quando algum diabinho negro dum mau pensamento queria encapitar-se no meu cérebro, dava-lhe um piparote, com uma pequenina dose da poção prescrita.

"Novamente sábado chegou e novamente tomamos o carro, em rumo desconhecido para mim.

"Sei que andamos muito. Méier e outras estações suburbanas passaram. Súbito fez-se luz em meu espírito:

"— Não, Ricardo, não precisas levar-me para onde penso que vamos. Já sei que iremos a um lugar que de bom grado pagaria para não entrar. Basta a visita que fizemos sábado passado."

"Sorriu-me... mas continuou dirigindo o carro para o seu destino.

"Chegamos. Crianças de longas camisolas brancas perambulavam, indiferentes e apáticas, por todas as dependências do edifício.

"Se da visita anterior eu saíra do hospital trazendo o coração penalizado, naquele dia saí do hospício com a alma despedaçada! Nunca vi tanta miséria humana junta! Houve um momento em que, como criança, agarrei no casaco de Ricardo, suplicando-lhe: "Vamos embora!... Chega!..."

## NESTE MÊS VAI SOFRER OUTRA VEZ?

Esta pergunta dirigimo-la a você prezada leitora. A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. Terríveis males sim porque além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza. Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras. Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade e boa disposição física e moral. O Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o N.º 1 e o N.º 2 — de acordo com as naturezas diferentes dos males femininos. O N.º 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. O N.º 2 se aplica na falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc. O Regulador Xavier lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os meses do ano.

"Não trocamos palavra durante a viagem de volta. Cheguei em casa, beijei os meus filhos — por que seria que o meu beijo foi tão demorado, tão afetuoso, mais que nos outros dias? Beije Lúcia com amor, e à sua pergunta:

"— Que tal o passeio?..."

"— Ótimo, respondi, encobrindo o verdadeiro destino que tínhamos tomado"

"Duas semanas deu-me Ricardo para consolidar os efeitos da dose maciça que tinha recebido, naquela tarde.

"Uma noite recebi um telefonema dele:

"— Pacheco, sabes que o mano Alfredo convidou-nos para irmos jantar em sua casa? Vamos?"

"— Sério, ou isso faz parte do tratamento?"

"— Aborreceu-se com a pergunta:

"— Não te posso responder sem aceites o convite. Se não aceites, abandono o cliente e você que se trate sozinho, se quiser!"

"— Que é isso, rapaz? Estou brincando. Claro que aceito."

"— Então, ouve: será esta a minha última consulta e a derradeira receita. Não tão violenta como as duas últimas, mas far-te-á um bem surpreendente."

"— Deus te ouça, meu bom amigo. Quando é o jantar?"

"— Quinta-feira, espero-te às 17 horas. Telefonarei para tua mulher... Queres?"

"— E' melhor; assim, ficará mais descansada, sabendo que vou jantar contigo."

"Tudo combinado, quinta-feira à tarde chegamos ao Cosme Velho, onde morava Alfredo, irmão mais velho de Ricardo. Recebeu-nos alegre e prazerosamente. Residia num apartamento moderno, construído a capricho.

"Conversa puxa conversa, fui de súbito abalado por uma palavra, digo palavra, que alguém soltara, no apartamento contíguo ao de Alfredo:

"— Nesta porcaria... não se come?..." e o ruído, ou melhor, o barulho de móveis empurrados violentamente feriu-me os ouvidos.

"Ao meu mudo interrogatório, Alfredo respondeu:

"— São os vizinhos do lado; família muito boa e que vive em paz..."

"— ...Em paz?... fiz eu sem poder conter-me.

"A resposta veio do apartamento vizinho:

"— Mamãe... o velho chegou... puxa, como ele vem brabo, e malcriado!...", ouvi dizer uma vozinha petulante e atrevida... "Cai fora, palhaço."

"— Quebro-te a cara, sua... e outro nome "bonito" fez-se ouvir.

"— Aqui dentro não se quebra a cara de ninguém!...", falou uma voz grossa e pastosa.

"— Quem é?... perguntei a medo.

"— E' o filho mais velho", respondeu-me Ricardo. "Rapagão metido a valente. Por qualquer coisa encosta a mão no velho, e o barulho sai grosso."

"O bate-bôca continuava num crescendo acelerado. Do nosso pósto de observação vi subitamente passar voando um rôlo de fazer massa, que espatifou o vidro da cristaleira. Fechou o tempo. A vizinhança, das janelas, apreciava o espetáculo. Calmamente sentados na saleta, Alfredo e Ricardo palestravam, como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo... e como eles gozavam o meu espanto, riam da minha palidez!

"— Chega!... Chega, Ricardo", disse eu. "Já sei onde queres parar, fazendo-me assistir a esse degradante espetáculo. Chega de remédio, de mezinhas. Estou bom; radicalmente curado..."

"— Vamos jantar", convidou d. Emília, esposa de Alfredo. "Olhem que a sopa esfria."

"Reinava paz na família do "barulho". Fomos para a mesa, jantamos e passamos uma noite agradável e alegre.

"— Pacheco — de volta, à porta de minha casa, dizia-me Ricardo — penso que agora não precisas mais de mim. Acho que o tratamento te fez um imenso bem. Preocupações, aborrecimentos, complicações, temo-las sem conta na vida; mas com boa vontade encontraremos uma ou mais compensações. Procuremos sempre o lado bom da vida e não nos deixemos dominar pelo desânimo, pela tibieza. Pensar eternamente na infelicidade é envenenar o espírito, contaminando o sangue. Meu amigo, a vida é para ser vivida... Dou hoje por terminado o teu tratamento. Se algo houver que te esmoreça, procura-me que terei o maior prazer em servir-te."

"Sem palavras, abracei longamente Ricardo; e — para que mentir? — senti os olhos cheios de lágrimas.

"— Obrigado... meu amigo... obrigado!", artiquei afinal.

"— E aí está a razão da metamorfose que me tornou tão diferente. Os efeitos da cura continuam. Talvez seja preciso uma pequenina dose, de vez em quando, mas basta

um pequeno pensamento dos cinco remédios que tomei para sentir-me novamente bom... Aí está!

"— E' estupendo, maravilhoso o que me contas! — disse-lhe eu. — Acho que também estou precisando de umas doses do teu remédio; sabes: vida apertada, inflação, pouco dinheiro, que mais?... Dize-me: onde mora teu médico?"

"— Que médico?! — fez-me Pacheco, espantado.

"— Ricardo? Esse rapaz que te tratou, onde mora?"

"— Ahn!... Ricardo! Coitado! Meteu-se nuns negócios complicados. Perdeu tudo o que tinha. Coitado! Não pôde resistir ao choque... acabou metendo uma bala na cabeça.

"— Como?!... E o remédio?!... O remédio infalível?!...

"— Ora, meu velho, então não sabes que santo de casa não faz milagres?!..."

## NOS BASTIDORES FEMININOS

(Continuação da pág. 19)

menos "cansada", ela protestará: "depois de tanto trabalho, o "ingrato" ainda me faz dessas..." Mas é claro que ninguém poderá viver tranquilamente ao lado de uma pessoa esgotada e cansada, principalmente quando esse "esgotamento" e esse "cansaço" outra coisa não são senão imaginação e espírito doentio. E a "fuga" dar-se-á não só por parte do marido, como também por parte dos amigos e de todos aqueles que também não dispõem de suficiente paciência para aturar uma pessoa desagradável e aborrecida, tal como é a nossa "heroína" de hoje. E' possível que, entregue ao seu desânimo, ela não dê de início, grande importância a esse afastamento, mas dia virá em que ao seu cansaço se venha juntar um isolamento e uma solidão que de forma alguma poderão fazê-la feliz. Se conseguisse se modificar, se conseguisse reagir, talvez ainda pudesse evitar esse final triste de novela...

Contra o esgotamento físico e mental!

**VINHO DA VIDA**

**VINOVITA**

**RENOVADOR DAS FORÇAS**

*Tônico poderoso*





# DRAGO

Nº 41

Por  
Hogart

QUANDO OS HOMENS  
DO BARÃO ZODIA-  
CO VÃO FUZILAR  
DRAGO, OS VA-  
LENTES GAU-  
CHOS IRROM-  
PEM NO PLATÔ

VOCE VAI PAGAR COM A  
VIDA OS ABORRECI-  
MENTOS QUE ME  
DEU I GUARDAS,  
FAZER PONTARIA!

AQUI  
ESTAMOS  
DRAGO!

HIMMEL!  
HERR BARÃO!  
VEJA!

DONNERWETTER!  
GUARDAS!  
FOGO!  
MATEM!  
DRAGO!

NAO!

GAUCHOS!  
CAPTUREM O  
BARÃO VIVO!

VAMOS,  
COMPANHEIROS!  
ELE ESTA!  
FUGINDO!

BANG!

DRAGO! O BARÃO  
TRANCOU-SE  
NA TORRE!

ESPERE AQUI,  
QUE EU NAO  
DEMORO DARBY!  
SEI COMO OBRI-  
GA-LO A SAIR  
DE LA!

DRAGO ESPA-  
LHA A DINA-  
MITE PELA  
BASE DO  
OBSERVATORIO

QUANDO ZODIACO  
SOUBER DISSO,  
TRATARA' DE  
SAIR.

ESCUTE, ZODIACO! COLOCAMOS  
DINAMITE SOB A TORRE!  
SAIA DA!

E ENTREGUE-SE...  
SENÃO IRA'  
PELOS ARES  
COM ELA!

ZODIACO RENDER-SE!  
HOI HOI HOI!  
CACHORROS!  
NUNCA PEGARAO  
VIVO!



# DRAGO

O BARÃO ZODÍACO  
RI DO ULTIMATUM  
DE RENDIÇÃO LAN-  
ÇADO POR DRAGO

CAES! ZODIA-  
CO JAMAIS  
SE RENDERA!

SE VOCE NÃO SAIR DAI...  
A TORRE SERA'  
DINAMITADA.

NÃO  
RESPONDEU.  
ESTAVA  
FALANDO SERIO.  
NÃO SE  
RENDERA!

EU SEI... MAS NÃO FI-  
CARA' NO OBSERVATORIO  
SABENDO QUE VAI SER  
DINAMITADO. ELE ESTÁ  
TRAMANDO ALGUMA  
COISA!

PARA TRAZ GAUCHOS!  
PROCUREM ABRIGAR-SE!  
A DINAMITE  
VAI EXPLODIR!

A UM SINAL DE DRAGO,  
O'DAY FAZ O DETO-  
NADOR FUNCIONAR  
E...

TENHAM  
CUIDADO COM  
OS FRAGMENTOS.  
ESPEREM MAIS  
UM POUCO.

DRAGO!  
A TORRE  
DESAPARECEU!

VAMOS LA'  
DAR UMA  
ESPIADA.

EXAMINEM OS DESTRO-  
ÇOS A PROCURA DE VES-  
TÍGIOS DE ZODÍACO!  
QUERO SABER SE ESCA-  
POU OU NÃO!

COMO É QUE TO-  
DERIA TER ES-  
CAPADO DE  
UMA EXPLOSAO  
DESTA, DRAGO?

NÃO SEI, DARBY. A  
COISA FOI FACIL  
DE MAIS.

COM ESPANTO  
GERAL, OUVEM-SE  
OS RONCOS  
DE UM  
MOTOR...  
E DE UMA RAMPA  
OCULTA SOB O  
OBSERVATORIO  
DESTROÇADO...

UM HELICOPTERO!

O BARÃO  
ZODÍACO  
ESCAPOU!





O estandarte do Cardeal Joseph Mindszenty, conduzido durante a procissão

## CONTRA A CONDENAÇÃO DO...

(Continuação da pág. 4)

muito mais cruel e o seu martírio é muito maior do que se a sentença fôsse a de morte..."

No Brasil — onde a Igreja Católica Romana conta com maior número de adeptos e cuja população em sua esmagadora maioria professa aquela Religião — o Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, em suas declarações à imprensa, demonstrando a sua mais viva reprobção ao desfêcho do tribunal de Budapest, acrescentou, entre outras coisas: — "A Igreja de Cristo, ferida hoje no que Ela tem de mais augusto — a hierarquia sagrada da sucessão apostólica — não se amedronta e nem se amesquinha ante o crime comunista da Hungria, porque Ela tem a prerrogativa da perenidade outorgada pelo seu próprio Fundador, Nosso Senhor Jesus Cristo — quando lhe prometeu que as portas do Inferno não prevaleceriam contra Ela". E termina fazendo um apêlo ao governo e ao povo brasileiro para que viessem à rua protestar contra a injúria e desagravar a Igreja Católica, atingida impiedosamente com a condenação do Cardeal Primaz Húngaro.

★

Atendendo à conclamação de D. Jaime de Barros Câmara realizou-se, em dias da semana passada, uma grande procissão, seguida da manifestação de protesto do povo católico brasileiro, em que tomaram parte altas autoridades do Governo da República, além de numerosos representantes das Forças Armadas Nacionais, membros da colônia húngara, organizações católicas, líderes das classes patronais, autoridades eclesiásticas, e ainda representantes de muitos sindicatos trabalhistas, operariado e povo em geral.



A elevação do Santíssimo, durante a cerimônia celebrada, no altar armado em frente à Candelária, pelo Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara



O Sr. João Daudt de Oliveira, líder das classes produtoras, o Senador udenista Ferreira de Souza, o ex-Ministro da Agricultura, Apolônio Sales, o Prefeito do Distrito Federal, além de outras altas autoridades num aspecto tomado durante a concentração religiosa



O Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra, o Nuncio Apostólico do Brasil e o Vice-Presidente, Senador Nereu Ramos, além de outras autoridades, no palanque presidencial armado junto à Candelária







roaldo  
mera e  
ssimo

cortejo







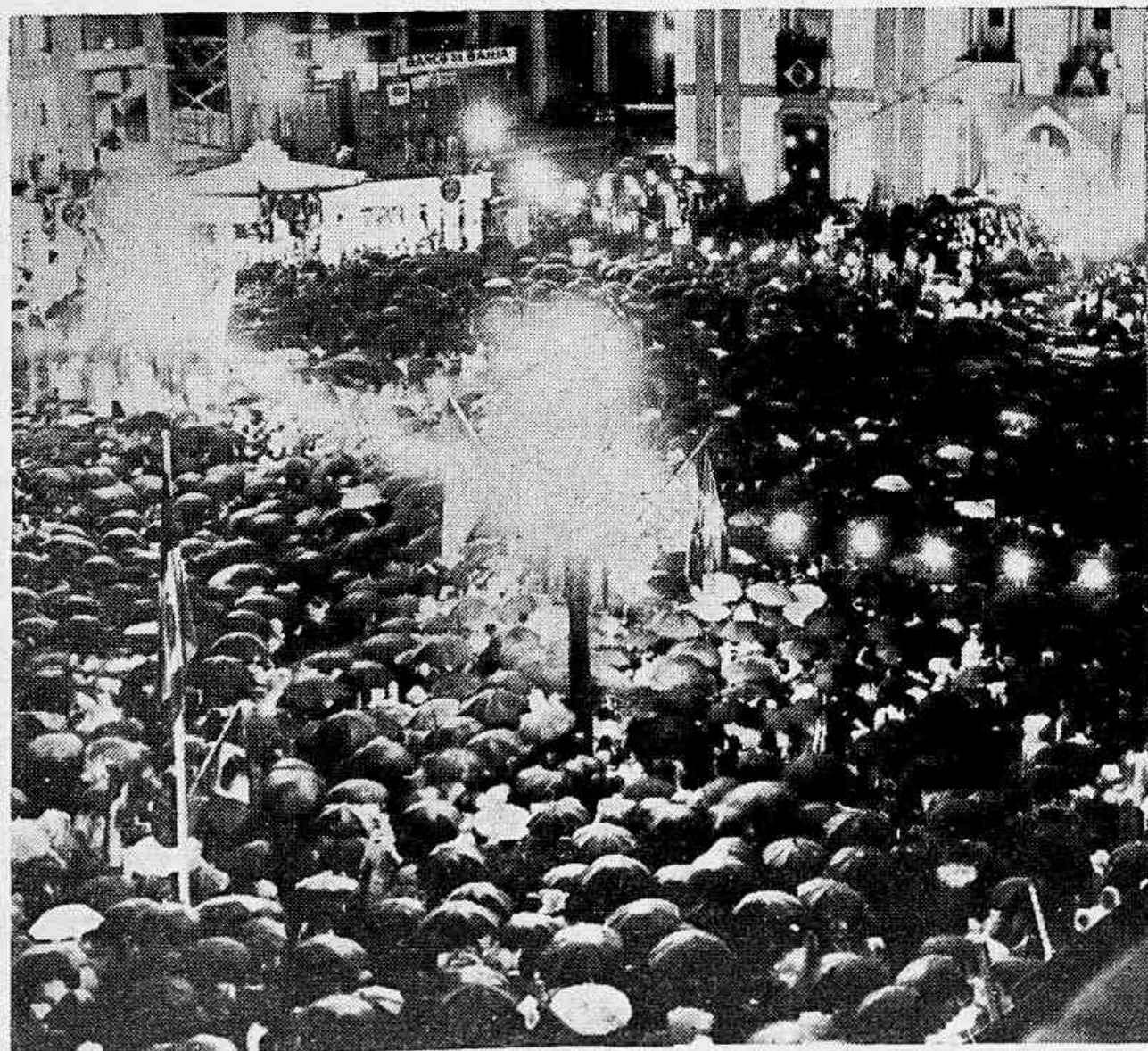
O Senador Nereu Ramos, Vice-Presidente da República, quando pronunciava sua vibrante oração, verberando a conduta do tribunal húngaro no julgamento de Budapest

Apesar do temporal que ameaçava desabar sobre a cidade, na tarde do dia escolhido para a manifestação, grande foi a ocorrência que se verificou. Em frente às escadarias da Igreja da Candelária, situada no fim da Avenida Presidente Vargas, foi armado um altar, com a imagem da Virgem e a Cruz de Cristo. No palanque presidencial, ao lado da Igreja, se encontravam o sr. presidente da República, o sr. vice-presidente, senador Nereu Ramos, o Nuncio Apostólico, ministros de Estado, chefes das forças armadas, elementos do legislativo, do judiciário, autoridades civis e eclesiásticas além de representantes de legações estrangeiras.

★

A concentração dos fiéis para a procissão de desagravo, se realizou nas imediações da Igreja de Santana, dali partindo o imponente cortejo, com destino à Candelária. Sob o pátio — conduzido durante todo o trajeto sucessivamente por diversas autoridades civis e militares — o Cardeal-Arcebispo D. Jaime Câmara levava o Santíssimo Sacramento. O percurso durou cerca de uma hora, chegando finalmente frente ao altar onde o Cardeal Câmara lançou a bênção apostólica sobre os fiéis, sendo em seguida entoados hinos religiosos, acompanhados pela enorme massa que se comprimia em toda a extensão daquele trecho. Logo após, D. Jaime Câmara tomou lugar no palanque, iniciando-se a segunda parte da solenidade, que constou de discursos de protestos contra a condenação do Primaz da Hungria, pronunciados pelo próprio Cardeal Arcebispo, pelo vice-presidente da República, pelo presidente da U.D.N., deputado Prado Kelly, pelo general Juarez Távora e pelo presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores, sr. Diocleciano Holanda Cavalcanti.

Os Ministros Daniel de Carvalho e Adroaldo Mesquita, num flagrante tomado quando a multidão entoava hinos em louvor do Senhor, durante a concentração em frente à Candelária



Apesar da chuva, a multidão se manteve na concentração, para ouvir a palavra dos mais altos dignatários da Igreja e pessoas gradas de solene e formal condenação ao julgamento de Mindszenty



Flagrante da procissão, onde aparece, entre outras personalidades de relevo, acompanhando o pátio, o Brigadeiro Eduardo Gomes e o Prefeito do Distrito Federal



# DECORAÇÕES\*INTERIORES



MOVEIS

CORTINAS

TAPETES

TECIDOS

PASSADEIRAS

ORÇAMENTOS E PROJÉTOS SEM COMPROMISSO



65 - RUA DA CARIOCA, 67 - RIO  
A MAIOR E MELHOR ORGANISAÇÃO DO BRASIL





**Hollywood - Calif.** Um novo filme de Carmen Miranda está causando enorme sensação: "O Príncipe Encantado", com Wallace Beery, Jane Powell, Elizabeth Taylor, e Xavier Cugat. É um novo sucesso da M.G.M.

Seja Carmen Miranda, seja Wallace Beery, para qualquer grande artista de Hollywood, só há uma coisa que interessa, quando se lhes oferece um cigarro: *qualidade*. E é por isso que eles preferem cigarros onde entra a mesma alta qualidade de tabaco que você encontra nos cigarros Hollywood. Prefira também, se deseja alta qualidade, Hollywood.

Cigarros  
**Hollywood**

Cada cigarro Souza Cruz  
é sempre o melhor  
em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

*Souza Cruz*